

THAYS M. DE LIMA

SÉRIE FLORES
flor de lis

O que
resta
de mim

DEPOIS DA VERDADE



THAYS M. DE LIMA

SÉRIE FLORES
flor de lis

*O que
resta
de mim*

DEPOIS DA VERDADE

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Gisele Souza
Copidesque: Renata Margaria
Copidesque e Revisão: Carla Santos
Diagramação Digital: [Layce Design](#)

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.

A black and white photograph of a man and a woman on a motorcycle. The man is sitting on the motorcycle, wearing a leather jacket and sunglasses. The woman is standing next to him, also wearing a leather jacket and sunglasses. They are in a field of tall grass or reeds, with a line of trees in the background. The image is partially obscured by a large, stylized, orange-colored word 'Sumário' on the left side.

Sumário

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Outras obras](#)

[Contato](#)

Para todas as pessoas que já perderam a esperança.

Prólogo

Gabriela



1 segundo.
60 segundos.
1 hora.
24 horas.
1 dia.
1 semana.
1 mês.
12 meses.

É incrível como a nossa vida pode mudar em uma fração de segundos. Num piscar de olhos, tudo aquilo que você acreditava ser real se torna irrereal.

Todos nós já nascemos propensos a sofrer. Uma mãe que carrega um filho no ventre já sabe que enfrentará a dor do parto. Nós seres humanos já sabemos que eventualmente alguém que amamos irá morrer. Todos nós estamos fadados a isso, não importa se você é rico ou pobre, negro ou branco, ou se é gordo ou magro. Você irá sofrer, isto é um fato.

A nossa vida é marcada por momentos, sejam eles bons ou ruins. Mas só nos damos conta que estamos passando por um bom momento quando enfrentamos o ruim, a vida tem um jeito estranho de nos fazer valorizar cada segundo dela.

Se não houvesse mortes, a vida não seria tão preciosa; se não houvesse dinheiro, não haveria pobreza; se não houvesse tristeza, talvez nem soubéssemos o que é felicidade; se não houvesse desespero, talvez não houvesse esperança. Somente quando passamos pelo vale é que sabemos o que é o paraíso.

O meu paraíso é estar ao lado de Guilherme, aprendi que posso ser amada. Aprendi a deixar que ele cuide de mim, aprendi não só a sobreviver, mas sim a viver. Ele me fez superar

cada um dos meus medos, e meus demônios, que ainda estavam dentro de mim. Eu me sentia forte para controlá-los e não deixar que viessem à tona.

Sou um ser humano qualquer, mas a cada dia, eu sentia que poderia ser mais forte.

Durante anos, eu tive batalhas internas intermináveis, aprendi a lidar e não deixar isso me atrapalhar. Mas a vida tem um jeito estranho de fazer as coisas. Eu estava no paraíso e agora é a hora de enfrentar o meu vale, e estou olhando para ele, em carne e osso.

1

Guilherme



Olho para o homem que destruiu a vida da minha menina com raiva, sentindo cada célula do meu corpo enrijecer. Se Gabriela não estivesse em meus braços desacordada, eu o teria matado tamanho meu ódio por ele. O homem a minha frente deveria tê-la protegido, mas não o fez, ele roubou a sua inocência e a sua paz, a machucou não só fisicamente, mas também emocionalmente.

— Vá buscar ajuda, porra! — grito enfurecido para ele, que está apenas parado observando a cena.

Ele se vira para fazer o que pedi e uma roda de pessoas curiosas começa a se formar a nossa volta.

— Gabi. — Toco seu rosto. — Volte para mim! — eu a chamo. Não é a primeira vez que ela desmaia em uma crise de pânico, mas ainda não sei como lidar com isso. Ela parece tão frágil em meus braços, seus lábios perderam o rosado natural, sua pele está pálida e fria.

Depois de longos minutos, ela começa a abrir os olhos lentamente e quando se dá conta da situação sinto seu corpo estremecer em meus braços. Seu pai volta com uma senhora vestida de branco — que deduzo ser a enfermeira do hotel — e ela logo se apressa em aferir a sua pressão. Eu queria poder confrontá-lo, mas não posso deixá-la, mais do que nunca minha menina precisa de mim.

Eu não sei o que pensar. Como alguém que havia morrido anos atrás está bem a minha frente?

Gabriela

Forço meus olhos a se ajustarem a claridade e pisco até que eu consiga abri-los por completo. Estou deitada em algo quente e aconchegante, sinto braços fortes me envolverem e percebo que não é algo, é alguém. Guilherme me segura como se eu pudesse quebrar. Levanto a cabeça, mas tudo parecer doer, e então tudo volta com força total. Vejo o homem parado à minha frente, pisco mil vezes como se isso pudesse fazê-lo desaparecer, mas não o faz, ele continua de pé olhando para mim.

Seus olhos são azuis como os meus, sua expressão é de puro cansaço, parece que ele envelheceu vinte anos e não dez, e devia estar pelo menos dez quilos mais magro. Uma onda de pânico volta a dominar meu corpo. Guilherme parece prever e me abraça mais forte como se quisesse me proteger do mundo, não consigo nem demorar meu olhar muito tempo sobre o homem a minha frente sem conter as lembranças dolorosas.

As lágrimas parecem queimar o meu rosto tamanha a dor que sinto nesse momento.

Como ele pode estar vivo? Eu não o havia matado? Como ele me achou? Onde estava esse tempo todo?

São tantas perguntas na minha cabeça, que ela parece querer explodir.

— Me leva para casa! — peço a Guilherme querendo me levantar. Ele segura minha cintura para que eu não saia do seu colo.

— Consegue andar? — pergunta e eu balanço a cabeça confirmando.

Levanto-me e sinto minhas pernas vacilarem, meus braços balançam no ar em busca de apoio, mas logo sinto Guilherme me segurando para não me deixar cair.

— Quer ligar para a ambulância, senhor? — uma senhora vestida de branco pergunta se dirigindo a Guilherme.

Ele olha para mim e faço que não com a cabeça, quero apenas me esconder até esse pesadelo acabar.

— Não precisa, obrigada — respondo, olho para o homem parado a poucos metros de mim e sinto toda a dor me atingir em cheio.

Quando criança criei uma ilusão de que haviam dois dele. Um era o meu pai amoroso que sempre cuidou de mim, e o outro é esse monstro parado à minha frente que destruiu uma boa parte de quem eu era, mas agora sei que existe apenas um, o monstro é meu pai, o homem que eu tanto amava havia tirado tudo de mim.

Ele tenta se aproximar de mim e dou um passo para trás.

— Não! — Guilherme me senta na cadeira e para a minha frente. — Fique longe dela! Só não arrebento a sua cara agora, porque ela precisa de mim.

— Eu preciso falar com ela — pede com a voz baixa olhando para mim.

— Eu não tenho nada para falar com você.

— Filha... — ele tenta me dizer.

— EU NÃO SOU SUA FILHA! — grito.

Forço minhas pernas a se moverem e assim que elas voltam a funcionar tento fazer com que elas não tropecem uma na outra. Guilherme vem atrás de mim e me ajuda, colocando o braço ao

redor da minha cintura, caminhamos até o elevador que nos leva direto para o quarto.

— Gabi — ouço Guilherme me chamando.

— Eu não acredito, não pode ser real. Por favor, Gui, me diz que não é real — peço implorando para que alguém me acorde desse pesadelo.

— Minha menina. — Ele me abraça e eu encosto minha cabeça em seu peito sentindo seu coração bater, mas nem isso me acalma.

— Você também o viu?

Ergo a cabeça do seu peito e o vejo afirmar a minha pergunta.

— Vamos embora daqui — peço, não quero nem pensar em estar tão perto dele, todas as lembranças ruins que eu lutava para não lembrar voltaram com força total no momento em que olhei os seus olhos azuis como os meus.

— Sim — diz se virando e recolhendo nossos poucos pertences que estão espalhados pelo quarto. Fico apenas sentada na cama com os joelhos apoiados no meu queixo tentando inutilmente não pensar no homem que está no mesmo hotel que eu.

Mas o que ele está fazendo aqui? Por que ele quer falar comigo? E a pergunta que não sai da minha cabeça: como ele pode estar vivo?

— Vamos — Guilherme diz me estendendo a mão para sairmos do quarto, andamos até o elevador, ele me abraça e permanecemos assim até chegarmos ao térreo.

Andamos até a recepção para encerrarmos nossa estadia e paraliso no lugar. Seguro bem firme a mão de Guilherme quando vejo meu pai se levantar caminhando em nossa direção.

Meu coração dá um solavanco e outra crise de pânico ameaça me atingir.

Dessa vez, Guilherme não se controla e avança em sua direção antes que ele se aproxime de mim segurando a gola da sua camisa.

— Sai de perto dela, porra! Você já a magoou demais, seu filho da puta miserável! — Guilherme o empurra e ele fica apenas ali nos olhando, depois de longos segundos ele assente com a cabeça e meu amor me guia até o lado de fora.

O manobrista devolve o carro e Guilherme se apressa em abrir a porta para que eu possa entrar. Faço tudo mecanicamente, pois estou em estado de torpor.

— Quer que eu rode um pouco com o carro? Isso sempre me ajuda — pergunta tirando uma mão do volante para segurar a minha.

— Por favor — respondo agradecida e entrelaço meus dedos nos seus.

Como um fim de semana maravilhoso se transformou em um tremendo pesadelo?

Encosto minha cabeça na janela do carro e fico observando as praias, nas quais passamos, perdida em pensamentos. Ele não disse nada, estava respeitando meu silêncio, e eu agradecia aos céus por isso.

Depois de, pelo menos, duas horas passando por avenidas, ruas e orlas das praias fomos até o seu apartamento que praticamente era a minha casa agora.

Ele vai até o quarto e demora alguns minutos lá dentro, meus olhos voltam a se encher de lágrimas quando me lembro da sua imagem em minha cabeça. Antes que outra crise de pânico me domine, Guilherme volta e segura minha mão, me puxando em direção ao quarto.

— Venha, enchi a banheira para você.

Nesses últimos meses, Guilherme tem me feito tão bem! E quando achei que finalmente estava juntando os meus pedaços, tudo desmorona mais uma vez.

Entro no banheiro, e sou recebida com o cheiro dos sais de banho que havia comprado semana passada. Sempre amei ficar na banheira e como no alojamento não tinha uma eu sempre

usava a do apartamento, quando ficava aqui.

Meu namorado me ajuda a tirar o vestido que havia posto aquela manhã e tira a sua camisa.

— Ah, minha menina, como eu queria que nada disso fosse verdade — diz com os olhos tristes.

— Eu... — faço uma pausa tentando organizar meus pensamentos, mas é impossível. — Ainda não consigo acreditar. Como ele pode estar vivo? Eu o matei, Gui, eu o matei com minhas próprias mãos — soluço, ele me abraça e eu deixo que o calor do seu corpo me aqueça.

Depois de alguns segundos, ele me solta e me ajuda a entrar na banheira, e fica na borda sentado enquanto meu corpo mergulha na água quente, absorvo essa sensação e deixo que minha mente se esvazie, suas mãos massageiam meus ombros e meu pescoço, suas mãos fazem com que todo o meu corpo relaxe em questão de segundos.

— Entra — peço querendo urgentemente sentir o calor do seu corpo. Ele rapidamente tira o short, a boxer que estava usando, a deixa no chão do banheiro e, em seguida, entra na banheira atrás de mim. Seus braços fortes me envolvem colando meu corpo ao seu. Apoia o queixo em meu ombro e diz:

— Gabi, eu não vou deixá-lo chegar perto de você, eu prometo, ele nunca mais vai te fazer mal.

Solto uma risada fria sem emoção, pois sei que será quase impossível. Se depois de todos esses anos ele está vivo e conseguiu me encontrar é uma das provas de que talvez eu nunca me livre dele. Minha vida sempre será marcada pelo meu passado.

— Obrigada — agradeço mesmo assim, me viro de frente para ele e o beijo. Guilherme roça as pontas dos dedos na minha bochecha e me puxa para mais perto dele. Nossos lábios se separam, e seus braços me envolvem em um abraço.

— Eu te amo, minha menina.

— Eu também te amo, Gui.

A black and white photograph of a man and a woman on a motorcycle, parked in a field. The woman is sitting behind the man, and both are wearing leather jackets and sunglasses. The background shows a line of trees under a bright sky.

2

Maria Rita

Vou até o meu frigobar e procuro algo alcoólico para beber, acho um vinho seco ainda pela metade, caminho até a bancada de madeira negra onde ficam algumas louças, e encho a taça até a borda.

Faz horas que tento falar com meu marido, mas não consigo. Ter amigos nos lugares certos nos permite algumas regalias. Márcio tem um aparelho escondido em seu quarto há algum tempo, que nos permite manter contato.

Saio do escritório frustrada em direção ao estacionamento e vou direto para casa.

Entro em casa e descalço meus pés, sento no sofá enquanto aguardo ter notícias dele.

Observo a minha casa grande e luxuosa e me sinto mais solitária ainda, decido ir até o quarto, subo as escadas e entro nele para me trocar, mas ouço meu telefone tocar.

— *Maria Rita!* — ouço uma voz feminina conhecida e ofegante do outro lado da linha. — *Eu não sei como... mas Márcio recebeu alta.*

— O quê? Como isso é possível? — Minhas pernas vacilam e eu sento no sofá com o coração aos pulos.

— *Eu acabei de ver os papéis, a médica dele fez um laudo informando que seu marido estava apto para retornar. Deixe-me lembrar... ah, eu vi que o processo já estava correndo há mais de seis meses. Só consegui essas informações, Maria Rita, me desculpe. Como ele não é o meu paciente, não posso acessar a ficha completa...*

Aperto o meu celular em minhas mãos e sinto a raiva me dominar. Não acredito que ele escondeu isso de mim, não depois de tudo que eu havia feito por ele.

Aposto que ele foi até Gabriela!

Tento ligar para ela, mas também não me atende. Já faz quase um mês desde a última vez que falei com ela, não me admira que não me atenda também, eu não fui uma boa mãe e nunca

serei.

Todo o meu corpo treme, vou até a minha gaveta onde guardo meus remédios e tomo alguns comprimidos, sinto meu corpo formigar, deito na cama e sou levada para um sono profundo caindo nas lembranças do passado.



Março de 2006

Jogo os papéis na mesa irritada. Mais um caso perdido! Isso está se tornando constante. Eu não consigo mais defender meus clientes com tanto afinco.

Tenho esse escritório desde que me formei, ganhei credibilidade e sou muito bem-sucedida, mas agora as coisas estão indo de mal a pior. E eu não faço ideia do que está acontecendo. Eu tenho tudo que uma mulher pode desejar; uma casa, estabilidade financeira, um marido, um trabalho digno e uma filha.

Mas por que não me sinto feliz?

Abro o meu frigobar, um ato que se tornou habitual com o passar dos anos e tomo uma taça de vinho. Quando termino deixo o copo em cima da mesa mesmo. Pego meus pertences, tranco meu escritório e dirijo até em casa.

Toco a campainha, mas a empregada não vem atender... provavelmente havia ido embora.

Imprestável! Ela mal tem feito o trabalho direito e ainda vai embora cedo.

Testo a maçaneta e a porta se abre. Procuro pelo meu marido, mas não o encontro. Subo as escadas para ver se ao menos Gabriela está em casa. Quando entro no quarto dela, meu coração quase salta pela boca. Levanto as mãos trêmulas à boca para evitar o grito de desespero.

Meu marido está no chão desacordado com sangue ao redor da cabeça e em volta do pescoço.

— O que aconteceu? — pergunto para ninguém em particular, não existe mais ninguém nesse cômodo além de nós dois, me abaixo para testar a sua pulsação e sinto suas veias pulsarem contra os meus dedos.

Graças a Deus ele está vivo! Puxo meu celular do bolso traseiro e disco o número da ambulância, eles atendem no segundo toque e informam que chegarão em alguns minutos.

Caminho pelo quarto me perguntando onde Gabriela havia se metido. Depois de alguns minutos, ela entra no quarto olhando suas mãos que estão sujas de sangue.

— O que aconteceu? — volto a perguntar, dessa vez para ela. — Por que suas mãos estão sujas de sangue, Gabriela?! — grito. — O que foi que você fez?

Ela soluça e senta no chão puxando os joelhos para si.

— Eu fiz uma pergunta Gabriela!

— Eu... ele... — ela começa a soluçar. Olho para ela, e abro a boca para lhe repreender, mas sou interrompida quando ouço o barulho das sirenes indicando que o socorro havia chegado.

Desço as escadas em passos largos e abro a porta, para que eles possam entrar. Volto ao cômodo acompanhada pelos paramédicos e os vejo imobilizarem-no.

Um homem com uma farda de policial me olha atentamente e se aproxima de mim e de Gabriela.

— Preciso fazer algumas perguntas à senhora e a sua filha. Não se preocupe, eles ainda estão o imobilizando. Temos tempo — diz olhando para as escadas. — Pode nos contar o que aconteceu?

— Eu não estava em casa — digo louca para que esse interrogatório termine e eu possa ver o meu marido.

— E você, juvenzinha, estava em casa? — ele pergunta anotando algo em seu bloco de notas. Gabriela balança a cabeça afirmando.

— Mãe, preciso fazer algumas perguntas a ela, já que ela era a única pessoa que estava na casa além dele.

Olho para ele com raiva. Isso é hora de fazer pergunta? Só quero saber como o meu marido está.

— Conte-me o que aconteceu.

Vejo seus lábios tremendo assim que ela me olha.

— Ande, conte a ele, também quero saber.

— Ele... me tocou — diz com a voz baixa, olho para ela tentando entender aonde ela quer chegar.

— Onde ele te tocou, querida? — pergunta se abaixando para ficar à altura dela.

— Em... todo lugar — diz olhando para os próprios pés.

— Em todo lugar? — pergunta anotando algo em seu bloquinho lançando para mim um olhar reprovador.

— Como você se chama?

— Gabi.

— Gabi, há quanto tempo isso vem acontecendo?

Gabriela olha para mim e direciono o olhar para ela incrédula. Por que ela está inventando essas coisas sobre o próprio pai? Aonde ela quer chegar com isso?

— Há algum tempo — diz olhando para os sapatos.

— Gabi! Por que você está inventando tudo isso? Seu papai é bom para você — digo, ela tem uma imaginação e tanto, isso já está me irritando.

— Foi você quem o machucou? — o policial pergunta me ignorando.

Ela olha para as próprias mãos trêmulas e balança a cabeça afirmando. Chega dessa palhaçada!

— Gabi! Seu pai nunca faria isso! — digo. Sei que, às vezes, nós brigávamos e ele se exaltava um pouco, mas ele nunca a machucaria.

— Deixe-a falar! — o policial me repreende.

— Você sabe quem eu sou?

— Sei, é claro que eu sei... e é por isso que a senhora sabe que estou apenas fazendo o procedimento que me é imposto.

Bufo irritada. Quem ele pensa que é para falar assim comigo?

— Ela precisa fazer um exame de corpo de delito — informa e olho para ela incrédula.

— O quê? Você vai mesmo acreditar nas coisas que uma criança está dizendo?

Não é possível que ele seja tão idiota a ponto de acreditar em uma criança! Elas adoram fantasiar.

— Senhora... me desculpe o termo. Mas a senhora só pode estar cega. Olhe para os braços da sua filha. Ela não está inventando isso tudo. Sua filha precisa fazer os exames. Uma viatura levará vocês até o IML.

— E o meu marido? — pergunto irritada.

— Após o exame você está liberada para vê-lo — diz se virando para subir as escadas.

Depois de alguns minutos, os paramédicos descem as escadas com meu marido imobilizado e ainda inconsciente, as lágrimas queimam em meus olhos e engulo em seco e pisco rápido para evitar que elas caiam.

Solto um longo suspiro, olho para Gabriela e seguro seu braço.

— Vamos.

— Eu não quero ir — choraminga.

— Você tem que ir. Você causou isso tudo, agora aguenta!

— Mãe...

3

Gabriela



Duas semanas haviam se passado e não tive mais notícias dele, toda a paz e tranquilidade que eu havia conquistado foi por água abaixo. Agora ando na rua com medo, e sinto o terror invadir o meu corpo toda vez que vejo algum homem me olhando por mais de trinta segundos, a todo instante fico prestando atenção a minha volta para ver se não estou sendo seguida.

Entro no refeitório e encontro Milena com seu novo amigo, Rodrigo, que faz medicina assim como ela; seus cabelos loiros estão perfeitamente penteados para trás e ele veste uma roupa social simples.

— Dia — os cumprimento.

— Bom dia, Chuchu! — diz animada e tento sorrir para não preocupá-la, mas ela sempre sabe quando há algo de errado comigo. — Estava com saudades.

Eu havia faltado boa parte das aulas e quando vinha não conseguia ver Milena, pois não a encontrava, ficamos nos falando apenas por mensagem de texto. Nessas duas semanas que fiquei no apartamento de Guilherme, por causa dele.

Eu tenho medo de encontrá-lo; só de ouvir seu nome, de lembrar-me do seu rosto, todo meu corpo treme de medo, mas eu tenho que seguir com a minha vida.

— Vou comprar um suco, vocês querem algo? — Rodrigo pergunta e nós agradecemos falando que não.

Ele vai em direção à cafeteria e Milena fica me olhando com seus olhos inquisidores.

— Chuchu, o que houve? Você tem faltado muito e não acredito que você estava doente como Guilherme havia dito e hoje você aparece com essa carinha triste.

Eu ainda não havia contado nada a Milena, ainda estava tentando entender tudo isso, mas não consigo esconder nada dela.

— Meu pai — começo. — Ele está vivo, Mi.

Seus olhos quase soltam do seu rosto de tão esbugalhados que estão, minha amiga abre a boca diversas vezes tentando dizer algo.

— Como aquele monstro pode estar vivo?

— Eu tenho me feito a mesma pergunta durante essas semanas. — Suspiro.

— Ele... — ela gagueja — te machucou?

— Não, Mi. Guilherme não deixou que ele chegasse perto de mim.

— Eu não acredito nisso, temos que chamar a polícia, Chuchu, isso é grave, ele é um monstro e deveria estar na cadeia.

— Eu não quero passar por aquilo de novo, Mi, não nessa cidade onde eu estava recomeçando, não quero que ninguém saiba da minha história e se eu chamar a polícia todo mundo vai saber, vai ser como da última vez, as pessoas vão olhar para mim com pena, e ele não tentou mais chegar perto de mim, só quero esquecer — digo a ela com um bolo se formando na minha garganta.

— Se algo acontecer, sou a primeira a chamar a polícia, entendeu? — diz e concordo com a cabeça, não posso culpá-la por querer me proteger.

— Meu Deus, Chuchu, nem sei o que te falar — diz frustrada.

— Tudo bem, Mi. — Seguro sua mão. — Me conta! Você e o Rodrigo, hein?

— Ah, Chuchu, ainda estamos conversando. Ele veio de uma família bem conservadora. Não tentou nada comigo ainda, é um perfeito cavalheiro, mas não consigo sentir nada. Aquele frio na barriga que sinto só de ver Rafael? Isso não acontece com ele — diz com o semblante triste.

— Você e ele...? — deixo a pergunta no ar.

Ela coloca uma mecha de cabelo ruivo atrás da orelha e me olha.

— Ficamos juntos algumas vezes, como você já desconfiava... mas eu quero algo mais, Gabi. — Seus olhos ficam marejados e ergo minha mão para segurar a sua em cima da mesa.

Minha amiga quer um amor épico, ela merece isso. Não alguém que só irá brincar com o seu coração. Rafael se tornou um amigo muito querido. Mas sei o quanto ele é galinha. Eu nunca o vi com a mesma garota mais de uma vez. Ele não é o tipo de cara que se envolve em relacionamentos amorosos, e eu não quero ver a minha amiga sofrer por causa dele.

— Ah, Mi, dê tempo ao tempo, quem sabe você não passa a gostar do Rodrigo? — Ela me dá um sorriso que não chega aos seus olhos e solta minha mão.

Rodrigo volta com sua bebida interrompendo nossa conversa e se senta na cadeira ao lado de Milena.

— Chuchu, quer ir ao cinema com a gente amanhã? — Mi pergunta depois de alguns minutos.

Penso em recusar, mas já fiquei tempo demais afastada da minha vida por causa dele.

— Claro, vou ver com Guilherme se ele quer ir também.

— Como se ele fosse recusar algo a você. — Ela sorri.

— Quem é Guilherme? — Rodrigo pergunta bebericando seu café.

— O namorado dela — Mi responde a ele.

Almoço com Milena e Rodrigo e vou para a minha sala. Depois de três horas de aula sobre Equações Diferenciais caminho pelo campus indo em direção ao alojamento. Sinto como se estivesse sendo seguida, olho para os lados, mas não encontro ninguém. Apresso meus passos e entro no prédio com o coração acelerado, abro a minha porta com as mãos trêmulas e assim que entro a tranco e encostona parede tentando me acalmar.

Aconchego-me na cama abraçando minhas pernas e acabo adormecendo. Acordo quando Júlia entra no quarto acendendo a luz e fazendo barulho.

— Desculpa ter te acordado.

— Não tem problema, já era para eu ter levantado. — Esfrego meus olhos, que ainda estão tentando se ajustar à luz.

Ela senta na beirada da sua cama olhando para o seu celular. Olho para o relógio e vejo que já está bem em cima da hora, decido pegar minhas coisas para tomar um banho.

— Gabi! — Júlia grita do quarto. — Eu vou dar uma saída.

— Vou ao cinema com Mi daqui a pouco, você não quer ir?

— Não vai dar. Beijos. Divirta-se! — diz e ouço o barulho da porta sendo fechada.

Júlia tem ficado tão distante nesses últimos meses. Eu não faço ideia do que está acontecendo com ela. Estou tão perdida em meus problemas que acabei negligenciando nossa amizade.

Termino de tomar meu banho e quando começo a me arrumar, meu telefone toca e vejo o número de Guilherme na tela.

— Gui — atendo.

— *Gabi, eu não vou conseguir ir ao cinema com você e Milena, eu estou no estágio ainda e não tenho hora para sair* — suspira desanimado. — *Eu pedi para o Rafa te levar até lá, vou tentar sair a tempo para te buscar.* — Ouço o barulho de alguém digitando rapidamente em um computador, ele realmente deve estar muito atarefado.

— Gui, não precisava. Eu podia pegar um táxi.

Ele resmunga algo.

— *Melhor não, Gabi, não confio naquele homem.*

Ouço uma batida na porta do meu quarto antes que eu possa responder.

— Tudo bem, acho que ele já chegou, me deixa desligar. Beijo.

— *Desculpa, Gabi, te amo, divirta-se, qualquer coisa não hesite em me ligar.*

— Está bem! Te amo.

Abro a porta e vejo Rafael trajando uma calça jeans preta justa rasgada no joelho, uma camisa branca justa que marca seus músculos, e um boné também branco virado para trás combinando perfeitamente com sua camisa. Ele está com o fone de ouvido nas alturas, mas o tira assim que me vê.

— Oi, Anjo, está pronta? — pergunta beijando minha testa.

— Sim, entra — o convito e percebo o quanto as coisas foram mudando, eu já não tenho mais medo de ficar sozinha com ele e nem com Lucas. — Só vou pegar a minha bolsa e já podemos ir.

— Está bem — diz se acomodando na minha cama mexendo no celular.

Pego minha bolsa e aviso que já podemos ir.

— Você vai ficar também? — Guilherme havia dito que ele apenas me levaria e não que ficaria, pois tenho certeza de que se ele ficar Milena irá surtar.

— Não posso, Anjo, tenho um compromisso.

— Espero não estar atrapalhando.

— Não me atrapalha em nada — diz sorrindo.

Seguimos a viagem até o shopping ouvindo algumas mixagens que ele havia feito.

— Nossa, você é muito bom! — Não entendo muito de mixagem, mas gostei de todas que tocaram.

— Eu sei — diz bem orgulhoso de si mesmo.

— Convencido — Bato em seu braço. — Você pode me deixar aqui mesmo — digo assim que paramos em frente ao shopping com uma fachada toda de vidro num tom esverdeado para que ele não precise estacionar.

— Não posso não. Prometi ao Gui te entregar nas mãos da Milena — diz já entrando no estacionamento.

Rafael é o único que sabe de tudo que aconteceu, ele me pegou chorando quando foi até o apartamento, para trazer a matéria de cálculo dois — sim ele também havia reprovado em cálculo dois — e um dos trabalhos que o professor havia passado. Então acabei me abrindo com ele, pois não aguentava mais guardar tudo isso dentro de mim. Ele não sentiu nojo de mim, nem pena, na verdade ele parecia estar furioso.

— Eu não sou nenhum bebê — digo irritada.

— Não, você não é. Mas se algo acontecer com você, o Gui irá cortar as minhas bolas. E você sabe como eu as prezo. — Céus! Ele parece irredutível. Milena vai surtar quando o vir.

Rafael estaciona o carro e pegamos o elevador que nos leva direto ao andar do cinema, ele digita algumas vezes no celular até chegarmos onde Milena se encontra. Minha amiga está com uma calça jeans de cintura alta branca com um *cropped* listrado e uma sapatilha preta combinado com as listras.

Quando ela vê Rafael, sua boca se abre e fecha diversas vezes como se não acreditasse que está bem ali a sua frente, tentei evitar que minha amiga o visse, mas ele insistiu em me levar até ela.

— Ruivinha — diz olhando para ela com os olhos brilhando. — Uau! — Ele dá o seu típico sorriso safado, caminha até ela e lhe dá um beijo em seu pescoço, minha amiga arregala os olhos e vejo Rodrigo confuso ao seu lado.

Assim que ele se afasta, ela o repreende com o olhar.

— Esse é o Guilherme? — Rodrigo diz franzindo o nariz como se não tivesse gostado muito de Rafael... ou seria do beijo?

— Não, sou Rafael. — Ele lhe estende a mão tatuada e Rodrigo parece pensar bem antes de apertar. — E você quem é?

— Rodrigo — responde meio relutante.

— Obrigada, Rafa — agradeço a ele por ter me trazido e me despeço, tentando fazer com que ele vá logo antes que Milena tenha um surto.

— Não há de que. Pensando bem, acho que vou assistir ao filme com vocês. — Ele sorri para minha amiga que parece estar em choque por saber que Rafael ficará mais tempo que o previsto.

— Achei que você tivesse um compromisso — digo.

— Não é nada importante. — Ele volta a atenção para o seu celular e se afasta falando que precisa fazer uma ligação.

— Não sabia que você andava com marginais — ouço Rodrigo dizendo a Milena.

Mi abre e fecha a boca diversas vezes e coloca uma mecha do seu cabelo ruivo atrás da sua orelha; um gesto que ela faz sempre que está nervosa.

— Você me chamou de quê? — pergunta Rafael guardando o celular no bolso se aproximando de Rodrigo, que logo dá um passo para trás. Se eu fosse ele teria medo do Rafael, que tem aquela aura de perigo e assusta qualquer um que não o conheça com apenas um olhar quando quer.

— Marginal — ele tem coragem de repetir. — Olha só essas tatuagens, o boné virado para trás, as calças rasgadas, seu lugar não é aqui, é na cadeia!

— Seu preconceituoso de merda! — Rafael cerra os punhos ao redor do corpo, toco seu braço o aproximando de mim, pois tenho certeza de que ele está por um fio.

— Para com isso, Rodrigo. Ele não é um marginal, ele é nosso amigo — Milena o defende e vejo o cantinho da boca de Rafael se levantar formando um meio sorriso. Posso apostar que ele está adorando tudo isso.

— Isso aí, engomadinho, sou amigo delas; e em outros momentos até mais que amigo — Rafael diz e pisca para ele, rindo. Vejo Rodrigo enrubescer, mas ele não diz nada, e Milena parece estar petrificada no lugar.

— Eu não preciso disso — ele diz se virando para ir embora.

— Rodrigo! — Mi vai atrás dele, mas ele a ignora. Ela volta para onde eu e Rafael estamos e bate no peito dele chorando.

— Seu idiota! Você estragou tudo! — Ela continua batendo e ele segura suas mãos.

— Calma, ruivinha — ele diz a ela, que o olha com mais raiva ainda.

— Solta ela, Rafa — peço a ele, que logo me atende.

Milena está com a maquiagem borrada e algo me diz que ela não está assim pelo fato de Rodrigo ter ido embora.

— Vamos embora. — Passo o braço nas suas costas e a levo para fora do shopping.

— Vou buscar o carro — Rafael diz segurando a chave.

— Não, nós vamos de táxi — Milena diz para ele.

— Anjo, você sabe o que eu prometi ao Guilherme — diz passando a mão pelo boné.

— Eu vou ficar bem — digo a ele.

— Porra, Gabi! Assim que chegar em casa me liga, entendeu? Guilherme é louco por você, se algo acontecer com você...

— Eu sei — o interrompo.

Ele balança a cabeça concordando, beija minha testa e se vira caminhando até a saída.

Durante todo o trajeto até à casa de Milena não ouço uma palavra da sua boca. Tento falar com ela, mas minha amiga só me respondeu por monossílabos.

Pago o taxista e subo com ela para o seu apartamento.

Ele é todo decorado num estilo *retro*, tão colorido e cheio de vida! É a cara da minha amiga.

Vou com ela até o seu quarto e fico na sua cama, fazendo carinho em seus cabelos em silêncio. Mi sempre foi uma pessoa forte, vê-la tão frágil parte meu coração.

Assim que ela adormece fecho a porta do seu apartamento e desço até o térreo. Pego meu celular para chamar um táxi, mas vejo que está sem bateria, a rua está um pouco deserta e sei que não irá passar nenhum táxi por aqui agora, então decido andar até aonde tem alguns restaurantes para tentar pegar um por lá.

Sigo pela rua com o coração aos prantos, quando vejo faróis atrás de mim e o medo começa a me dominar. Não consigo nem ver o modelo do carro, o farol está muito alto e atrapalha minha visão. Apresso os passos, viro a esquina, e o carro faz a curva junto comigo. O ar começa a me faltar e sinto uma onda de pânico, então começo a correr e o carro acelera conforme aperto os passos. Agora ele está ao meu lado abaixando o vidro.

— Anjo! Para de correr — ouço a voz de Rafael e quase caio no asfalto de alívio.

— Você quase me matou de susto! — digo entrando no carro.

— Que porra você estava pensando, andando sozinha a essa hora com a rua deserta?
— Fiquei sem bateria, eu ia só até o restaurante da esquina tentar pegar um táxi lá.
— Porra, Anjo! O Gui vai me matar, sabe disso, né?
— Você estava me seguindo?
— É claro! Eu te disse que prezo as minhas bolas. — Ele fica em silêncio por alguns segundos e acrescenta: — Eu me preocupo com você, Gabi.

Sorrio.

O Rafael tem esse jeito durão e não demonstra que ama as pessoas, mas sei que se importa mesmo sem dizer, caso contrário não estaria aqui.

— Sei, obrigada — agradeço. Nem sei o que faria se não fosse ele o motorista.

— Minhas bolas estão salvas, por enquanto!

— Será que dá para parar de falar nas suas bolas? — gargalho. É impossível ficar de mau humor ao lado de Rafael.

— Como ela está? — finalmente pergunta.

— Bem — minto.

Sei que Milena não iria gostar se eu falasse para ele que tudo que aconteceu mexeu mais com ela do que ele imaginava. Minha amiga está apaixonada por Rafael. Mesmo que ela não tenha dito isso para mim em voz alta. Só de ver seus olhinhos brilhando quando falamos o nome dele já dá para anotar, porque é exatamente o mesmo olhar que eu tenho quando falam de Guilherme perto de mim.

O celular de Rafael toca e ele aperta um botão no painel do carro e a voz de Guilherme soa no alto-falante do carro.

— Fala, cuzão! — Rafael o atende, solto uma risadinha.

— *Você está com Gabi?*

— Estou aqui! — digo.

— *Graças a Deus. Seu celular só dava desligado e eu estava morrendo de preocupação...* — ele para de falar. Sei exatamente o motivo da sua preocupação.

— Eu estou bem.

Ele solta um suspiro de alívio e continua:

— *Eu só consegui sair agora, estou indo te encontrar. Em qual shopping vocês estão?* — pergunta.

— Eu estou indo para o alojamento — respondo a ele.

— *Mas já? O que houve?* — pergunta.

— Depois eu te conto.

— *Vem para o meu apartamento, estou com saudades* — pede.

— Vou ver se o Rafa pode me levar.

— É claro que esse cuzão vai te levar — diz Rafa sorrindo.

Falamos mais alguns minutos, e ele me conta que acabou ficando preso no estágio porque acabaram de iniciar um projeto novo. Rafa para o carro no meio-fio, mas avisa que não irá subir. Agradeço a ele e saio do carro, enquanto ele espera até que eu entre de fato no prédio para ir embora.

Abro a porta com a minha chave e encontro Guilherme deitado no sofá com o fone no ouvido e os olhos fechados. Ele está sem camisa, e com apenas um short que deixa o cóis da sua boxer à mostra. Vejo sua mão sobre o seu peito e avisto nossa aliança, meu coração se enche de amor. Sou tão sortuda por tê-lo ao meu lado! Caminho até ele, que continua de olhos fechados, e

toco seus lábios com os meus, sem conseguir me conter. Acho que nunca me cansarei de lhe beijar. Ele assusta com o meu gesto e logo se senta tirando os fones de ouvido.

— Você quase me matou de susto!

— Não queria te acordar. Desculpa, mas não resisti — digo me sentando ao seu lado.

— Eu não estava dormindo, só tentando relaxar um pouco.

— Dia difícil? — pergunto.

— É só um projeto novo que está dando um pouco mais de trabalho do que deveria. Mas não quero falar sobre isso agora. Me conta, o que houve?

Conto a ele sobre a briga entre Milena e Rafael e ele ouve tudo atentamente.

— Rafael é complicado. — Coça a cabeça.

— Nem percebi — digo ironicamente.

Eu gosto do Rafael, ele se tornou um bom amigo, mas não gosto de ver minha amiga sofrer por causa dele.

Ficamos aninhados no sofá curtindo a presença um do outro, e eu não queria estar em outro lugar que não fosse os braços de Guilherme.

— O que acha de morar aqui? — pergunta casualmente como se isso não fosse um passo enorme no nosso relacionamento.

— Um dia de cada vez, Guilherme Ávila! — respondo com o coração aos pulos.

— Minha cama fica tão fria sem você. — Distribui pequenos beijos pelo meu pescoço.

— Isso é golpe baixo! — Sinto toda minha pele arrepiar quando a ponta da sua língua alcança um ponto abaixo da minha orelha.

— Diz que sim — pede me olhando com seus olhos verdes brilhantes.

— Vou pensar. — Sorrio.

Passar todos os dias da minha vida com Guilherme é o que mais desejo, mas ainda não me sinto pronta. É cedo demais. Não quero me precipitar.

— Você ainda vai me matar, Gabriela — diz rindo.

Ele começa a subir suas mãos pela minha perna fazendo todo meu corpo entrar em combustão instantânea. As pontas dos seus dedos param no cóis da minha calça, ele tira minha blusa, me deixando apenas de sutiã, e se inclina para beijar minha barriga.

Sua boca faz uma trilha do meu umbigo até parar bem perto do meu seio. Ele abre o fecho do meu sutiã que fica na frente e cola seu corpo no meu enquanto sua boca captura um dos meus seios.

— Porra! Tão gostosa — sussurra contra o meu seio.

Sinto seu hálito quente me fazendo cócegas, jogo a cabeça para trás e pressiono uma perna na outra para me aliviar. Mas Guilherme percebe e as afasta tirando minha calça me deixando apenas de calcinha.

— Você está vestido demais — resmungo.

Ele dá aquele sorrisinho com um par de covinhas, e me derreto com o seu olhar sobre mim, toco a tatuagem da flor-de-lis e acho que eu me apaixonaria ainda mais se fosse possível.

Céus, o que eu fiz para merecer tanto amor? Guilherme me toca como se venerasse cada parte do meu corpo. Me pega no colo e me leva até sua cama. E, após ir ao paraíso diversas vezes com ele, caio em um sono profundo.

Guilherme

Abro meus olhos os forçando a se ajustarem à claridade que está passando pela janela do quarto. Sorrio ao sentir Gabriela enroscada no meu corpo, ela está de frente para mim com a cabeça encostada em meu peito e as pernas entrelaçadas nas minhas. Olho para minha menina deitada e fico pensando no quanto ela sofreu e no quanto ainda sofre com tudo que aconteceu no seu passado.

Quando seus fragmentos finalmente estavam se juntando, o seu passado mais uma vez voltou para atormentá-la, mas, dessa vez, ela tem a mim, e não irei abandoná-la.

Eu a amo tanto que chega a doer. Eu nunca havia entendido esse sentimento até senti-lo. Passo as mãos pelos seus cabelos e beijo sua testa me levantando, ela apenas murmura algo incompreensível sem abrir os olhos e vira para o outro lado. Levanto da cama e começo a me aprontar para dar uma corrida, deixo um bilhete para ela e pego as chaves da minha moto para me encontrar com Lucas e Rafael.

Eu e Lucas conseguimos nos entender, e a nossa amizade voltou a ser como era antes. Fiquei puto quando descobri que ele gostava da minha irmã de verdade. Lucas é um mulherengo de primeira e minha irmã não precisa disso agora, mas desde que ele se declarou para ela, nunca mais o vi com nenhuma menina. Então acabei aceitando a ideia, mas acho que já era tarde porque Júlia não o queria ver nem pintado de ouro.

Assim que chego ao nosso ponto de encontro, o vejo sentado na areia da praia com a cabeça entre os joelhos.

— E aí, cara, o que está pegando? — pergunto a ele, que logo solta um suspiro derrotado com os olhos fixos no mar.

— Nada — diz ainda sem olhar para mim.

— Lucas, você não me engana, não mais.

— É complicado.

— Tem a ver com a minha irmã?

— Um pouco. Sinto falta dela, Gui. Mesmo que ela não goste de mim como eu gosto dela, sinto falta da nossa amizade — diz dessa vez olhando para mim e vejo como seu semblante está triste e derrotado; seus olhos estão com olheiras profundas e a sua barba está por fazer, Lucas nunca foi desleixado com sua aparência, mas agora parecia que um caminhão havia passado por cima dele.

— Ela tem se afastado de todo mundo, Lucas, só espero que ela não sucumba à escuridão mais uma vez, acho que ela não aguentaria — digo a ele com um bolo em minha garganta. Lucas e Júlia são amigos desde que nos mudamos para o Rio. Como nossa casa era perto, ela passou a nos visitar mais e eles acabaram se aproximando. É óbvio que eu não gostei nada disso, afinal ela é a minha irmã. Mas nunca vi maldade nos olhos de Lucas, assim como eu ele só queria protegê-la de tudo. Quando minha avó adoeceu, passei a visitá-la mais e Lucas sempre pedia para ir comigo. Eu nunca neguei, pois minha irmã ficava feliz com sua companhia.

— Eu não deixarei — Lucas murmura baixinho me desviando dos pensamentos, mas consigo escutar cada palavra que sai da sua boca. Sinto um aperto no peito ao constatar que o seu amor

pela minha irmã é ainda maior do que pensei. Antes que eu consiga dizer algo, Rafael se joga na areia ao nosso lado.

— E aí, que porra de caras são essas? — Lucas revira os olhos para Rafael e eu apenas sorrio. — Júlia ainda está fazendo cu doce? — Sinto meu rosto ficando vermelho.

— Olha como você fala, porra, é da minha irmã que estamos falando!

— Desculpa, cara, foi mal! — diz agora observando o mar. — É por isso que eu não me apaixono.

— Ninguém está imune a esse sentimento, Rafael — Nunca imaginei que algum dia essas palavras saíam da minha boca, mas desde que reencontrei Gabriela, percebi que nunca fui imune a esse sentimento. Eu sempre a amei, só não sabia disso.

— Eu estou — diz convicto.

— Isso é o que veremos — digo me levantando da areia.

Ajudo Lucas a se levantar e ele ajuda Rafael, corremos uns cinco quilômetros na orla da praia. O ar fresco, o sol e o mar, em um conjunto só me trouxeram um pouco de paz e tranquilidade. Olho para o relógio preocupado com a hora e vejo que ainda são nove horas da manhã, Gabi só teria aula às onze, então não preciso correr até em casa.

Despeço-me dos caras e no caminho compro algumas coisas para minha menina tomar café. Um sorriso nasce no meu rosto só de lembrar que ela está na minha cama. No meu quarto.

Abro a porta de casa e a encontro enroscada no sofá com o notebook nas mãos. Ela sorri para mim assim que me vê.

O sorriso que ilumina cada um dos meus dias.

Depois de tomar café, a levo para o campus e prometo ir buscá-la mais tarde, não consigo ficar muito tempo longe dela.

— Te amo — digo assim que abro a porta do carro para ela sair e a puxo colando seu corpo no meu.

— Também te amo — diz sorrindo. Ela fica na ponta dos pés, me dá um selinho e caminha através do campus. Fico a observando até que ela entre na universidade. Depois que descobrimos que seu pai está vivo passei a tomar mais cuidado com ela, se não fosse por ela eu já o teria denunciado e feito justiça com minhas próprias mãos.

Eu não fazia ideia de como ele estava vivo. É surreal. Eu pesquisei no Google sobre o caso, mas tudo que encontrei foi o que havia acontecido com Gabriela, fora isso nada dizia de fato que ele estava morto, ou preso. Nada! Não havia nada.

Ele se manteve afastado dela, mas não confio nele de forma alguma. E como não posso fazer nada contra sua vontade apenas tento protegê-la como posso.

Entro no meu carro e sigo até o estágio.

4

Márcio



Sento embaixo de uma árvore mais distante e olho para ela, que está sentada embaixo de outra árvore conversando com sua amiga ruiva. Gabriela agora é uma mulher. Seus cabelos ainda estão da mesma cor que me lembro, mas agora mais curtos, seu rosto está mais magro e mais maduro.

Meu telefone vibra no bolso, desviando minha atenção dela. Apenas uma pessoa tem o meu número e não quero falar com ela agora.

Espero sua amiga se levantar, a deixando sozinha, e caminho até ela.

Gabriela

Vejo Milena se afastando e pego o livro sobre Estruturas para estudar. Ouço alguém se aproximando e levanto meus olhos pensando que fosse Guilherme, porque ele disse que viria me buscar e que era para esperá-lo no campus nesse horário.

Assim que olho para a pessoa que se aproxima e fito seus olhos azuis que me aterrorizaram por anos, meu corpo se retrai quando ele sorri. Sinto-me faltar o ar, meus pulmões parecem estar se comprimindo em meu peito. Tento respirar, mas não consigo, sinto que estou prestes a cair em um mar escuro sem ter onde me segurar.

— Gabi — ouço sua voz me chamando e todo meu corpo treme.

Minutos se passam, horas, ou talvez tenha sido apenas milésimos de segundos.

— O que você está fazendo perto dela, caralho? — Guilherme se abaixa e puxa meu corpo de encontro ao dele, seus braços envolvem meus ombros e esconde o meu rosto em seu peito para não ter que olhar para ele.

— Eu preciso conversar com ela.

Encolho-me quando ouço sua voz novamente. Eu quero gritar: “Me deixe em paz!”, mas não consigo.

— Não, porra! Sai daqui antes que eu chame a polícia! — Guilherme esbraveja.

Choro baixinho em seu peito sem me importar com as pessoas a nossa volta, ele me embala em seu colo e beija meus cabelos, seus braços fortes me seguram e eu me sinto segura.

Guilherme é o meu porto seguro...

5

Guilherme



Ando de um lado para o outro na minha sala enquanto Gabriela está encolhida enrolada em uma manta no sofá, com os olhos fixos no chão.

— Gabriela — a chamo.

Ela levanta o olhar para mim e vejo ali toda dor que aquele homem lhe causou em seus olhos, que agora parecem uma tempestade de tão cinzentos que estão.

— Eu não posso... não posso ver você sofrendo e não poder fazer nada, porra! — Tento controlar minha raiva.

— Gui... — Seus olhos se fixam em mim.

— Ele precisa ir para a cadeia, Gabi... Ele merece apodrecer lá! — grito. Passo as mãos pelos cabelos e me sento no sofá tentando me acalmar.

— NÃO! — ela grita.

— Você está esperando algo acontecer de novo? Porra! Quer que eu fique de braços cruzados enquanto ele te destrói aos poucos? Olhe para si mesma, todo medo que você lutou para vencer está te consumindo novamente!

— Eu já disse que não! Não é você que vai receber os olhares de pena, Guilherme! A vida é minha, e a decisão é minha! — grita, se levantando em seguida para pegar sua bolsa.

— O que você está fazendo?

— Voltando para o alojamento — responde com lágrimas nos olhos.

— Você quer me enlouquecer? Você quer ficar sozinha? Ótimo! Eu saio, mas você não vai voltar para o alojamento agora. Para e pensa, Gabi, ele sabe onde você mora agora. Como acha que ele te encontrou? — digo e só agora ela parece se dar conta disso, pois se senta no sofá soltando um suspiro derrotado.

Pego meu iPod na mesa de centro e vou até o quarto, coloco meu short e tênis de corrida e

volto para a sala.

— Para onde você vai? — pergunta com a voz trêmula. Não vou ceder, ela precisa pensar nos seus atos. E eu preciso colocar a minha cabeça no lugar.

— Vou correr.

— Vai me deixar sozinha? — pergunta se aproximando de mim.

— Daqui a pouco estou de volta, Gabi... Só preciso esfriar a cabeça, está legal?

Ela concorda e saio do prédio. Nem me preocupo em ir até a praia dessa vez, corro pelo quarteirão mesmo, tentando me acalmar. O sentimento de impotência é algo que sempre odiei, e agora, vê-la naquele estado, estava me aterrorizando. Eu não queria brigar com ela, mas não posso ficar de braços cruzados... se algo acontecesse com ela, eu nunca me perdoaria.

Gabriela

Existem certas coisas que acontecem na nossa vida que nos fazem questionar o que fizemos para merecer tal penitência. Olhando para minhas mãos trêmulas fico me perguntando qual foi o meu crime. Será que algum dia deixarei de pagar por eles?

Eu só queria poder me afastar de tudo isso. Queria ser uma garota normal. Mas, acima de tudo, queria ser forte. Queria conseguir denunciá-lo. Fazê-lo pagar por todos os seus crimes.

Meus pensamentos começam a me consumir e sinto tudo a minha volta rodar. Eu havia parado de tomar meus remédios, eles não eram mais necessários, eu estava vencendo. Um dia de cada vez. Agora preciso deles mais do que nunca.

Procurro na minha bolsa, na esperança de encontrar algum frasco, mas sei que é em vão. Não há nada aqui. Vou até o banheiro e lavo meu rosto, tiro minhas roupas e coloco uma camisa de Guilherme.

Céus! Eu estou afastando-o de mim.

Eu estou destruindo tudo aquilo que lutamos para conquistar. Guilherme é o meu mundo — sei que isso parece clichê —, mas ele é o meu início, meio e fim.

Vou até o seu quarto e me deito na cama, adormeço sentindo seu cheiro que, instantaneamente, me faz relaxar. A única certeza que tenho na vida é que eu o amo. Mais do que tudo.

6

Guilherme



Assim que abro a porta, ofegante e suado por causa da corrida, e não encontro Gabi na sala, sinto a culpa me invadir pela forma como a deixei. Procuro por ela e a encontro encolhida na minha cama vestindo apenas uma camisa minha. Solto um suspiro derrotado e me sento na beirada da cama.

Depois de alguns minutos a observando decido tomar um banho. Volto para o quarto e vejo que ela ainda está dormindo. Pego meu celular e vou até a sacada.

Sei que ela não quer que as pessoas saibam da sua história. Mas preciso fazer algo para protegê-la. Odeio me sentir impotente. Disco o número de Santana e ele atende no segundo toque.

— *Guilherme.*

— Santana — o cumprimento.

— *Aconteceu alguma coisa?* — pergunta.

Santana é um detetive particular que eu havia contratado para tentar incriminar Diego, quando vi que a polícia não conseguiria descobrir nada sobre o tráfico de drogas. Mas o Diego é tão bom no que faz, que nem mesmo ele, um dos melhores da região, conseguiu encontrar alguma prova contra ele.

— Sim... não — gaguejo. — Preciso que você descubra tudo que puder sobre uma pessoa. Só que, tecnicamente, ela está morta.

Ele parece pensar um pouco no que acabei de lhe dizer.

— *Você conhece o procedimento, vamos marcar uma reunião e você me passa tudo que sabe* — diz tranquilamente. Ele já deve estar familiarizado com casos assim.

— Obrigado. Pode ser amanhã mesmo?

Combinamos o horário e o local e desligamos. Preparo o jantar e, assim que Gabi acorda, comemos em um silêncio desconfortável. Eu ainda estou chateado com a sua decisão. Sei como ela

deve estar se sentindo. Entendo de verdade. Ninguém merece passar por isso, muito menos com o próprio pai. Mas ela precisa fazer algo. Minha menina precisa reagir, não posso vê-la se perder em si mesma e não poder fazer nada.

Nessa noite não fazemos amor. Ela se vira para o outro lado da cama e fica o mais distante possível de mim. Ouço-a fungar baixinho e a puxo para mim. Beijo seus cabelos e ela soluça. Meu coração se parte em mil pedaços por vê-la assim.

— Eu te amo, minha menina, só quero proteger você — sussurro em seu ouvido.

— Te amo, Gui — ela diz baixinho sem se virar para mim.



O dia amanhece e Gabriela permanece aninhada ao meu peito dormindo serenamente. Pela madrugada ela teve pesadelos e acordou, pelo menos, duas vezes gritando. Eu fiquei ao seu lado a acalmando. Hoje ela tem uma consulta com a psicóloga. Assim que acordamos, tomamos café juntos e a levo até o consultório.

— Você vai me esperar? — pergunta assim que estaciono na calçada.

— Hoje não. Preciso ir até o estágio — omito a parte que irei me encontrar com o detetive. Se ela soubesse para onde vou provavelmente acabaríamos brigando, de novo.

— Está bem — diz secamente.

Ela me dá um beijo se despedindo de mim e entra no consultório.

Sigo até a cafeteria que marquei de me encontrar com Santana e o encontro já sentado em uma das cadeiras bebericando seu café e lendo o jornal. Ele está de terno sem gravata, e seus cabelos estão ainda mais grisalhos do que me lembro.

— Bom dia — o cumprimento e ele tira seus olhos castanhos do jornal e também me cumprimenta.

Peço meu café a um garçom, que vem até à mesa assim que me sento.

— Eu não tenho muita coisa — digo e lhe entrego tudo que tenho, que consiste em apenas seu nome, sobrenome, e o local onde morava antes de ser “morto”.

— Isso é mais comum do que você imagina — diz quando pergunto como uma pessoa que estava tecnicamente morta pode estar viva. Então ele me explica que há pessoas que conseguem documentos falsos; certidões de óbitos e identificações civis, que parecem tão reais que ninguém desconfia de nada.

— Isso é urgente, Santana — digo a ele, que balança a cabeça.

— Entro em contato em breve, Guilherme.

— Obrigado. — Aperto sua mão, pago a conta e agora sim vou para o estágio.



Olho para o projeto à minha frente e fico pensando no que fazer, dessa vez estamos trabalhando na obra de um túnel. Está sendo o maior desafio já tive.

Eu não lidava com vidas diretamente como médicos lidavam, mas um erro em meus cálculos

poderia acabar com muitas vidas.

— Guilherme — meu chefe me chama da sua mesa me desviando dos pensamentos.

Caminho até ele e me sento na cadeira a sua frente.

— Seu contrato está terminando e não poderemos renovar.

Eu havia me esquecido completamente disso. A construtora tem uma política que permite que os estagiários só fiquem por dois anos na função, nosso contrato poderia ser renovado uma vez após um ano. E o meu já foi renovado.

— Mas quero contratar você como técnico, o salário vai ser maior, e o trabalho será o mesmo, o que me diz? — pergunta.

Fico surpreso com a proposta, pois sei que se ele ainda me quer na equipe é porque de fato gosta do meu trabalho.

— É claro que aceito! — Sorrio.

— Ótimo! Semana que vem assinamos os papéis — diz e volta sua atenção para os processos que estão na sua mesa.

Vou até a minha mesa e tento fazer alguns cálculos. Quando termino, vejo já são quase dezenove horas. Dirijo até minha casa. Abro a porta e vejo que Gabi não está, e fico nervoso. Começo a procurá-la pela casa, mas não a encontro.

Começo a pensar em inúmeras coisas que poderiam ter acontecido com Gabi, pego meu telefone para ligar para ela, ouço a porta se abrindo e a vejo entrando com sacolas nas mãos.

— Porra, Gabi! Você quase me matou de susto! — digo me aproximando dela.

— Eu só fui ao mercado comprar algumas coisas para o jantar — diz se desviando de mim quando chego até ela.

— Gabi.

— Para, Guilherme. Eu não sou nenhuma criança!

— Eu sei que não, porra! Eu só quero proteger você!

— Eu não preciso de proteção, Guilherme! Eu não aguento mais viver com medo!

— Então o denuncie!

Ela ignora minha resposta e começa a aprontar o jantar.

Alguns minutos a campainha toca, abro a porta e vejo Milena sorrindo.

— Gui — ela me cumprimenta.

— Entre.

Milena fica na cozinha com Gabi e me tranco no escritório, decido trabalhar um pouco e deixá-las a sós. Eu preciso esfriar a cabeça. Bufo irritado. Será que ela não entende que eu só quero protegê-la?

Sinto-me tão impotente! Porra!

Passo as mãos pelos cabelos e desisto de tentar trabalhar, pois meus medos estão me consumindo. Só de pensar em perdê-la sinto-me sinto faltar o ar. Levanto da cadeira, pego meu violão e sento novamente, dessa vez perto da janela, e dedilho as cordas tentando me acalmar.

Gabriela

Pico o tomate com raiva. Estou cansada de ser tratada como uma criança!

Eu entendo que Guilherme sinta essa necessidade de me proteger, mas ele tem passado dos limites. Não quero passar por isso toda vez que sair sozinha.

A campainha toca e Guilherme vai atender. Milena entra e sorrio para ela. Ela se senta na bancada da cozinha e vejo Guilherme indo em direção ao escritório dele.

— Que bicho o mordeu? — Mi pergunta.

— Ele está me deixando louca, Milena! — reclamo.

— O que ele fez?

— Ele acha que pode me proteger de tudo! — respondo, colocando o arroz no fogo.

— Ah Gabi, já até sei. Ele só está preocupado com você.

— Ele está demais, Milena. Ele surtou quando não me encontrou em casa agora há pouco.

— Se põe no lugar dele, Gabi — Mi me repreende.

Bufo irritada.

— Aliás, a que devo sua visita? Ou veio aqui só para pegar no meu pé também?

— Chuchu, com todo respeito, eu amo você. Mas, às vezes, você é uma vaca. Não o afaste, ele só está preocupado com você. E bom, eu vim porque quero te entregar algo. — Ela retira do bolso um papel dobrado e me entrega.

Olho para o papel e vejo meu nome escrito com uma caligrafia que eu nunca irei me esquecer. É uma carta de Ninha! As lágrimas brotam no meu rosto. Abraço Milena lhe agradecendo. Guardo a carta no meu bolso tentando controlar a ansiedade, volto a fazer a janta e Milena fica conversando sobre a faculdade.

— Quer ajuda? — pergunta.

— Você cozinhando? Nem pensar. Não quero morrer intoxicada.

Milena é uma negação na cozinha, tudo fica queimado ou salgado demais.

Há alguns anos, Ninha nos deixou sozinhas em casa. Como era folga da empregada teríamos que nos virar na cozinha ou pedir comida pelo telefone, mas Milena teve a brilhante ideia de fazer um macarrão com queijo. Fomos para o seu quarto ver TV, acabamos esquecendo a panela no fogão com o fogo ligado, os sprinklers foram acionados e foi uma confusão só, quando fomos até a cozinha para ver o que havia acontecido; uma nuvem de fumaça cobria toda a cozinha, e até os bombeiros apareceram.

— HAHHAHA, engraçadinha. Me passa essa cebola — pede e eu lhe dou, não tem como ela queimar uma cebola sem colocar ela no fogo, certo?

Conversamos durante um tempo e depois Mi vai para sua casa, eu a convidei para jantar, mas ela já tinha outros planos, que não quis me contar. Eu e Guilherme nos sentamos à mesa e comemos em silêncio. Sinto-me desconfortável, não gosto brigar com ele, as coisas estavam indo tão bem... Ele lava a louça e assim que entra no banheiro me aninho no sofá e pego a carta que Milena havia me dado.

Viro o papel ao lado contrário do meu nome e vejo a palavra *amor* escrita no papel, o abro e começo a ler:

Gabriela, minha doce menina.

Se você está lendo essa carta agora saiba antes de tudo que estou muito orgulhosa de você! Milena só lhe entregaria essa carta se soubesse que o seu namorado é a pessoa certa para você.

Como eu te conheço sei que deve ter feito o pobre coitado sofrer muito até conseguir te conquistar. Sei que para você isso foi um passo imenso. E eu admiro sua força e coragem.

Eu sempre soube que você encontraria alguém que abalaria o seu mundo. Você merece todo o

amor e carinho que ele pode te dar. Não deixe que o medo te sufoque e te impeça de viver esse amor, Gabi.

Há pessoas que levam anos e anos procurando esse sentimento sublime e muitas das vezes falham miseravelmente. Eu encontrei meu amor sublime, você encontrou o seu e eu espero que Mi também encontre. Agarre esse amor com todas as suas forças. E permita que ele cuide de você. Porque você, mais do que ninguém, merece isso!

Te amo, filha!

Com amor, Ninha.

As lágrimas inundam meu rosto e fungo baixinho, nem percebo que Guilherme havia entrado na sala vestindo apenas uma boxer. Só sinto quando ele se ajoelha na minha frente e passa os braços ao redor da minha cintura e me pede desculpa baixinho.

— Desculpa Gui — lhe peço e ele abre um sorriso com covinhas que tanto amo. Encosto minha cabeça em seu pescoço e inalo seu cheiro.

— Eu me sinto tão impotente, Gabi — confessa com a voz carregada de emoção.

— Eu só preciso de tempo, Gui. — Preciso me preparar para enfrentar tudo novamente; os olhares, a pena e as fofocas.

Hoje na seção com a doutora Iara tive uma sensação de *déjà vu*. Eu estou retrocedendo novamente, todos os meus medos e receios vieram à superfície e eu estava submergindo.

— Tudo bem — ele diz ainda abraçado a mim.

Solto um suspiro de alívio ao ver que ele não contestou minha decisão. Ele cobre seu corpo com o meu sobre o sofá, suas mãos seguram o meu rosto me fazendo olhar em seus olhos carregados de desejo.

— Te amo — diz, sorrindo — minha menina.

— Eu também te amo, Inho. — Poucas vezes que eu o chamava assim, mas em cada uma delas seus olhos se enchem de lágrimas. Estico minha mão, a ponho em seu rosto e ele a beija. — É a única certeza que tenho na vida é que você faz cada um dos meus dias mais alegres. Você, Guilherme Ávila, é o meu porto seguro, minha tábua de salvação, minha luz em meio à escuridão, o meu príncipe encantado. Você é tudo para mim.

— Gabi — sussurra ao meu ouvido diversas vezes o quanto me ama.

Seus lábios se encontram com os meus e o ouço arfar de desejo enquanto seus lábios descem até a curva do meu pescoço enviando uma onda de eletricidade por todo meu corpo, sinto sua ereção crescer em minhas coxas, conforme ele aprofunda o nosso beijo; carregado de amor, perdão, proteção e desejo.

Passo as pernas sobre sua cintura e ele solta um ruído desesperado do fundo da garganta, minhas mãos passeiam pelos seus cabelos úmidos, e aproximo meus lábios do seu pescoço, ouço seus gemidos entrecortados e sei que ele está no seu limite.

Ele desconecta nossos corpos para tirar a minha camisa e rapidamente sinto falta do seu calor.

— Gui — murmuro quando sinto uma onda de espasmos dominando o meu corpo.

— Tão gostosa, porra!

— Gui — gemo.

— Diz pra mim, minha menina.

— Faça amor comigo — peço.

Ele me olha com devoção e rapidamente tira o restante da minha roupa.

Guilherme segura minha mão e me faz levantar do sofá. Quando penso que ele irá me levar para o quarto como todas as outras vezes, ele me leva até ficar bem próxima do braço do sofá, olho para ele sem entender e ele coloca a mão nas minhas costas fazendo com que eu fique inclinada no braço do sofá.

— Se você soubesse como fica sexy com essa bundinha virada para mim!

Gemo em resposta ao seu toque quando ele desce com as mãos do meu pescoço até chegar à minha cintura.

Suas mãos se afastam do meu corpo e instantaneamente sinto falta delas, mas logo ouço o barulho da embalagem da camisinha ser aberta e logo depois suas mãos estão sobre mim novamente.

— Porra, tão apertadinha! — E então ele entra por completo em mim, seus movimentos são lentos, como se eu pudesse me desfazer a qualquer momento.

Ruídos entrecortados saem da minha garganta quando sinto o prazer se intensificar.

Suas mãos seguram minha cintura e o seus movimentos se intensificam. Ele se inclina até ficar com o seu corpo sobre mim e beija meu pescoço.

Sinto minhas paredes se contraírem e ele aumenta o ritmo.

— Gui, eu... — tento lhe dizer que estou próximo de gozar, mas não consigo formular uma frase coerente.

Seus braços me apertam bem forte e sei que, assim como eu, ele também está no limite.

— Minha! — sussurra em meu ouvido quando chegamos ao clímax juntos.

— Sua... — consigo dizer.

7

Guilherme



Convencer Gabriela a deixar que eu a levasse e a buscasse todos os dias para a faculdade foi uma tarefa bem difícil. Ela estava chateada porque estava sentindo falta de Júlia. Minha irmã tem andado bastante atarefada, pois tem dedicado seu tempo aos estudos, e como Gabi está praticamente morando na minha casa, não a via mais como antes.

Mas cada vez que Gabi fica longe de mim, fico aterrorizado com a simples ideia de não poder estar ao seu lado e a proteger, caso aquele monstro vá atrás dela. Eu quero que minha menina tenha paz, ela lutou tanto para vencer seus medos, e justamente quando tudo ia bem, descobrimos que o seu pai está vivo.

Desvio-me dos pensamentos quando uma garota esbarra em mim de propósito; ela é morena com os olhos claros e cabelos longos, ela sorri para mim enrolando uma mecha do seu cabelo no dedo me olhando de cima a baixo, eu apenas reviro os olhos e continuo caminhando.

Antes eu iria até ela jogaria o meu charme e pegaria seu telefone, mas agora tudo que eu penso é na minha menina, eu tenho tudo que preciso e quero. Sexo casual não é algo que faça parte da minha vida mais, ter alguém para amar todos os dias, nem se compara a emoção de ter alguém apenas uma noite.

Paro em frente à porta do quarto de Lucas e bato. Ele abre trajando uma roupa social, que geralmente usa para ir trabalhar.

— Vai sair?

— Não, acabei de chegar — responde.

— Você está bem? — pergunto. Da última vez que nos vimos ele não estava nada bem.

— Sim.

Fico batendo papo com meu amigo até que Gabi me envia uma mensagem me avisando que já está pronta para voltarmos para o apartamento. Levanto-me da cama de Lucas e aviso que

já vou embora, ele me acompanha até a porta e pergunta:

— Não seria mais fácil ela morar de vez lá? — Suspiro. Se ele soubesse que não é tão simples assim...

— Eu já a convidei, mas ela não decidiu ainda. — Sei que talvez demore um pouco para que ela aceite. Não a quero do meu lado apenas para protegê-la, eu a quero porque a amo e não aguento mais passar uma noite longe dela.

— Fala sério! — diz descrente. — Você, meu amigo, está fodido!

— Eu sei. — Rio.

Despeço-me do meu amigo, saio do seu quarto e subo alguns lances de escada até chegar ao quarto de Gabi. Bato na porta e Júlia a abre.

— Ratinha! — Lhe abraço. Minha irmã tem ficado tão distante de tudo, que estou morrendo de saudades dela.

— Gui!

Eu a solto e olho para ela. Percebo que minha irmã emagreceu muito, seu rosto está abatido com uma aparência bem cansada. Meu coração se comprime no peito e me aproximo dela.

— Você está bem, Ratinha? — pergunto preocupado. Seus olhos cansados e suas olheiras me transportam ao passado quando tudo aconteceu com ela. Cogitar a simples ideia de que isso estava acontecendo novamente me aterroriza.

— Estou, só um pouco cansada. Os professores estão tirando meu couro! — responde sorrindo, mas é um sorriso que não chega aos seus olhos. Eu preciso ter uma conversa séria com minha irmã. Ela parece tão triste quanto Lucas e isso me faz pensar em cada palavra que ela disse naquele dia. Ela disse que não o amava, mas então por que ela está assim?

— Júlia... — tento, mas ela logo me corta.

— É sério, Gui, estou bem.

Decido não questioná-la por ora. Jogo-me na cama ao lado de Gabi e a beijo.

— Senti sua falta — digo contra os seus lábios. Ela esboça um sorriso e eu beijo a ponta do seu nariz.

Júlia gargalha fazendo com que nós dois olhemos para ela.

— Desculpa, mas não consegui evitar. Você não a vê apenas alguns minutos... Meu irmão, você está fodido.

— É a segunda vez que eu ouço isso hoje — murmuro.

— O quê? — Gabi pergunta.

— Nada.

— Gui, quero falar com você e Gabi rapidinho — Júlia avisa. Olho para ela e a vejo cutucando as unhas nervosamente.

— O que foi, Ratinha? Você está me assustando.

— Eu vou fazer um intercâmbio pela faculdade — avisa, e logo solto um suspiro de alívio.

— Sério?

Ela concorda com a cabeça.

— Parabéns, Ratinha! Para onde você irá? — Fico tão feliz por ela, eu nunca fiz intercâmbio, mas sempre dizem que é uma experiência ótima.

— Parabéns, Ju! — Gabi diz animada.

— Espanha. Serão apenas dois meses.

— Você vai ficar bem sozinha? — pergunto. Sei que minha irmã tem idade o suficiente para se cuidar sozinha, mas não gosto da ideia dela viajar para outro país por dois meses e não

podê-la proteger.

— É claro!

Conversamos por mais alguns minutos e ela nos conta que irá viajar daqui a algumas semanas.

Eu e Gabi vamos embora e deixamos minha irmã sozinha. Subimos na moto e ela passa os braços pela minha cintura, aquecendo seu corpo com o meu. Chegamos em casa, tomo um banho e quando termino vou até a cozinha preparar nossa janta, Gabi havia feito tudo nos últimos dias e hoje eu queria agradá-la.

Ela se senta na sala com o notebook no colo parecendo bem concentrada, mas depois de alguns minutos acaba desistindo do que estava fazendo. Minha menina tem se saído muito bem na faculdade — o que me deixa extremamente orgulhoso —, mas ela se cobra demais, e como o próximo passo é conseguir um estágio, ela estava dando tudo de si para conseguir.

Gabi levanta do sofá e caminha até onde estou, seus braços envolvem minha cintura e sinto seu corpo quente ao redor do meu, sua pele quente contra a minha e, rapidamente, sinto minha ereção crescer.

— Hum... que cheiro bom.

— Não tão bom quanto você — digo virando-a para mim. Passo os lábios na curva do seu pescoço subindo até a sua boca, e ela geme baixinho inclinando o corpo na minha direção como se quisesse se fundir a mim.

Tomo sua boca e a faço subir no balcão, fico entre suas pernas e traço uma trilha de beijos pela sua barriga.

— Mora comigo — peço enquanto levanto sua blusa e subo minha boca até o seu seio. — Por favor.

— Gui — geme.

Subo minhas mãos pela sua barriga e aperto seus seios enquanto brinco com a sua língua.

— Diz que sim.

— Isso não é justo — murmura enquanto minha mão passeia pelo seu corpo e sinto sua pele se arrepiar. Sorrio involuntariamente, enquanto mordisco sua orelha e a ouço gemer baixinho.

— Por favor — sussurro em seu ouvido.

— Tudo bem! — diz me olhando com seus olhos azuis, que sempre me fazem lembrar do mar.

Sorrio para ela.

— O quê, tão fácil assim? — pergunto mantendo minha mão na sua cintura fazendo pequenos círculos com meus polegares.

— Se você prometer me beijar assim todos os dias.

Solto um gargalhada e a tiro da bancada da cozinha, em seguida apago o fogo da comida e a pego no colo a levando para o quarto. Ela solta gritinhos e enrosca suas pernas na minha cintura. Dessa vez, fazemos amor no nosso quarto.

8

Gabriela



Guilherme e eu acordamos por volta das dez horas, tivemos uma noite bem intensa e só pegamos no sono quando nos perdemos um no outro diversas vezes. Tomamos nosso café da manhã e nos aninhamos no sofá para assistirmos um filme. Como hoje é sábado não tínhamos nada para fazer o dia inteiro.

Agora sua casa também é a minha; eu me encaixo aqui, simples assim, como pequenas peças de um quebra-cabeça.

Ouvimos a campainha tocar, ele se levanta para atender e inclino a cabeça para ver quem é quando o ouço falando em um tom rude.

Levanto do sofá e caminho até Guilherme, mas estaco no lugar assim que vejo meu pai parado à porta.

— Vai embora, ou irei chamar a polícia — diz a ele com os punhos cerrados, pronto para me defender.

Seu rosto está com um semblante triste, como se estivesse arrependido. Estou imóvel no meu lugar sem conseguir esboçar reação alguma. Meu coração bate descontroladamente e sinto o ar me faltar, respiro fundo tentando controlar minha respiração.

— Só me dê uma chance para que eu possa lhe explicar, Gabi, por favor! — implora.

Seus olhos estão marejados e minha mente tem inúmeras perguntas para ele. Meu pai era uma parte do meu passado que sempre me assombraria, olhá-lo era como reviver cada momento que esse monstro me fez passar.

— Você é um monstro! Não ouviu o Guilherme? Vai embora! — grito irritada e desesperada para que ele suma da minha frente.

— Por favor, Gabi.

— Para você é Gabriela! Meu nome é Gabriela. — Como ele pode achar que voltaria dos

mortos, depois de tudo que fez comigo, e teria alguma intimidade, como se ainda pertencesse a minha vida?

— Minha filha.

— Agora você lembrou que eu sou sua filha? Você não lembrava disso enquanto abusava de mim, não é mesmo?

Dessa vez, não consigo segurar as lágrimas. Uma parte de mim gostaria que tudo fosse apenas um sonho ruim. Todas as vezes que fui abusada eu implorava aos céus para que fosse apenas um pesadelo, mas não era.

Guilherme se aproxima de mim enxugando minhas lágrimas, mas o afasto, não quero ser tocada agora.

— Ouça o que eu tenho a dizer, eu não era ele — me diz dessa vez com lágrimas escorrendo nos olhos.

— Você está de brincadeira com a minha cara, não é? Como pode dizer que não era você? — Rio sarcasticamente. — Onde você estava durante todos esses anos? — pergunto.

— Eu estava internado, minha garotinha... eu estava doente, mas olhe... eu estou melhor — diz sorrindo e isso embrulha ainda mais o meu estômago. Recordo-me que antes eu amava o seu sorriso, mas agora só sinto raiva e nojo. Porque muitas das vezes em que fui submetida aos abusos ele estava sorrindo.

Ele tira um papel do bolso e me entrega.

Pego com as mãos trêmulas e passo os olhos no que parece ser um atestado médico.

— Paciente declarado imputável, sendo isento de cumprir pena. Após passar por uma avaliação foi constatado que este sofre de transtorno dissociativo de personalidade tendo que passar por tratamento até que seja declarado estável e não apresente mais periculosidade, devendo cumprir medida de segurança. — Paro de ler e olho para ele. — O que isso quer dizer? Quer que eu acredite que você estava doente? Você acha mesmo que isso justifica tudo o que você fez comigo? — grito.

Guilherme me ampara segurando meus ombros e vejo o sorriso do meu pai vacilar.

— Está aí, minha garotinha... eu estou bem. Eles me liberaram, não vou machucar você... *Ele* não existe mais — diz e todo meu corpo estremece.

Guilherme me segura ainda mais forte.

— Vai embora! Eu não acredito! — grito com ele.

Ele me olha meio relutante, lhe devolvo o papel, mas ele não o pega.

— Fique com ele, você vai ver que não estou mentindo. Pergunte a sua mãe — a menção ao nome da minha mãe me pega desprevenida.

— A minha mãe sabia de tudo? — pergunto a ele com a raiva exalando por todos os poros.

— Sim.

— Você sabia que ela me rejeitava? Você sabia que ela me culpa por tudo que aconteceu? E que eu nunca tive o amor dela depois que você *morreu*? Quando, na verdade, ela sabia que você estava vivo, e nunca disse nada.

— Ela nunca me disse isso — diz parecendo estar irritado.

Eu quase acredito nisso, *quase*.

— Por quê? — pergunto — Por que ninguém me disse nada?

— Pelo que eu sei, você não estava preparada. Sua mãe disse que você estava se tratando também, minha garotinha. Ela estava te preparando para sermos uma família novamente

— diz. E só agora entendo a obsessão da minha mãe em insistir no tratamento psiquiátrico.

— Era você no mercado? — consigo perguntar com a voz trêmula e as mãos suando.

— Sim, e ali eu percebi que não era a hora — diz e direciona o olhar para Guilherme. —

Obrigado por cuidar da minha garotinha.

Meu estômago se revira quando ouço suas palavras.

— Por que só agora? — pergunto ignorando cada palavra que saiu da sua boca. Eu só preciso de respostas.

— Quando vi a sua reação no mercado, eu soube que você não estava preparada.

Eu não estarei preparada! Quero gritar isso para ele, mas não consigo. Ele não precisa saber que me quebrou por inteira.

— Eu não quero ouvir mais nada. Vá embora, por favor — digo sem conter as lágrimas.

— Minha garotinha.

— PARA DE ME CHAMAR ASSIM, PORRA! — grito sentindo mais uma ânsia de vômito me dominar.

— Vá embora antes que eu mesmo arrebente sua cara, seu filho da puta miserável. Tem noção da dor que você causou na vida dela? Da sua filha, sangue do seu sangue, a menininha que você deveria proteger com unhas e dentes.

As lágrimas queimam em meus olhos e sinto como se estivessem apertando minha garganta.

— Eu... — ele tenta dizer algo, mas Guilherme o interrompe:

— Pela última vez, vá embora da nossa casa.

Ele se vira para ir embora deixando em cima da mesa um papel, eu o pego e vejo que é um número de telefone.

Eu não o havia matado... eu não tirei uma vida. Solução e meus joelhos fraquejam fazendo com que eu fique no chão e Guilherme me consola. Já não me importo mais de parecer fraca perto dele, ele me conhece por completo, não há mais muros a minha volta, eu o abraço como um naufrago agarraria o bote salva-vidas, e choro como se minhas lágrimas pudessem levar embora todo esse pesadelo.

Fico agarrada a ele por horas, apenas tentando assimilar tudo que Márcio havia dito... Mas nada justifica o que ele fez comigo. Nada! Nem mesmo uma doença.

9

Guilherme



Gabriela acabou adormecendo em meus braços, no sofá. Eu a carrego até o quarto e a coloco na cama. Ela se agarra ao travesseiro e fica em posição fetal. Vê-la tão frágil e vulnerável faz com que o meu coração se comprima no peito.

Puxo sua cabeça para o meu colo e acaricio seus cabelos.

— Eu estou aqui, minha menina — digo sem conter a emoção em minha voz. — Juro pela minha vida que irei te proteger, até o meu último suspiro.

Ela passa os braços ao redor da minha cintura me abraçando. Seguro suas pernas, seus braços e a puxo para o meu colo.

— Eu te amo, Gabi — repito diversas vezes, até que ela finalmente para de chorar e sua respiração se normaliza.

Fico com ela em meu colo por um bom tempo, tento fechar os olhos e dormir, mas não consigo, minha mente está inquieta demais.

Saio do quarto, eu caminho até a cozinha. Pego meu celular e disco o número de Santana.

Conto a ele tudo que descobri hoje. Como é possível que isso tudo tenha acontecido? Como uma mulher vê que o marido abusou da sua própria filha e ainda assim fica ao lado dele?

— Até o momento não consegui encontrar nada sobre ele — Santana diz desviando-me dos meus questionamentos.

— Isso não é possível! — reclamo.

Conto a ele sobre tudo que Márcio havia nos dito hoje.

— Com essa nova informação, talvez eu consiga avançar nas investigações, Guilherme, mas todas as clínicas têm sigilo absoluto, é muito complicado, vou ligar para os meus contatos e tentar averiguar o real estado de saúde dele.

— Porra! — reclamo.

— *Eu te ligo quando tiver mais informações* — diz desligando o telefone. Santana é direto e não gosta de enrolação, admiro isso nele, mas odeio que ele me deixe no escuro até ter alguma pista.

Coloco o telefone na bancada e abro a geladeira à procura de uma cerveja. Jogo-me no sofá e fico me perguntando como tudo pode mudar em apenas um mês. Sinto-me tão impotente! Essa história ainda não me convenceu... isso não entra na minha cabeça. Porra!

Como Maria Rita pôde ser tão cruel ao ponto de fazer a filha acreditar que havia matado o pai, mesmo que tenha sido em sua própria defesa?

Quantas vezes o destino irá zombar da minha menina? Eu só posso pedir a Deus para que ela aguentue tudo isso sem desmoronar.

10

Gabriela



Guilherme me deixa em frente ao consultório, vou até a sala da doutora lara e ele vai direto para o trabalho. Antes eu relutava para vir até aqui. Mas depois de tudo que passei percebi que ela fora uma das pessoas que ajudou a reconstruir o que restava de mim. Acho que todas as coisas que minha mãe havia feito por mim... essa era uma das que eu fico imensamente grata.

Antes eu pensava que sentar por minutos na frente de outra pessoa e contar todos os meus problemas não adiantaria de nada... mas percebi que não é bem assim.

Cada vez que eu me abria com ela era como se uma parte de mim se juntasse novamente, mas sei que nunca mais serei a mesma; assim como uma caneca de porcelana quebrada, você pode até juntar os seus pedaços e colá-la, mas ela nunca mais será a mesma.

lara me fez enxergar que eu não era culpada de nada, apenas mais uma das vítimas de algo que acontece todos os dias em algum lugar nesse mundo cruel, ela fez com que eu visse que era capaz de superar os meus medos, e também me fez ver que mesmo não estando inteira, ainda assim posso ser feliz. E sou imensamente grata por isso.

Assim que a vejo, uma lágrima escorre do meu rosto. Sinto que estou retrocedendo, pois cada um dos meus medos veio à tona novamente.

— Gabriela, o que houve? — Ela se levanta e caminha até onde estou. Seguro a maçaneta da porta com força fazendo dela minha tábua de salvação.

Ela segura minha mão e caminha comigo até o sofá da sua sala. Diferente do que eu imaginei, ela não volta para sua mesa, ela se senta ao meu lado ainda segurando uma de minhas mãos.

— Me conte quando se sentir melhor.

Alguns minutos se passam e eu olho para seus olhos azuis, suspiro e lhe conto tudo que sei.

Ela fica pálida e, pela primeira vez na vida, eu a vejo sem fala.

— Você já conversou com a sua mãe?

— Não... e nem sei se quero. Ela escondeu tudo isso de mim! É inacreditável. Ela me olhou com reprovação e acusação por anos... quando, na verdade, ele estava vivo.

Minhas lágrimas descem pela minha bochecha escorrendo até os meus lábios me fazendo sentir o gosto salgado, como um lembrete de que, mais uma vez, eu estou sendo fraca.

— Gabriela... não estou querendo justificar de forma alguma que ele esteja certo, pois ele não está. Nada, nem mesmo uma doença, justifica o que ele fez com você. Mas ele pode estar falando a verdade.

— Essa doença dele... tem cura? — pergunto.

— Não há cura para essa doença, Gabriela, mas ele pode ter melhorado, afinal ficou anos nessa clínica que mencionou e agora recebeu alta.

Choro, incapaz de manter tanta dor dentro de mim. Eu não quero criar a esperança de que isso seja verdade... porque se eu sequer cogitar que isso seja verdade e depois descobrir que tudo não passava de uma mentira, não resistirei.

Existe uma linha tênue entre a dor e a felicidade e a minha já estava arrebatando.

— Você já foi até a polícia? — pergunta. E eu odeio cada vez que alguém pergunta isso. Será que eles não entendem como isso é vergonhoso para mim?

— Não — murmuro.

— Gabriela... — ela começa — sei que você saiu da sua cidade para viver a sua vida e, principalmente, para que as pessoas não a olhem com pena, mas isso é sério. Se Márcio estiver mentindo, ele pode ir para a cadeia, mas se for verdade você tem direito a uma ordem de restrição se não o quiser por perto.

— Eu só preciso de tempo — digo me levantando para ir embora. Ela se levanta junto comigo e arruma sua roupa.

— Se precisar, sabe onde me encontrar — diz, concordo com a cabeça e saio do seu consultório. Caminho pelo calçadão e vou até a beira do mar; tiro meus sapatos e sinto a areia fina e gelada sobre meus pés. Os pingos da chuva molham o meu rosto quando olho para o céu, agora carregado de nuvens negras, e peço força a Deus.

Mas então me lembro das palavras da Milena: *“Você é uma vítima, Gabriela, mas não precisa agir como uma, aja como uma sobrevivente”*. E então me dou conta de que sou forte.

Nós nunca saberemos que somos fortes, até que ser forte seja tudo que nos resta...



Saio do chuveiro com uma toalha enrolada no corpo e vou para o quarto me vestir. Encontro Guilherme na beirada da cama olhando para o celular. Assim que me vê, seus olhos brilham de desejo e o vejo passando a língua nos lábios.

Ele se levanta rapidamente e caminha em minha direção com os olhos famintos. Não importa quantas vezes fazemos amor, Guilherme sempre me olha do mesmo jeito: uma mistura de devoção, desejo e amor, que sempre faz o meu coração bater em um ritmo frenético e um calor se espalhar pelo meu ventre.

Deixo a toalha cair propositalmente e Guilherme não se faz de rogado, ele encurta a nossa

distância e toma minha boca possessivamente como se o mundo fosse acabar nesse instante. Suas mãos tiram a toalha do meu cabelo e ele a joga no chão.

— Perfeita — sussurra passando as mãos pelo meu corpo.

— Você está vestido demais — reclamo, me sinto exposta o vendo completamente vestido e eu nua na sua frente.

— Vou resolver esse problema agora. — Em questão de segundos ele tira o short e a regata, diferente de mim ele não parece se sentir nem um pouco exposto, pelo contrário, em seu rosto há um sorrisinho sacana.

Guilherme beija meu pescoço e uma onda de eletricidade se apossa do meu corpo, seguro seus cabelos o mantendo ainda mais perto de mim, seus lábios descem até os meus seios e ele suga um enquanto aperta o outro fazendo meu ventre se contrair.

O som da campainha nos assusta. Guilherme xinga baixinho, mas volta a me beijar.

— Guilherme... — Ele desce uma mão até o meu centro me fazendo perder o controle do meu próprio corpo, minhas pernas amolecem e me apoio na beirada da cama.

A campainha toca dessa vez, duas vezes seguidas, e Guilherme revira os olhos.

— Porra... me espera aqui. Seja quem for pode voltar outra hora, já volto para terminar o que começamos. — Ele me beija nos lábios e a campainha toca mais uma vez, dessa vez solto uma gargalhada sem conseguir evitar. Guilherme veste o short e tenta inutilmente ajeitar a ereção.

Minha barriga ronca de fome. Visto uma regata e um short tentando não pensar na dor excitante entre as minhas pernas. E vou para a sala.

Guilherme

Abro a porta pronto para xingar até a quinta geração da pessoa quando vejo meu amigo no batente da porta com seus típicos fones de ouvido. Ele está com sua habitual calça rasgada, e segura uma pasta nas mãos.

Ele tira os fones do ouvido e entra na sala.

— Caralho, que demora! Você só podia estar... — ele para de falar quando vê Gabriela na cozinha com um short e uma regata branca. Ele dá um meio sorriso e sussurra para mim: — Foi mal, não quis ser empata foda.

— Cuzão! — Bato em seu braço.

Ele contorna o balcão da sala que a divide da cozinha e beija o topo da cabeça da minha menina.

Sorrio da cena, Rafael nunca foi o tipo de cara que demonstra afeto, na verdade nunca o vi beijar uma garota na bochecha ou na testa — além de Júlia e Gabi.

Ele e Gabi criaram uma amizade que eu, sem dúvida alguma, acharia bem improvável, afinal meu amigo não tem amizade com meninas, pelo menos não sem intenção de transar com alguma delas. Mas de alguma forma eles se tornaram amigos, e ver o carinho que ele tem por Gabi me deixa feliz, pois se tem algo que aprendi sobre Rafael é que ele não tem afeto por muitas pessoas.

— Como você está? — ele pergunta para Gabi.

— Bem... — Sua testa enruga e ela faz uma careta, pela sua expressão sei muito bem que

ela está mentindo. Há alguns dias em que tudo parece bem, mas há outros que a tristeza fica nítida em seus olhos. E eu nunca sei o que fazer para mudar isso.

— Vou fingir que acredito — diz se sentando na cadeira da bancada.

Contorno o balcão, beijo minha menina e seu rosto se ilumina.

Abro a geladeira e pego duas cervejas, deslizo uma pelo balcão e Rafael a pega.

— Como você faltou à última aula de cálculo dois, eu trouxe uma lista de exercícios que o professor passou. — Ele aponta para a pasta.

— Obrigada, Rafa.

— De nada, Anjo.

— Está se esforçando dessa vez para passar, cuzão? — Rafael conseguiu repetir em cálculo um três vezes, agora ele está refazendo a matéria de cálculo dois pela segunda vez.

Ele dá de ombros.

— Você não tem jeito.

Gabi praticamente nos expulsa da cozinha para preparar a janta sem distrações, eu e Rafa nos sentamos na sala e ligamos a TV em um canal de esporte.

— Cara, e o pai dela? — pergunta sussurrando.

Solto um longo suspiro. E aumento o volume da TV para que ela não nos escute.

— Ele apareceu aqui essa semana, cara. É por isso que Gabi não foi para a faculdade, ela parece estar bem, e está se fazendo de durona, mas no fundo sei o quanto isso vem a perturbando. Só estou dando tempo ao tempo para que ela desabafe comigo, ou queira tomar alguma atitude.

— Porra, eu não entendo. Como ela pode não querer denunciá-lo, ou tentar uma merda de ordem de restrição?

— Eu também não entendo, Rafa, mas a decisão é dela.

— Foda! — diz.

— Nem me fale.

11

Guilherme



Uma semana depois...

Assim que cheguei do estágio encontrei Gabriela com um semblante triste e preocupado com o papel que seu pai havia lhe dado. Isso a estava consumindo, e eu não sabia mais o que fazer.

— Tenho que ir até à casa da minha mãe, Gui — diz com lágrimas nos olhos.

— Você tem certeza? — pergunto a ela me sentando no sofá. Ela se senta ao meu lado e puxa as pernas para perto de si apoiando o queixo em seu joelho. Sei que Gabi está em busca de respostas, e ela merece isso, mas não sei se essa viagem lhe fará bem.

— Tenho, Gui, eu preciso disso — diz, e sei que está tentando convencer a si mesma. Sei que ela tem suas dúvidas. Mas, porra, quem sou eu para lhe negar isso?

— Tudo bem, nós iremos.

— Você vai comigo?

— Claro! Você acha mesmo que eu deixaria você ir sozinha? Nunca!

— Obrigada — agradece se aconchegando a mim, apoio sua cabeça sobre o meu peito e tento acalmar o meu coração que bate acelerado. Ele não ousou mais se aproximar da minha menina.

Santana ainda não havia me ligado com mais informações e isso estava me deixando nervoso. Ainda não contei a Gabriela que havia o contratado com medo da sua reação.

— Podemos ir amanhã? — pergunta com a cabeça ainda em meu peito.

— Sim — sussurro ao seu ouvido.

Gabriela

Termino de colocar todas as minhas coisas em uma pequena mala e espero Guilherme sair do banho para podermos ir. Decidimos viajar de carro, porque segundo ele isso me faria bem e eu teria tempo para pensar. Mas o que ele não sabe é que todas as vezes em que eu parava para pensar eu era consumida pelos meus demônios interiores.

Suspiro me sentindo derrotada.

Guilherme sai do banheiro com os cabelos molhados e bagunçados me desviando dos pensamentos; ele está apenas com uma bermuda jeans que deixa o cós da sua cueca à mostra.

A visão dele recém-saído do banho é o paraíso. Está sem camisa e só de vê-lo assim, meu mundo perde o foco. Meu namorado me lança um sorriso com as covinhas que tanto amo e eu sorrio sem conseguir evitar. Apesar de tudo que aconteceu esse mês, me sinto feliz cada vez que ele me olha com amor.

— Apreciando a visão? — pergunta jogando a toalha que estava em seu ombro em mim.

— Nem tanto... — adoro provocá-lo. Ainda mais sabendo do ego gigantesco que ele tem.

— Ah... — Ele apoia às mãos no sofá e fica de frente para mim — Mas posso lhe garantir que eu estou apreciando muito a visão. — Ele se ajoelha no chão para ficar na minha altura e captura meus lábios com os seus, sinto o sabor de menta da sua boca e gemo quando sua língua acaricia a minha. Coloco minhas mãos no seu rosto e sinto sua barba por fazer sobre a minha palma.

Guilherme se afasta de mim sorrindo e vai até o quarto. Minutos depois ele volta com uma camisa branca que abraça todos os seus músculos.

— Pronta?

— Sim — murmuro irritada por ele ter parado.



Já estávamos na estrada há, pelo menos, três horas. Guilherme para em um posto para abastecer o carro e aproveito para ir ao banheiro. Assim que termino e volto para o perto do carro vejo uma garota com um short minúsculo verde-musgo com a logo do estabelecimento. Ela pega o dinheiro da mão dele sorrindo e aproveita para roçar suas unhas longas no meu namorado. Guilherme olha para ela e agradece.

Entro no carro batendo a porta e Guilherme me olha espantado.

— O que foi isso? — pergunta saindo com o carro do posto e voltando para a pista, que agora estava um pouco congestionada.

— O que foi isso, Guilherme? Me diz você.

— Eu não estou entendendo — diz confuso.

— Você estava sorrindo para aquela garota do posto!

Ele solta uma gargalhada.

— Você está com ciúmes?

— Não estou não! — Viro para o outro lado do carro e ele continua gargalhando.

— Ei! — me chama. — Eu só tenho olhos para você, minha menina.

Seus olhos verdes me fitam, e vejo sinceridade em seu olhar; tudo isso estava me afetando mais do que eu esperava. Guilherme é a única parte sólida na minha vida e eu não quero perdê-lo por esse sentimento de impotência dentro de mim. Cada vez que eu o via conversando com outra garota era como se o destino viesse zombar da minha cara. Ele poderia estar com uma garota normal que não tivesse um passado tão fodido quanto o meu.

— Desculpa — digo a ele, que logo solta uma das mãos do volante e busca a minha que está com a nossa aliança. E ele diz apenas uma palavra que me desarma por completo.

— *Fidélité.*

Continuo segurando sua mão e acabo adormecendo, e meu último pensamento foi em como eu me sinto grata por ser amada por ele.



Guilherme estaciona o carro na frente da casa da minha mãe. Nós havíamos chegado em São Paulo após cinco horas na estrada. Ele estava exausto após tanto tempo dirigindo, mesmo que não tenha admitido isso para mim.

Na noite passada decidimos ficar em um hotel, eu precisava de um tempo para pôr os meus pensamentos em ordem e Guilherme precisava descansar. Não fizemos amor naquela noite. Ele me abraçou, sussurrou diversas vezes que me amava em meu ouvido e caiu em um sono profundo.

Sinto um toque no meu braço me tirando das lembranças e olho para o meu lado. Guilherme me dá um sorriso encorajador e olho para fora do carro tentando tomar coragem para abrir a porta e enfrentar a minha mãe.

— Podemos levar o tempo que você precisar — diz entrelaçando nossas mãos.

Suspiro e tomo coragem. Abro a porta do carro e salto para fora dele.

Olho para minha casa e vejo que nada mudou; o hall de entrada continua branco assim como o restante da casa, no entanto a grama está bem alta e precisa ser cortada, isso não é do feitio da minha mãe, ela gosta de tudo bem aparado e em perfeita ordem. Vejo um dos seus carros estacionados e sei que ela está em casa. Subo os degraus que dão para a varanda com as pernas trêmulas.

Toco a campainha e ninguém atende. Olho pela janela ao lado da porta e não consigo ver nada por causa da cortina.

Testo a maçaneta e vejo que a porta está destrancada. Meu coração bate descompassadamente e tento normalizar minha respiração antes de dar um passo para dentro. Guilherme passa as mãos pelas minhas costas e isso me acalma. Entro na sala e o que eu vejo me deixa completamente chocada.

Ao invés de estar arrumada e limpa como sempre estive, a sala está completamente bagunçada e imunda, consigo ver poças de vômito nos cantos da casa. Tampouco meu nariz quando sinto meu estômago me trair.

— Vou ver se ela está no quarto dela — digo a Guilherme, que logo vem atrás de mim.

Os cômodos de cima não estão muito diferentes do que vimos lá embaixo, abro a maçaneta

do seu quarto com as mãos trêmulas, mas não a encontro, decido ir até o meu quarto e mesmo com o coração ameaçando sair pela minha boca abro a porta. E o que eu vejo faz todo o meu sangue gelar em minhas veias.

Guilherme

Seguro Gabriela, que parecia prestes a desmaiar quando vê sua mãe deitada em sua cama encolhida com frascos de remédios jogados na cabeceira da cama e vômito ao seu redor.

— Meu Deus! — Ajudo Gabriela a se sentar em um pufe, que estava perto da porta, e caminho até a sua mãe. Testo sua pulsação, vejo que está normal, e solto um suspiro de alívio. Mesmo que ela não tenha sido uma boa mãe, Gabriela não merece vê-la morta.

— Ela está bem — digo a ela, que se levanta e se aproxima de mim. Maria Rita se mexe e Gabriela se assusta. Suas pálpebras se abrem, revelando seus olhos negros e avermelhados. Ela se senta com muita dificuldade na cama olhando para minha menina. Sua feição muda de dor para confusão em questão de segundos e sei que apenas eu devo ter percebido isso.

Ela se levanta meio grogue, pega uma garrafa de *Dalmore* antes que possamos impedir e bebe uma golada.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta passando as costas das mãos em sua boca para tirar o resto do uísque.

Gabriela cruza os braços.

— Eu vim conversar com você.

— E precisava vir aqui para isso?

O desprezo é nítido em sua voz, mas vejo seus lábios tremerem ao dizer isso. Gabriela não deve ter notado, mas eu notei, a sua mãe estava em seu quarto, na sua cama. E algo me diz que ela sente falta da minha menina, só é orgulhosa demais para admitir.

— Limpe esse vômito de você. Estarei esperando na cozinha, não vou sair daqui sem respostas.

— Você não manda em mim. Eu sou sua mãe! — grita.

— Nesse momento, você não passa de um monte de lixo — Gabriela diz já saindo do quarto, dou uma última olhada em sua mãe, que está estagnada no lugar. Saio do quarto e procuro por Gabriela.

12

Gabriela



Cheguei em um determinado ponto na minha vida que eu achava que nada mais poderia piorar, mas não podia estar mais enganada a respeito disso.

Pensar que minha mãe estava morta mesmo que por alguns segundos me abalou, afinal não sou de ferro! Mesmo a odiando com todas as forças no momento, eu não desejaria a morte para ninguém.

Abro a geladeira e vejo que ela está praticamente vazia, a não ser por algumas garrafas de água. Pego uma delas e encho um copo, e me apoio na bancada tentando entender tudo que estava acontecendo.

Guilherme entra na cozinha e vem até onde estou.

— Você está bem? — pergunta enrolando uma mecha do meu cabelo em seus dedos.

— Não. — Suspiro derrotada. — Eu nunca a vi assim — admito.

— Eu não me lembro muito bem dela quando era mais novo — diz coçando a cabeça.

— Houve uma época em minha vida em que ela me amava. — Engulo em seco, anos se passaram e ainda é difícil falar sobre isso. — Mas com o passar do tempo, ela e meu pai discutiam mais do que conversavam, eles sempre faziam as pazes. No entanto, ela nunca mais voltou a ser a mesma. Eu não me lembro de muita coisa, mas sei que chegou um determinado momento em que ela já não ligava mais para nada. Minha mãe se afundava no trabalho e me deixava com o meu pai. — Não consigo mais conter as lágrimas. — Ela não sabia, nunca soube o que acontecia quando saía de casa. Estava ocupada demais para perceber. — Soluços rompem a minha garganta. — E quando tudo aconteceu, ela mal falava comigo, seu olhar sobre mim era de acusação, porque eu havia matado o homem que ela amava. Mesmo com todas as brigas, ela o amava. Desde o momento em que tudo aconteceu até o dia em que saí de casa, minha própria mãe me tratou com indiferença. E pensar que todo esse tempo ela sabia que ele estava vivo e

mesmo assim me odiava. Me destrói, Gui. Eu estou destruída.

Confesso tudo a ele, tudo que vinha guardado dentro de mim. Meu namorado me abraça fazendo com que meus soluços fiquem abafados contra o seu peito.

— Tem certeza de que quer conversar com ela agora?

— Tenho. Eu preciso de respostas.

Ouçoo passos vindo em direção à cozinha e me solto do abraço de Guilherme, mas ele coloca suas mãos calejadas na minha cintura me mantendo perto dele.

Minha mãe entra na cozinha e se senta perto da mesa. Apesar de sentir o cheiro de sabonete no ar, sua aparência está horrível; seus cabelos estão embolados em um coque no alto da cabeça, ela está com olheiras profundas, seus lábios estão rachados e suas unhas lascadas. A mulher que está a minha frente não se parece em nada com a mulher imponente que sempre foi.

— Vejo que ele não perdeu tempo.

— Então é verdade? — pergunto na esperança dela dizer que não sabia de nada, talvez fosse menos doloroso.

— É — responde e abaixa a cabeça cutucando as unhas.

— E você nunca pensou em me contar? — grito.

— Você não estava preparada!

— E quem é você para me dizer se estou ou não preparada? Você nunca se importou comigo!

— Eu sou a sua mãe.

Olho para ela e gargalho, porque se não fosse trágico esse momento seria cômico.

— Você deixou de ser a minha mãe há muito tempo. Nesse momento, eu só quero a verdade.

E então, meio relutante, ela me diz tudo que ele já havia me dito.

— Seu pai estava doente, Gabi... mas agora ele se curou. — Sorri.

E eu me pergunto quem está mais doente nessa história... ela ou ele.

Ignoro seu sorriso.

— E você nunca pensou em me contar que esse tempo inteiro, ele estava vivo? Você sempre me acusava mesmo sem palavras.

Eu passei anos tendo que viver sob seu olhar de acusação e sob as meias palavras que ela dirigia a mim, tudo porque ela o amava mais do que a mim.

— Você quase o matou!

Olho para ela incrédula.

Sim, eu quase o matei, mas foi porque eu queria protegê-la dele e me proteger! Essa é a primeira vez que ela me acusa verbalmente. Meu coração se comprime no peito, uma onda de náusea ameaça dominar o meu corpo e respiro fundo tentando me recompor. Guilherme se aproxima de mim e faz pequenos círculos nas minhas costas tentando me acalmar.

— Ele me estuprava! — grito e ela nem se assusta.

Ela gargalha histericamente e Guilherme passa o braço ao redor da minha cintura.

— Vai continuar com isso? Seu pai sempre foi bom pra você, Gabriela, mas você quis arruinar nossas vidas por causa das suas mentiras. Meu marido passou anos em uma clínica, por sua culpa. Você o afastou de mim!

— Eu o afastei de você? Você se afastou da sua família, seu trabalho sempre foi mais importante! Você passou tanto tempo construindo o seu “legado”, que não percebia que o homem que tanto amava estuprava sua filha cada vez que você saía de casa.

— ATÉ QUANDO VAI CONTINUAR COM ESSA MENTIRA?

Gargalho amargamente.

— Até quando você continuará cega? — rebato.

— Você não vai nos separar com as suas mentiras dessa vez, nós voltaremos a ser uma família, ele e eu. Apenas nós dois. — Ela sorri e meu estômago embrulha. Não consigo falar mais nada, suas palavras foram como flechas lançadas em meu coração. Tudo que eu sempre quis ter era uma família que me amasse e cuidasse de mim. Eu queria que a minha mãe fosse o que Nina era para mim.

— Porra! Você é tão doente quanto ele! — Guilherme finalmente diz algo. — Eu quero vocês longe da gente, Gabriela queria a verdade e apenas por isso eu a trouxe aqui. Mas percebi que você e o seu marido se merecem. Vamos, por favor, ela não te merece, minha menina. — Ele coloca suas mãos em meu rosto e enxuga uma de minhas lágrimas com o polegar.

Ela continua com o sorriso arrogante no rosto, sinto como se as paredes ao meu redor pudessem me sufocar e respiro fundo em busca de ar. Preciso sair dessa casa!

— EU TE ODEIO! — grito dando ênfase a cada palavra. Não lhe dou tempo de responder, corro até o carro e Guilherme me segue.

Ele segura minha mão durante todo o trajeto de volta para o hotel. Assim que ponho os pés no nosso quarto, um grito agudo escapa da minha garganta. Choro de tristeza e de alegria. Tristeza por tudo que aconteceu comigo... mas alegria porque eu não havia tirado a vida de ninguém. Minhas mãos estavam limpas.

Muitos sentimentos me invadem nesse momento, mas nenhum vence. A dor e a alegria sempre caminharão lado a lado na minha vida. E isso estava me fazendo desmoronar.



13

Gabriela

Duas semanas depois...

— **Como você está?** — pergunto a Júlia no telefone me sentando à mesa para tomar café e ir para a faculdade. Já faz mais de um mês que ela está no intercâmbio. Eu estou morrendo de saudades dela, quase não nos falávamos, pois ela passa a maior parte do tempo atarefada.

— *Estou bem* — diz com a voz um pouco arrastada.

— Eu te acordei? — Pelas minhas contas devia ser perto da hora do almoço na Espanha.

— *Não. Só estou um pouco resfriada* — ela funga baixinho e pergunta: — *Como meu irmão está? Estou morrendo de saudade dele.*

Sorrio. Ver a união entre eles é algo que sempre me deixará feliz.

— Está bem. Eu... hã... preciso te contar uma coisa.

— *O que houve?* — pergunta preocupada. Júlia assim como Guilherme tem um forte senso de proteção e isso era uma das coisas que eu mais admirava neles.

— Eu vou morar com o Gui — digo a ela. Eu estava sempre dormindo na casa do Guilherme antes de aceitar o seu pedido. Mas Júlia ainda não sabia disso, eu não quis contar para ninguém, e não sabia como ela iria reagir, afinal ela ficaria sem uma colega de quarto agora.

Ela solta um gritinho de animação no meu ouvido.

— *Não acredito! Quando vai ser a festa?* — pergunta.

— Que festa? — pergunto a ela.

— *A de casamento oras, esse é o próximo passo.*

— Eu... hã... não... não vamos casar, Ju, só morar juntos — consigo dizer.

Não consigo nem pensar em casamento nesse momento. Eu e Guilherme estávamos juntos há alguns meses, mas nunca tocamos nesse assunto. Somos novos demais, sem contar que a minha vida

está uma verdadeira bagunça agora.

— *Eu duvido que você fique sem uma aliança na mão esquerda por muito tempo, meu irmão é louco por você! Estou tão feliz por vocês* — diz animada ainda soltando gritinhos.

— Você não está chateada? — pergunto, com temor. Sei o quanto ela ficou animada quando se mudou, por ter uma colega de quarto.

— *É claro que não!*

Conversamos mais um pouco sobre sua viagem, os poucos locais que ela conseguiu visitar apesar da sua rotina intensa, após alguns minutos de conversa desligamos para que ela possa descansar. Júlia estava sempre me mandando mensagens preocupada comigo, ela sabia de boa parte do meu passado agora e que meu pai estava vivo. E a todo instante me perguntava como eu estava lidando com tudo isso. Mas cada vez que eu pensava nele a sua imagem era associada à do monstro e eu chorava.

E agora, toda semana eu ia até a doutora Lara conversar com ela. Ouvia os seus conselhos e tentava segui-los. Ainda não era fácil para mim, mas a cada dia se tornava menos doloroso. E eu sentia que estava vencendo mais um obstáculo. Minhas feridas ainda estão abertas, doem. Mas, aos poucos, estão sarando.



Guilherme me desperta com beijos e cosquinhas. Acabei adormecendo enquanto assistíamos a um filme. Como decidimos passar o fim de semana em casa preparamos pipoca e nos enroscamos no sofá.

— Que horas são? — pergunto coçando os olhos.

— Quase seis. Estou indo correr com o Lucas e o Rafa. Quer vir? — pergunta.

— Não estou muito a fim de correr, mas quero tomar um sorvete. Vou aproveitar e chamar Milena também.

Ele beija a ponta do meu nariz e vai até o quarto, envio uma mensagem para Milena e ela responde em menos de dois minutos. Me apronto e saímos no seu Jeep.

Assim que chegamos lá avistamos Rafa e Lucas na área de musculação. Nos aproximamos deles e um pouco suados eles vêm me cumprimentar.

— Gabil!

— Anjo!

Sorrio para eles.

— Vai correr hoje? — Lucas pergunta. Eu vim com uma legging preta, tênis e uma regata, mas não estou a fim de correr hoje.

— Não... — não tenho tempo de terminar minha frase, pois Milena surge atrás de nós nos interrompendo.

— Chuchu! — Me abraça e eu sorrio.

— Ruivinha! — Ela ignora Rafael e dá um enorme abraço em Lucas, que fica meio desconfortável com a situação. Minha amiga agora está tentando ignorá-lo, mas essa tática não tem dado muito certo, pois Rafael não se dá por vencido tão facilmente.

Eles voltam a se alongar e eu e Milena caminhamos pelo calçadão até a sorveteria.

Vamos até o balcão para fazermos nossos pedidos e assim que pegamos nosso sorvete nos

sentamos em uma das mesas de aço coloridas.

— Então, agora você pode me dizer a verdade de como está sendo morar com Guilherme?

— pergunta me fazendo lembrar da primeira vez que ela havia me feito essa pergunta meses atrás.

— Bom — lhe dou a mesma resposta de meses atrás.

— Vaca!

— Tem sido ótimo, Mi, ele me mima a cada segundo, nunca imaginei que deixar alguém cuidar de mim me faria tão bem.

— Às vezes, tudo que precisamos é de um porto para ancorar o nosso barco, e acho que você encontrou o seu, Chuchu — diz com um misto de tristeza e alegria.

— Acho que alguém acordou inspirada hoje — digo colocando uma colherada de sorvete de banana na boca. Céus, o sorvete deles é maravilhoso!

— Só espero encontrar logo o meu porto, meu barquinho está quase afundando — diz com pesar.

Minha amiga quer encontrar um amor verdadeiro e fez disso sua missão de vida. Começo a pensar no que eu poderia lhe dizer, mas não sou a melhor pessoa para lhe dar conselhos, então me lembro da Ninha... ela sim daria bom conselhos para Milena.

Meu Deus! Como pude esquecer das cartas da Ninha?

— Mi, eu preciso te dar algo — digo me levantando.

— O quê? — pergunta curiosa.

— Deixa de ser curiosa, Mi!

Espero Guilherme voltar da sua corrida e voltamos para casa, dessa vez com Mi de carona no banco de trás.

Entramos em casa, vou até o quarto e procuro no closet o baú com as cartas. Procuro uma que está escrito: *Encontrando o amor 1*, com a linda caligrafia de Ninha, e entrego a Mi que estava engajada numa conversa com Guilherme. Assim que lhe entrego a carta seus olhos se enchem de lágrimas e vejo seu lábio tremer. Eu a abraço e ela logo vai embora ansiosa para abrir a carta da sua mãe.

Vou até o banheiro para tomar uma ducha e Guilherme entra atrás de mim me fazendo dar um gritinho de susto. Toda vez que voltávamos da corrida, ele me fitava como um predador fita a presa, que está prestes a devorar.

Ele me prende contra a parede e continua me olhando com seus olhos intensos. Seu olhar desce para os meus seios e ele passa a língua em seus lábios.

— Tão gostosa. — Ele tira uma das mãos da parede e trilha o caminho da minha cintura até alcançar o meu seio, ele deposita sua boca nele me fazendo arquear as costas e encostar a cabeça na parede.

Estou entrando em combustão instantânea.

Seus olhos estão intensos, como se ele quisesse gravar cada pedaço meu na sua memória.

Seus lábios descem até o meu centro e eu seguro seus cabelos quando o sinto dentro de mim, sua boca faz cada célula do meu corpo vibrar de desejo, ele puxa uma de minhas pernas e a coloca sob o seu ombro, introduzindo um dedo em mim, sinto meu clímax se aproximar, meu corpo começa a tremer e ele retira sua mão e me puxa para os seus braços.

— Gui. — Desço minhas mãos pela sua barriga chegando até a sua ereção e sinto sua respiração ficar mais rápida, faço o movimento de vai e vem e um gemido rouco sai da sua garganta, ele me interrompe para que, dessa vez, ele possa se apoiar na parede.

Seus olhos se arregalam assim que me ajoelho a sua frente e ele resmunga um palavrão sabendo o que está por vir. Sorrio e o coloco na minha boca, eu o chupo ainda fazendo movimento com as minhas mãos, e ele coloca uma de suas mãos em meu rosto.

— Caralho, Gabi! Traz essa boquinha gostosa aqui pra cima — diz com a voz rouca e sexy pra caramba!

Ele me ajuda a levantar do boxe e me vira de frente para a parede me deixando completamente exposta para ele, uma de suas mãos seguram meus cabelos e a outra desce do meu pescoço até a minha bunda.

Seu corpo agora me abraça por trás e ele sussurra em meu ouvido:

— Tão linda! — E então ele me penetra.

— A camisinha — consigo dizer. Já havíamos feito sexo sem camisinha duas vezes e só agora havia me dado conta disso.

— Porra! Confia em mim? — pergunta parado ainda dentro de mim.

— Sim — consigo murmurar. E então ele continua me penetrando bem fundo. Como sou bem mais baixa que ele, a posição fica desconfortável e ele logo imprensa minhas costas na parede novamente e passo minhas pernas pela sua cintura fazendo-o se encaixar em mim novamente.

Desse jeito consigo senti-lo completamente dentro de mim, causando dor e desejo ao mesmo tempo. Um calor sobe pela minha barriga e se concentra no meu ponto. Sinto seus movimentos se intensificarem e todo meu corpo reage quando ele atinge o meu ponto, ele estoca três, duas, e na última vez ele retira jorrando seu gozo no chão do banheiro.

Depois de recuperarmos nosso fôlego, terminamos de tomar um banho (de verdade) e depois nos enroscamos no sofá para assistirmos a um filme e acabamos adormecendo.



Uma semana depois...

Guilherme me deixa em frente ao consultório da doutora Iara e vai direto para o estágio.

Entro e me deparo com a secretária falando ao telefone, assim que ela desliga pede para que eu entre, que a doutora já está me esperando. Entro na sala e ela abre um sorriso imenso. Dessa vez sorrio também, não tenho mais receio em vir até aqui, pelo contrário, agora eu sinto mais leve cada vez que saio do seu consultório.

Conto a ela o pedido de Guilherme sobre morar com ele, lhe conto o quanto eu estou feliz, apesar de tudo que está acontecendo na minha vida. Eu tenho Guilherme ao meu lado. Meu melhor amigo, meu namorado, meu Inho. Ele é meu novamente e isso me basta.

— Estou orgulhosa de você, Gabriela, sempre soube que você conseguiria. — Por alguns segundos penso ter visto seus olhos molhados, mas não tenho certeza, pois ela muda de assunto rapidamente.

— Você conversou com a sua mãe?

Solto um longo suspiro, tentei prolongar ao máximo essa conversa, mas sei que não há para onde correr.

— Fui até a minha antiga casa para confrontá-la. Eu precisava saber da verdade. Mas ela ainda acha que estou mentindo... ela acredita de verdade que ele a ama.

— Maria Rita está em negação há anos... — diz a doutora lara.

— Ela acredita que agora eles finalmente poderão ser uma família feliz sem as minhas mentiras... — não consigo continuar falando, pois a dor que sinto em meu peito é tão dilacerante que chega a me sufocar.

— Gabriela, olhe para mim. Ela pode negar o quanto quiser, mas você conhece o seu coração, e o seu corpo. Somente você sabe o que passou nas mãos daquele... — ela não completa a frase, seu rosto fica vermelho e ela passa as mãos no cabelo nervosa. — Desculpa, sei que é antiético, mas eu o odeio. Odeio saber que existem milhares de crianças que passam pelas mesmas coisas que você passou, e que homens como ele continuam livres cometendo tais atrocidades. — Ela faz outra pausa, respira fundo e volta a falar: — Inúmeras pessoas entram nessa sala, pessoas que passaram até mesmo o que você passou, mas eu nunca vi alguém tão forte quanto você, Gabriela. A sua mãe pode dizer o que quiser, você conhece a verdade e isso é o que importa. Um dia, ela enxergará que tudo que ela fez, todo amor que sacrificou por causa dele, foi em vão, mas só espero que não seja tarde demais. Você terá uma família, Gabriela, a sua família, o relacionamento que você e Guilherme estão construindo é apenas o início de uma nova vida, é o seu recomeço, não deixe que a sua mãe tire isso de você.

Seus grandes olhos verdes me fitam com amor, ela estica uma mão por cima da mesa e pega minha.

— Desculpa não ser tão profissional com você, Gabriela, eu não consigo. Criei um grande afeto por você e me envolvi demais com a sua história, eu torço por você, pela sua felicidade.

As lágrimas descem livremente, choro de tristeza porque queria que nada disso fosse verdade; e de alegria por ter alguém como lara ao meu lado.

— Obrigada, lara... por tudo.

Ela sorri e contorna a mesa para me abraçar.

14

Guilherme



Termino de falar com Rafael, desligo o telefone e saio do quarto, vou até a sala e encontro Gabi com o semblante triste. Há dias em que ela está bem, mas sei que há dias que as suas lembranças a derrubam e a deixam mal.

Olho para suas mãos e vejo o papel que o seu pai havia lhe dado. Ele está um pouco amassado e desgastado.

— Eu não consigo, Gui... não consigo perdoá-lo. Nenhuma doença justifica isso. O que ele fez comigo...

— Shhh... eu sei, minha menina. Eu sei.

Eu a puxo para o meu colo e a seguro enquanto ela agarra minha camisa e chora. Fico com ela fazendo carinho em seus cabelos loiros. Então me lembro de algo que talvez a anime.

— O que você acha de passar o fim de semana em Florianópolis? Rafael acabou de me ligar. Ele foi convidado para tocar lá.

— Florianópolis?

— Pois é, a última vez que ele tocou no *New Mariunzim*, o dono de uma das maiores casas de Jurerê estava lá. E parece que o cara gostou tanto do Rafa que, além de tê-lo convidado para tocar no sábado, reservou um iate com três quartos para ele pelo resto do fim de semana. Como hoje é quinta, ele vai na sexta e volta no domingo, o que acha?

Eu estou tão feliz pelo meu amigo! Sem dúvidas alguma isso marcará a carreira dele como DJ, Rafael é talentoso não é à toa que ele foi convidado para ir até Jurerê uma das cidades mais badaladas do Brasil.

— E como nós vamos conseguir as passagens tão em cima da hora?

— Rafael disse que resolveria tudo, só pediu para estarmos prontos até às nove horas da manhã que ele viria nos buscar. Então... o que me diz? Você pode convidar Milena se quiser, ele me

disse que só chamou a gente e o Lucas.

Ela parece pensar no assunto, olha de novo para o papel e me dá um sorriso que não chega aos seus olhos.

— Acho que seria bom.

— Então vou avisar a ele!

Gabriela

Aceitei o convite de Rafael de bom grado pela distração. Ligo para Milena para convidá-la, que fica bem relutante em ir; afinal ela e Rafael viviam como cães e gatos, mas, como minha amiga adora uma diversão, ela aceitou ir com uma condição.

— Se eu ficar bêbada e quiser me jogar em cima de Rafael, me segura. E não me deixe ficar sozinha com ele! Promete?

— Prometo. — Faço essa promessa, mesmo sabendo que isso seria quase impossível, pois Milena bêbada é irredutível. E bem safada, mais do que o normal.

Arrumo uma mala pequena junto com Guilherme para a nossa viagem. Esses pequenos detalhes me faziam sorrir feito boba, nossas vidas estão se entrelaçando, e isso não me assustava mais. Eu amo cada momento ao lado dele.



Chegamos ao aeroporto do Galeão e encontramos com Rafael na entrada. Nós não vamos direto ao guichê como imaginei, vamos até uma área reservada para jatos e aviões particulares.

— Acho que estamos indo na direção errada — digo para eles.

— Estamos indo na direção certa, o Rafa disse para esperarmos aqui, nós vamos de jatinho.

— E de quem é esse jatinho? — pergunto.

— Do Rafa, quer dizer, é da empresa, ele e o pai dividem — Guilherme explica.

Olho para Milena, que parece tão chocada quanto eu. Nós sabemos que Rafael tem uma boa condição de vida. Mas ter um jatinho particular? É demais até para ele!

Uma aeromoça nos recebe com um sorriso no rosto e toca Rafael de um jeito nada profissional, mas ele apenas sorri a fazendo ficar vermelha como um tomate. Olho para Milena e a vejo fazendo uma careta.

Nos acomodamos e tento não ficar aterrorizada, com o fato de que em alguns minutos, estarei a mais de mil pés longe do solo. Milena fica ao lado de Lucas na poltrona da frente e Rafael em uma poltrona sozinho de frente para eles com seus grandes fones de ouvido.

Seguro a mão de Guilherme assim que as turbinas são acionadas e o avião começa a decolar. Mesmo que eu tenha pulado de asa-delta ainda morro de medo de altura.

— Medo? — pergunta sorrindo.

— Nem um pouco — minto e, ele sabe disso, pois solta uma gargalhada fazendo meu medo

ir embora. Assim que o jatinho alcança uma altura significativa, o copiloto nos avisa que já podemos circular pelo avião. Eu nem saio do lugar, prefiro ficar sentada e não correr o risco de ter uma turbulência e eu enfartar.

— Desejam beber alguma coisa? — pergunta a mesma aeromoça que nos recebeu. Ela olha para Guilherme com desejo estampado no olhar, mas ele apenas a ignora e pergunta se quero algo.

— Não — murmuro.

Coloco um filme para ver, mas Guilherme fica desviando minha atenção, me beijando. Ele se inclina um pouco para frente e sua mão sobe pela minha coxa fazendo todo meu corpo se arrepiar. Fecho os olhos por um momento me esquecendo de que estamos em um jato acompanhados de nossos amigos. Sua mão vai até a parte interna da minha coxa fazendo todas as minhas terminações nervosas vibrarem, solto um gemido baixinho quando sua mão alcança minha calcinha. Como eu estava com apenas um vestido, não foi tão difícil assim.

— Shhh... Sem fazer barulho, minha menina — sussurra ele para mim.

Como os assentos são altos não há a menor possibilidade de alguém nos ver, a não ser se alguém estivesse nos assentos laterais, mas não havia ninguém neles.

Quando eu ia dizer para ele parar, mesmo contra a minha vontade, ouço a voz de Milena.

— Ei! Vão para um quarto! Céus, se controle, homem! — diz batendo no ombro de Guilherme, que lança um sorriso para ela, e eu só me afundo na cadeira com o rosto queimando de vergonha. — Me deixa sentar ao lado da minha amiga, chispa!

Ele beija minha testa e se levanta para dar lugar a minha amiga.

— Quem te viu e quem te vê, hein, Gabi! Quase transando num jatinho!

— Você me mata de vergonha, Mi — resmungo.

— Nem vem! Você não é mais puritana! — diz rindo, balanço a cabeça rindo também. É impossível brigar com Milena.

Ela coloca o fone no ouvido e encosta a cabeça no meu ombro e assistimos uma parte do filme *Um amor para recordar*. Já perdi a conta de quantas vezes vimos esse filme. Eu sempre chorava ao ver o amor verdadeiro entre os personagens.

Ela se levanta fungando baixinho e vai até o sanitário, espero ela sair para conversar sobre o que está acontecendo. Mas acabo adormecendo. Quando acordo, Gui está ao meu lado me olhando dormir.

— Para de fazer isso, é bizarro!

— Fazer o quê?

— Me olhar dormir!

— Já estamos pousando — diz ignorando meu comentário.

— Por quanto tempo eu cochilei? — pergunto me ajustando no assento.

— Só uns vinte minutos — responde ajustando o cinto ao meu redor.

Sinto o calor do seu corpo próximo ao meu e o seu cheiro. E fecho os olhos me deixando levar pela sensação de tê-lo perto de mim. Não importa quanto tempo passamos um ao lado do outro, cada vez que ele se aproxima de mim todo meu corpo reage como se fosse a primeira vez.

— Isso sim é bizarro — diz, me desviando dos pensamentos.

— O quê?

— Você estava me encarando!

— Eu... não estava — desisto de tentar falar.

O copiloto anuncia que já estamos aterrissando interrompendo nosso momento, Guilherme

me olha com o sorrisinho besta de quem sabe que eu estava mentindo.

— Eu sei que sou irresistível, não precisa dizer — diz, como sempre convencido.

— Não sei como o avião ainda não caiu com esse seu ego gigante.

Ele solta uma gargalhada.

Sorrio porque tudo que ele disse é verdade, fazer o quê? Meu namorado é irresistível!



Quando Guilherme disse que ficaríamos em um iate, eu não fazia ideia que ele seria tão grande; ele deve ter, pelo menos, trinta metros de comprimento. Com três quartos; uma suíte máster, uma suíte VIP e um quarto para solteiros. Um senhor chamado João, piloto do iate, nos apresenta os ambientes: o espaço gourmet, que é uma área toda aberta nas laterais possibilitando uma visão ampla do mar com mesas e cadeiras, o toldo elétrico, uma tenda com um sofá, também aberto nas laterais. Mas o que fez meus olhos brilharem de verdade foi a banheira de hidromassagem.

— Podemos tomar banho aqui, antes de ir dormir? — pergunto a Guilherme.

— Acho que sim — diz revelando seu melhor sorriso sacana.



Guardamos nossas coisas e nos acomodamos no quarto, mas não sem uma briga antes, a suíte VIP ficou para mim e Guilherme, Rafael ficaria com a máster, já que ele fora convidado, e só sobrou um quarto pequeno com duas camas de solteiro, mas Milena queria dormir sozinha. Lucas não se importava de dormir no mesmo quarto que ela, mas minha amiga se importava, e quando Rafael a convidou para dormir com ele, quase a vi chutando suas bolas. Mas como Milena é bem... Milena, ela apenas se trancou na suíte máster deixando Lucas e Rafael para trás com caras de idiotas. Resumindo: eles dormiriam juntos no mesmo quarto cada um em uma cama de casal.

— Porra! — Rafael resmunga baixinho.

Ele vai até a tenda e Lucas pega uma cerveja e se acomoda na sala para assistir TV. Eu e Guilherme seguimos para a banheira de hidromassagem num espaço mais reservado.

Entramos e sinto a água abraçar todo o meu corpo, colo as minhas costas no peito de Guilherme e ele acaricia minha pele fazendo minhas terminações internas vibrarem.

— Como você está? — pergunta no meu ouvido.

— Relaxada, essa viagem realmente está me fazendo bem.

Guilherme tem esse poder sobre mim, só de ver o seu olhar carregado de amor e carinho faz com que meus problemas fiquem em segundo plano.

— Posso te fazer relaxar mais se quiser — sussurra no meu ouvido.

— Hum... — murmuro quando sua boca encosta no meu pescoço, sua língua percorre toda sua extensão, me beijando e me fazendo soltar pequenos gemidos. Sua mão vai até o nó do meu biquíni ao redor do meu pescoço e ele tenta desamarrar. Mas seguro sua mão antes que ele possa fazer isso.

— Alguém pode nos ver — sussurro.

— Ninguém vai entrar aqui, Gabi, estamos no mar, os iates ao lado não podem nos ver.

— E os nossos amigos?

— Rafael e Lucas não vão nos incomodar, e eu acho que Milena não sairá daquele quarto hoje — diz me convencendo.

Solto sua mão tomada pelo desejo e ele consegue desamarrar, viro de frente e vejo seus olhos brilharem.

— Porra! — Seus olhos se desviam dos meus e seu olhar desce até o meu seio, suas mãos os tocam e eu inclino meu corpo para ele.

Meu biquíni fica esquecido dentro da banheira assim que sua boca cobre o meu seio me fazendo gemer e pressionar ainda mais a sua ereção com o meu corpo.

O calor se espalha pelo meu ventre e sinto que estou por um fio.

— Gui.

Ele murmura algo incompreensível e solta o meu seio. Minhas pernas agora envolvem sua cintura e ele abaixa a sunga o suficiente para que fique livre, tira seu corpo da água apenas para colocar a camisinha que estava no bolso do seu short. Assim que ele termina, seus lábios passeiam pelo meu pescoço. Passo as pernas pela sua cintura e ele entra em mim rapidamente me fazendo soltar um gritinho de surpresa.

Assim que a surpresa passa inclino meus joelhos para frente para que eu consiga me mexer. Guilherme fica apenas parado soltando pequenos rugidos estrangulados e segurando minha cintura enquanto me movimento em cima dele.

— Gabi, estou por um fio, para — ele pede, mas eu não paro. Continuo me movimentando e jogo os meus braços no seu pescoço juntando ainda mais nossos corpos, fazendo o prazer se alastrar por todo o meu ventre. Como uma floresta em chamas, todo meu corpo entra em combustão e gozamos juntos com os nossos corpos colados.

15

Gabriela



Como Rafael só iria tocar à noite, decidimos almoçar no iate e caminhar pelo bairro. Eu sempre tive um alto padrão de vida, mas tudo aqui é surreal. Parece um condomínio, na verdade é um bairro de classe alta; as casas não têm muros nem cercas, mas são grandes mansões com uma arquitetura de tirar o fôlego.

— Uau!

Guilherme me olha sorrindo.

— Você nunca veio aqui?

— Não. Nunca. Essas construções são fantásticas — respondo observando as mansões.

— Eu sei, é a segunda vez que eu venho aqui.

— Pombinhos, parem de dar uma de engenheiros! Rafa disse que tem uma soverteria bacana aqui perto, vamos? — Mi pergunta.

— Vamos.

Olho para Milena e a vejo se esquivando de Rafael, ele mantém aquele sorrisinho sexy até mesmo quando Mi o empurra e volta a conversar com Lucas.

Fomos até a sorveteria e pedimos um sorvete que deveria ser de outro mundo. Eu nunca experimentei um sorvete tão bom e natural na vida! Depois acabamos voltando para o iate e ficamos jogando conversa fora. Até que Rafael avisa que precisa ir até aonde será a festa para montar seu equipamento. E fico surpresa quando ele avisa ao piloto que já podemos ir.

— Ir para onde? — pergunto assim que o iate começa a se movimentar.

— Ah, eu não disse para vocês? Essa casa de festa é nova e ela é reservada, só conseguimos chegar até ela de iate porque fica em uma ilha.

Olho para ele incrédula, que apenas sorri.

Não levamos nem dez minutos para chegar até a tal casa, Rafael vai até ela enquanto nós

permanecemos no iate. De onde estamos apenas conseguimos ver uma parte dela por conta das grandes árvores a sua volta.

Gui me deixa sozinha no quarto e eu chamo Milena para que possamos nos arrumar juntas.

— Você está bem? — pergunto quando percebo que ela está bem quieta, o que não é normal para Milena.

— Sim... aliás, eu que deveria estar te perguntando isso... Como está lidando com tudo?

— Eu não sei como me sentir, Mi, ele diz estar doente. — Faço uma pausa para organizar meus pensamentos. — Isso justifica o que ele fez comigo? — pergunto a ela o que venho me questionando esse tempo todo.

— Chuchu, olhe para mim — pede e logo meus olhos se encontram com os seus. — Nada, absolutamente nada, justifica o que ele fez com você. Entendeu? Ele podia sim estar doente. Mas nunca pense que isso justifica o que fez. O mal pode habitar em cada um de nós, doentes ou não, mas cabe a nós não cedermos a ele.

Uma lágrima solitária escorre pelo meu rosto e ela me abraça. Depois de alguns minutos, ela me solta e coloca as duas mãos no meu ombro me fazendo olhar para ela.

— Chega de chorar! Porque a noite é nossa, Chuchu! — diz me fazendo sorrir. Milena é apenas... Milena. Não existe tempo ruim com ela.



Saímos do quarto já arrumadas, minha amiga está com um vestidinho preto bem curto que destaca ainda mais a cor dos seus cabelos ruivos, e eu com um vestido azul-claro, um pouquinho mais solto, com salto alto — assim como Milena.

— Uau! — Guilherme diz vindo ao meu encontro. — Pensando bem, eu gostei tanto desse iate que estou pensando em ficar aqui... O que acha? Eu, você...

— Nada disso! — Mi diz enroscando seu braço no meu. — Vamos?

— Sim — ele resmunga.

Saímos do iate e Milena se vira para trás.

— Não que eu tenha interesse, mas onde Rafael está? — pergunta fazendo todos nós rir.

— Rafael abriu a festa, ele já está lá — Lucas responde.

Milena se vira novamente e saímos do iate, Guilherme e Lucas vem logo atrás de nós e caminhamos até a casa de festa que, na verdade, é uma mansão como todas as casas do bairro. Ela é toda branca com as janelas e portas pretas dando um ar gótico. Quando chegamos no hall de entrada sentimos o chão vibrar aos nossos pés.

A casa está cercada de seguranças, nos aproximamos de um deles, que estava recebendo os convidados e nos apresentamos como amigos do proprietário, como Rafael havia combinado conosco.

Ele nos entrega um broche dourado e adentramos o salão. A música eletrônica faz o ambiente vibrar.

— Rafael disse que podemos ficar na área VIP, vamos? — Guilherme fala no meu ouvido por causa da música alta.

Passamos por um corredor negro todo iluminado e subimos dois lances de escadas após passarmos por um mar de pessoas que estavam dançando na pista e, quando finalmente chegamos

a área VIP, paro para observar o ambiente a minha volta, praticamente todos os móveis e paredes são negros com estofados brancos com almofadas com estampas de vacas, há até mesmo estátuas delas!

— Céus! Acho que o dono desse lugar é fascinado por vacas — digo ainda observando as estátuas.

— Provavelmente, o que é bem bizarro por sinal — Guilherme diz sorrindo.

— É por isso que o nome da casa é *Milk*?

— Acho que sim... eles até servem duas bebidas à base de leite, pelo menos foi o que Rafael disse. Eu nunca tinha vindo aqui, essa casa inaugurou há pouco tempo.

Continuo observando tudo a minha volta. Eu sempre evitei casas de festas. Eram pessoas e mãos demais perto de mim, então para mim tudo é uma novidade. Mesmo sem experiência, eu sei que nenhuma casa deve ser igual a essa, ela tem um ar exótico; o chão é abstrato intercalando nas cores brancas e pretas e os quadros são... diferentes.

Vejo Lucas bufando e cerrando os punhos olhando para um ponto fixo; há um cara com os cabelos raspados e o maxilar quadrado — que lhe davam um ar sexy, observando duas garotas dançando a sua frente — ou melhor, quase transando na sua frente na sacada da casa. Ele está observando-as com um sorriso no rosto e um cigarro nas mãos com o ar despreocupado.

— Lucas, aqui não — ouço Guilherme falar com ele segurando um dos seus braços quando ele ameaça ir até onde o cara está.

— O que houve? — pergunto a ele assim que Lucas vai até o balcão buscar algo para beber.

— Lembra quando eu te contei o que aconteceu com a Júlia? Ele é o Diego — diz com o maxilar travado. — Eu mesmo queria acabar com ele na porrada, mas não posso estragar a noite do Rafa.

— Até eu quero quebrar aquela cara dele agora — Milena diz dando um passo à frente.

— Mi — eu chamo e ela apenas me dá um sorrisinho de quem sabe o que está fazendo. — Olhe e aprenda, Chuchu.

Ela se aproxima dele, com os saltos altos e expulsa as duas meninas que estavam na sua frente. Ela fica em pé de frente para ele sorrindo e o tal Diego diz algo para ela. Guilherme faz menção de se aproximar, mas eu seguro seu braço o impedindo. Estou bem curiosa para saber o que Milena irá fazer.

Ela apoia um pé na beirada do sofá no meio das pernas dele, e quando ele inclina o corpo para frente e tenta tocar a sua coxa, ela pisa bem no meio das suas pernas com o salto do seu sapato.

Ela sorri triunfante e praticamente grita para todos que estão ali ouvir:

— Ninguém mexe com as minhas amigas e sai impune, muito menos um mauricinho como você, entendeu?

Ele apenas a xinga e resmunga com as mãos entre as pernas. Os seus amigos que estavam a sua volta, como se fossem seus seguranças, se aproximam. Diego balança a cabeça, e eles recuam como se fossem servos — que babaca! Milena volta para onde estamos e se joga em um dos sofás. Lucas se aproxima dela com drinque nas mãos.

— Mandou bem, porra! — diz oferecendo a bebida para ela.

— A noite está apenas começando, Chuchu! — Dá um gole na sua bebida fazendo todos nós rir.

— O Rafael ia adorar ver isso — Guilherme diz apenas para mim.

Tenho certeza de que sim, olho para o andar de baixo e o vejo em uma espécie de palco com muitos equipamentos a sua volta, seus dedos tocam alguns botões e sua cabeça balança no ritmo da música.

— Vamos dançar, Chuchu!

Milena passa o braço no meu e descemos as escadas em direção à pista de dança, que está iluminada com pontos de luzes coloridas. Não conheço as músicas que estão tocando, mas todos parecem estar adorando.

A música alta nos envolve e começamos a dançar, Milena coloca as mãos na minha cintura balançando o corpo. Ela sorri e joga seus cabelos para trás. Deixo a música me envolver e fico grata por esse momento de distração.

Sinto uma gota de suor escorrer das minhas costas quando a música acaba. Logo a mixagem muda e outra música começa, mas já estou exausta!

— Mi, vou sentar, meus pés estão me matando! — grito perto do seu ouvido. Ela mexe com a mão dizendo que tudo bem e subo as escadas indo até onde Lucas e Guilherme estão. Lucas está bebendo um drinque alheio a tudo e Guilherme me espera no pé da escada sorrindo.

— Tão gostosa! — sussurra no meu ouvido. — Tive que me segurar para não agir como um brutamontes e te carregar para fora da pista, todos os homens estavam babando vendo vocês dançarem.

— Sei — digo descrente, talvez seja por Milena, não por mim.

Quando ele abre a boca para dizer algo ouvimos alguns gritos. Olhamos do guarda corpo e vemos Rafael com os fones de ouvido pendurados no pescoço e segurando um cara pela gola da camisa enquanto Milena está próximo a eles com lágrimas no rosto e a maquiagem borrada.

Desço as escadas correndo e a abraço. A confusão já passou e o cara foi levado para fora pelos seguranças, Rafael se aproxima de nós e pergunta se Milena está bem e ela apenas balança a cabeça concordando e agradecendo.

Rafael volta para o seu lugar e vou com Milena, que está tremendo em meus braços, até o banheiro.

— Quer falar sobre isso agora? — pergunto, mesmo sabendo que ela prefere falar sobre isso depois, ou apenas esquecer.

— Não — diz já entrando no banheiro. Olho para o ambiente e preciso piscar algumas vezes para ver se não entramos no lugar errado. Há cadeiras e... cabeleireiras por todo lugar, há até manicure e maquiadoras. Olho para Milena chocada e vejo seus olhinhos brilhando.

— Podemos? — pergunta para mim com um sorriso gigante.

— Acho que sim — digo para animá-la um pouco.

Ela fala com uma das cabeleireiras e logo se senta na cadeira.

— Vem, Gabi — diz já recostando sua cabeça no assento para que uma menina da nossa idade retoque sua maquiagem.

— Acho que estou bem assim — digo a ela.

— Sente-se aqui, deixe-me lhe fazer um penteado — uma mulher diz para mim com um sotaque bem arrastando denunciando que não é brasileira. Sua pele é bem morena e seus cabelos são encaracolados.

— Está bem — digo me sentando na cadeira ao seu lado.

— Mi, o que aconteceu lá na pista?

Ela solta um suspiro e olha para mim.

— Quando você subiu eu fiquei dançando sozinha, apenas curtindo a vibe, sabe? Mas aí

um mauricinho me agarrou por trás e não queria me soltar. Tentei me soltar, mas não conseguia, ele era mais forte do que eu. Pisei em um dos seus pés com meu salto e consegui sair dos seus braços, porém ele não se deu por vencido e me agarrou novamente, eu senti que ele estava excitado. Eu não sei como, mas Rafael viu e conseguiu afastá-lo de mim.

Minha amiga olha para as unhas e fica perdida em pensamentos.

— Eu fico me perguntando o que se passa na cabeça dessa pessoa. Como eles podem agarrar uma pessoa sem mais nem menos, quando bem entenderem? — pergunto.

— Aí que está a questão, eles não pensam — Mi murmura irritada, uma jovem se aproxima dela e começa a aplicar maquiagem em seu rosto interrompendo a nossa conversa.

Ficamos pelo menos dez minutos lá dentro e quando saímos estou com uma trança lateral e Mi com a maquiagem renovada. Guilherme está nos esperando bem na porta do banheiro com as mãos nos bolsos.

— Que demora! Está tudo bem? — pergunta oferecendo o braço para mim e Milena.

— Nada que uma boa maquiagem e um penteado não façam, Chuchu!

— Você não existe, Milena — diz para ela rindo.

— Não mesmo — concordo.

O resto da noite foi bem, não dançamos mais, apenas conversamos e bebericamos algumas bebidas, o tal do Diego já não estava mais no sofá e Lucas conseguiu relaxar um pouco. Saímos da casa de festa antes de Rafael. Assim que chegamos ao iate, Lucas foi para o seu quarto, assim como Milena. Eu e Guilherme tomamos um banho e logo depois caímos na cama, exaustos.

16

Guilherme



Acordo com o som estridentes de gritos ecoando pelo ambiente e levo alguns minutos para me situar onde estou. Ontem, assim que voltamos para o iate, Gabi e eu tomamos um banho, caímos na cama e dormimos.

Olho para o lado e não a vejo, logo a preocupação toma conta de mim e a procuro pelo iate ainda meio sonolento.

Então... eu a vejo com Milena e Lucas na sala de estar, olhando para a cena que se desenrola a nossa frente; há uma menina ruiva com os cabelos desgrehados, a maquiagem borrada e a roupa completamente amassada.

— Eu mandei você ir embora, porra! — Rafael diz com a voz normal, mas um tom bem autoritário.

Droga! Fazia tempo que eu não o via assim. Ele é um ótimo amigo, mas trata as mulheres muito mal, não que eu fosse muito diferente antes. Mas isso já é passado, depois que conheci Gabriela minha vida deu um giro de 360° — pra melhor, é claro.

— Rafael — eu o chamo desviando sua atenção. Lucas entra em cena tentando levar a garota para fora do iate. Mas ela permanece irreduzível no lugar.

— Você. É. Um. Filho. Da. Puta! — grita e em um excesso de raiva lhe taca o sapato que estava em suas mãos, mas meu amigo se abaixa e consegue desviar. E Lucas finalmente consegue levá-la para fora, descalça.

— Porra, cara. Você não aprende, né? — digo para ele, que me olha irritado.

— Você não era muito diferente de mim!

Olho para ele irritado.

— Você disse certo, eu era. Não sou mais.

Gabi me olha assustada, pois, nunca viu esse lado de Rafael. Olho para Milena e vejo que

ela está em estado de choque. Quando Gabriela dá um passo para se aproximar, ela pisca duas vezes como se só agora voltasse à realidade. Elas vão para o quarto de Milena, Rafael vai até o toldo, Lucas volta para seu quarto e eu finalmente faço minha higiene matinal.



O caminho de volta para casa foi... silencioso. Quando o avião começou a decolar passei os braços ao redor da minha menina e ela acabou adormecendo.

Milena recostou em Lucas e acabou adormecendo com a cabeça apoiada em seu ombro e Rafael se trancou em um compartimento onde havia um quarto reservado. Eu estava preocupado com ele, sei que nunca fui um exemplo, mas nesses meses que estou com Gabriela, eu amadureci, e vi que garotas de apenas uma noite não preenchem o nosso coração, muito pelo contrário, o deixam ainda mais vazio. Mas Gabriela... traz luz à minha vida.

As pessoas mais importantes nas nossas vidas são aquelas que de alguma forma deixam um rastro em nosso coração... Gabriela deixou mais do que isso, ela o preencheu por completo.



17

Gabriela

Um mês depois...

Márcio não tentou se aproximar de mim novamente, e sou grata por isso. Olhar para ele me faz reviver todo meu passado em questão de segundos.

Ele queria justificar tudo que fez comigo, por causa de uma doença, queria o perdão...

É fácil perdoar alguém que tenha feito algo que se possa consertar. Agora perdoar, quando tiram algo de você, que é irreversível, é praticamente impossível.

Eu não estou preparada, nunca estarei.

Saio dos meus devaneios quando sinto meu corpo colidir em alguém fazendo com que meus livros, que estavam em meus braços caíam no chão.

— Ah... desculpa — assim que ouço essa voz levanto meus olhos para vê-lo. Bruno está com olheiras profundas e parece bem constrangido com a situação. Desde o dia em saímos para ir ao pub não conversamos mais.

— Tudo bem. — Ajeito os livros nos meus braços novamente.

— Será que... podemos conversar? — pergunta passando as mãos pelos cabelos.

— Eu estou um pouco atrasada para a aula — respondo olhando no visor do meu celular, que mostra que eu já deveria estar há vinte minutos na aula. Eu não tenho raiva do Bruno. Afinal, tudo que aconteceu me aproximou ainda mais de Guilherme.

— Depois da sua aula então, por favor — pede. Decido aceitar, e vou para a sala bem curiosa querendo saber o que ele quer conversar comigo.

Sento perto de uma menina loira, que mexe nervosamente em suas unhas parecendo bem tensa. A aula de hoje foi boa, à medida que os semestres iam se passando as matérias ficavam mais difíceis, porém bem interessantes.

Confesso que, assim como Guilherme, eu sentia prazer em projetar. Agora as aulas de desenho são computadorizadas, então, assim como ele, eu aprendi a fazer projetos. Mesmo que eu esteja cursando Engenharia e esteja amando, não quer dizer que eu não fique me perguntando como seria se estivesse cursando música. Sempre haverá um e se?



Maio de 2005

Passo as pontas dos meus dedos bem de leve nas teclas suaves do meu piano sentindo muita vontade de tocar. Levanto do meu banquinho e ando pelos cômodos para ver se ele não está em casa. O piano foi presente dos meus pais, mas ultimamente ele não tem gostado que eu toque. Diz que o irrita.

Sinto falta do meu papai. Ele costumava gostar de me ver tocar.

Vou até a sala e vejo que ele não está, subo as escadas e volto para o meu quarto. Sento no meu banquinho e começo a tocar. Sorrio ao ouvir a música soar pelo quarto. É tão lindo!

Assim que meu sorriso cresce em meu rosto sinto sua presença atrás de mim.

— Pare de tocar essa porcaria! Estou com dor de cabeça! — Me levanto num salto me afastando dele.

— Des-desculpe... — gaguejo, não quero que ele grite comigo novamente.

Ele cambaleia um pouco e fico paradinha no meu lugar. O monstro toca na tampa do meu piano e o fecha com força me fazendo pular de susto.

— Maldito foi o dia em que eu te dei essa porcaria! — resmunga saindo do meu quarto.

Corro para o banheiro e me tranco lá dentro, mamãe não está em casa. E eu tenho medo do que ele queira fazer comigo.



Sou tirada dos pensamentos quando sinto uma movimentação ao meu redor, a aula havia terminado e eu ainda estava sentada na cadeira presa no meu passado.

Presa a mágoa, a dor e a tristeza.

Pisco rapidamente para tentar afastar as lágrimas que insistem em querer cair.

Saio da sala e me deparo com Bruno no batente da porta.

— Podemos? — pergunta.

Balanço a cabeça, concordando.

— Como estão as aulas? — pergunta tentando aliviar o silêncio constrangedor.

— Boas — respondo sem saber muito o que falar.

Seguimos até a mesma lanchonete que fomos a primeira vez e nos sentamos na mesa com duas cadeiras que ficam do lado de fora.

— Eu... queria me desculpar — ele faz uma pausa. — Eu agi como um canalha... eu estou tentando mudar sabe?

— Tudo bem, Bruno.

Ele se mexe como se estivesse desconfortável na cadeira.

— Eu... tenho uma filha, acredita? — diz com um sorriso triste mexendo no guardanapo.

Abro a boca surpresa.

— Uau... parabéns!

— Estou tentando ser uma boa pessoa... por isso queria conversar com você. Sei que te magoei aquele dia... o que eu fiz foi bem idiota.

Olho para ele e vejo sinceridade em seu semblante. Um filho é uma mudança e tanto na vida de qualquer um... Eu não estaria nem um pouco preparada para isso agora. Nem sei se eu seria uma boa mãe.

— Tudo bem. Eu te desculpo. — Sorrio, e ele sorri também como se um peso tivesse saído dos seus ombros.

Conversamos durante um tempo e caminhamos de volta até o campus. Passo pelo estacionamento e vejo Guilherme encostado em seu Jeep. Céus! Acabei esquecendo que ele viria me buscar.

Despeço-me de Bruno com apenas um aceno e caminho até Guilherme. Quando chego até ele, percebo que seus punhos estão cerrados e a sua respiração ofegante.

Céus! Eu estava enrascada. Sei que não fiz nada de errado, mas Guilherme parecia não gostar dele muito antes do dia do meu acidente, e depois então...

— Porra! — Ele passa as mãos pelos cabelos deixando-os ainda mais bagunçados. — Quer me matar do coração, Gabriela?

— Gui, desculpa.

Ele olha para mim e solta um suspiro longo.

— O que você está fazendo com esse babaca?

Seguro sua mão e ele não me afasta, diferente do que eu imaginava Guilherme me segura possessivamente, mas ele não está olhando para mim, viro o rosto para ver para onde ele está olhando e vejo Bruno parado olhando para nós. Me solto do seu braço e ele finalmente olha para mim.

— Ele queria conversar.

— Onde vocês estavam?

— Nós fo-fomos lan-lanchar... — gaguejo um pouco.

— Gabriela... — Noto o tom de reprovação em sua voz. Ele me chamou de Gabriela, e não de Gabi.

— Gui...

— Porra! Você me deixou louco de preocupação, Gabi!

Ele agora parece mais chateado do que irritado. Seguro sua mão e sinto sua palma suada e bem gelada.

— Me desculpa.

Ele passa a mão em meus cabelos e puxa meu corpo de encontro ao seu.

— O que você tem contra ele, Gui? O que houve?

Ele tira a mão da minha cintura, passa os dedos pelos cabelos e então começa a me contar.

Guilherme

Fevereiro de 2014

Coloco as mãos na cintura da morena que está dançando à minha frente, seus lábios se curvam em um sorriso sacana e eu colo meu corpo ao dela. Dançamos por mais alguns minutos até que decido pegar uma bebida e ela continua dançando.

Mais um semestre se iniciava. Essa era a primeira festa do ano letivo, estávamos em uma cobertura em Botafogo, não conheço o dono da casa, mas sei que é de um colega de Rafael, caminho até um sofá em L onde meus amigos estão junto com duas meninas.

— Cansou? — Rafa me pergunta. A ruiva que está ao seu lado distribui beijos pelo pescoço do meu amigo e ele sorri, mas a afasta, e ela logo solta um murmuro de irritação. — Mais tarde, ruivinha. — Ela sorri e começa a mexer em seu celular. Lucas nem presta atenção em nós, pois está ocupado demais beijando uma morena.

— Não, só vim buscar uma cerveja.

Apoio a cabeça no sofá e estico meus pés para colocá-los em cima da mesinha de centro.

Ouçoo uma movimentação perto da porta da sala e vejo um dos veteranos que cursa Direito discutindo com uma morena, sua voz está alta o suficiente para que todos possamos ouvir, já que a pista de dança improvisada fica perto da sacada. A menina não parecia estar participando da festa. Ela está apenas com um moletom, uma calça desfiada e chinelos.

— Seu filho da puta! Ela é a minha irmã! — Eu não conheço a garota, mas, pela sua expressão, ela parecia estar bem furiosa. — Você a dopou! Seu filho da puta miserável — Sua mão voa até o rosto dele fazendo com nós ríssemos da cara dele. Aquele foi um tapa e tanto!

— Porra! Está louca? — ele urra, passando as mãos pela bochecha, que agora está bem vermelha.

— Como eu fui idiota em acreditar e você! — ela lamenta.

Ele não se move.

— Eu vou denunciar você! Minha irmã é menor de idade, seu idiota! Como teve coragem de me trair com a MINHA IRMÃ? Como teve coragem de dopá-la? — Ela agora está chorando, e ele a olha como se nada pudesse abalá-lo.

Ela se vira e vai embora. E depois que a confusão toda cessa, eu vejo-o saindo com uma loira de mãos dadas, como se nada tivesse acontecido.

— Nossa! Ele não perde tempo — murmuro. Eu sempre o vi pelo campus com algumas meninas, mas jamais imaginei que ele fosse capaz de dopar alguém para se aproveitar.

Eu não sou um exemplo, estou bem longe disso. Mas tudo que eu faço com outras meninas é com o consentimento delas. Bruno foi um verdadeiro babaca.

Gabriela

Olho para Guilherme assustada com tudo que ele acabou de me contar.

— Por que você nunca me disse nada? — pergunto.

— Ninguém sabe o que realmente aconteceu, ao que parece a garota não prestou queixa nenhuma, ele não estaria aqui se ela o tivesse feito. Bruno já era maior de idade e poderia responder pelos seus atos.

Nossa! Eu jamais imaginaria isso dele. Mas a grande verdade é que nós nunca conhecemos alguém completamente. Sempre haverá uma máscara em nosso rosto, e as pessoas só veem o que permitimos que elas vejam.

— Acho que ele está tentando mudar — digo para Guilherme me lembrando da conversa que tivemos há alguns minutos. — Ele me pediu desculpas.

Guilherme parece desconfiado.

— Ele disse que agora é pai...

Guilherme me olha surpreso.

— Sério?

— Pelo menos foi o que ele me disse, parecia realmente arrependido.

— Da próxima vez me avise, por favor! Eu quase morri de preocupação. Se você soubesse em tudo que eu pensei... — diz um pouco nervoso.

— Desculpa.

Ele segura minha mão e abre a porta do carro para mim.

— Júlia acabou de chegar do intercâmbio e está lá em casa preparando um lanche para a gente — diz assim que saímos do estacionamento, eu tinha me esquecido completamente de que ela voltaria hoje.

— Meu Deus! Estou morrendo de saudade dela! — exclamo e ele sorri acelerando o carro.

18

Gabriela



Abro a porta apressada e vejo Júlia na cozinha olhando para o forno.

— Juuu! — Corro até ela lhe dando um abraço bem apertado. Senti tanta falta da minha amiga!

Ela sorri.

— Gabil!

— Que saudade! Como foi a viagem? — pergunto assim que ela tira alguns cookies do forno. Nos sentamos na mesa e Guilherme serve um suco para nós.

— Foi ótima. — Ela não entra em muitos detalhes. Olho melhor para minha amiga/cunhada e percebo que ela está com olheiras e um semblante bem cansado.

— Só ótima? — Guilherme pergunta. — Não visitou nenhum lugar?

— Não tivemos muito tempo, Gui. Conheci pouquíssimos lugares, fizemos muitos trabalhos em conjunto e assisti inúmeras palestras. Não tive muito tempo de sobra.

— Não conheceu ninguém? — pergunto. Ela sorri e vejo suas bochechas corarem.

— Gabil! — meu namorado me repreende.

— O que foi? Sua irmã é mulher, Gui, e muito bonita por sinal, está na hora dela conhecer alguém.

Ele faz uma cara de bravo e cruza os braços, não resisto e lhe dou um selinho e ele logo desfaz a careta.

— Ei! Eu ainda estou aqui — minha cunhada diz sorrindo.

Ela conta um pouco sobre como foram as palestras e os poucos lugares que ela conseguiu visitar, volto a perguntar se ela conheceu alguém, mas ela diz que realmente não teve tempo para isso. Depois de algumas horas conversando e assistindo TV, ela se levanta para ir embora parecendo um pouco triste.

— Vou sentir sua falta no alojamento. Mas algo me diz que você não vai sentir nenhum pouco a minha falta. — Ela sorri, mas não é um sorriso que chega aos seus olhos cansados.

— Sua boba! Claro que irei sentir sua falta.

Júlia havia se tornado uma irmã para mim.

Ela abraça a mim e seu irmão e vai para o alojamento. Recolho as coisas da mesa e lavo a louça.

Sinto o corpo de Guilherme pressionando o meu na bancada da cozinha, suas mãos descem do meu pescoço até a minha cintura. Tento ficar de frente para ele, mas suas mãos fazem com que eu fique parada na mesma posição. Sua proximidade repentina faz todo meu corpo queimar de desejo.

— Gostosa! — ele sussurra no meu ouvido, suas mãos passam por baixo do meu vestido até chegar a parte interna da minha coxa, ele tira a minha calcinha e logo um dos seus dedos me preenche me fazendo soltar um gemido. — Tão molhada, porra!

Ele me vira de frente para ele e toma minha boca, me beijando como se o mundo fosse acabar amanhã. Sua língua brinca com a minha enquanto suas mãos percorrem o meu corpo.

— Gui — gemo contra sua boca.

— Porra!

Minhas mãos descem até o cóis da sua calça e tiro a barreira que me impedia de segurá-lo, assim que minhas mãos alcançam a sua ereção movimento-o de cima para baixo e ele solta um rugido.

— Para! Não quero gozar na sua mão. — Guilherme me ergue e me põe sentada na bancada. Meu vestido fica embolado em minha cintura, ele abre as minhas pernas me deixando completamente exposta para ele.

— Tão minha! — diz passando a língua pelos lábios, automaticamente faço o mesmo gesto que ele.

Ele passa a mão na área interna da minha coxa e abaixa a cabeça distribuindo pequenos beijos fazendo todo meu corpo se arrepiar.

— Por favor — gemo para que ele pare com essa tortura.

— Minha menina — diz com a voz rouca antes da sua língua alcançar o meu ponto me fazendo jogar todo o meu corpo para trás. Gemo ao sentir todo meu corpo entrando em combustão e gozo em sua boca, gritando seu nome.

Ele me abraça até que meu corpo pare de ter espasmos, me ajuda a descer da bancada e então caminhamos até o nosso quarto.

19

Guilherme



Já faz quase um mês que Santana não dá notícias, isso está me deixando preocupado.

Decido ligar para ele.

— Santana — digo assim que ele atende.

— Garoto.

— Alguma novidade? — pergunto direto ao ponto.

— *Eu vim novamente para São Paulo. Consegui entrar em contato com uma velha conhecida que estava me devendo um favor, descobri que ela trabalha no mesmo hospital que Márcio estava. Assim que eu tiver mais informações te ligo.*

— Tudo bem — digo e ele me pergunta como eu estou e depois desligamos.

Dirijo até o estágio tentando distrair minha mente, mas tudo que eu vinha pensando nesses últimos meses era relacionado ao filho da puta que arruinou a vida da minha menina.

Meu celular apita no banco do carona indicando que havia chegado alguma mensagem. Depois de alguns minutos estaciono e entro no elevador, que me leva até o andar da construtora. Assim que sento-me à mesa pego o celular e vejo que é uma mensagem de Gabi, que dizia apenas que eu não precisava buscá-la porque ela iria sair com a minha irmã e depois pegaria um táxi.

Respondo dizendo que mesmo assim irei buscá-la no shopping e depois de reclamar um pouco ela finalmente cede.

Volto a me concentrar no trabalho. Algumas horas depois, meu celular apita e vejo uma mensagem de Gabi dizendo que eu já posso ir buscá-las.

Gabriela

Horas antes...

Deixo a irritação de lado e sorrio ao ver a mensagem de Guilherme, no começo isso estava me deixando bem irritada, mas sei que ele está apenas preocupado com a minha segurança. Eu e Júlia sentamos em uma mesa com quatro cadeiras e pedimos nosso lanche, estávamos no shopping há horas e meus pés estavam latejando. Milena não pôde vir porque começou a fazer estágio em um hospital particular no centro do Rio e isso estava tomando boa parte do seu tempo agora.

Olho para Júlia, que parece perdida em pensamentos.

— Ju, está tudo bem? — pergunto a ela, que logo tenta me tranquilizar com um sorriso.

— Ah, sim — respondo e percebo que ela não quer falar sobre o assunto. Eu não gosto de ser invasiva, até porque isso dá a outra pessoa o direito de ser invasiva com a minha vida. Mas eu estava realmente preocupada com ela.

— Tem visto o Lucas? — pergunto tentando entender o que está acontecendo com ela.

— Ainda não o vi desde que voltei — diz olhando para o celular.

— Ju — eu a chamo novamente.

— Gabi, eu não quero falar sobre ele, por favor — pede e eu concordo com a cabeça.

— Desculpa.

Um garçom, que parece ter a nossa idade com os cabelos lisos até a altura dos ombros, coloca nossos pedidos na mesa e nos deseja uma boa refeição.

Comemos em silêncio, mas quando terminamos mando uma mensagem para Guilherme vir nos buscar, caminhamos até o lado de fora do shopping e quando olho para trás quando tenho a sensação de que alguém está nos vigiando. Um arrepio cruza a minha espinha e olho para todos os lados à procura de quem possa estar nos olhando.

— O que foi? — Júlia pergunta.

— Nada — respondo tentando tranquilizá-la, não quero preocupá-la com a minha loucura. Guilherme finalmente chega e vamos para casa.

20

Guilherme



Acordo com o som estridente do meu celular, olho o visor e pisco alguma vezes quando percebo que minha vista está embaçada. Vejo o nome da minha mãe na tela e fico dividido entre atender ou deixar que a ligação caia na caixa postal.

Havia meses que ela não me ligava, eu sinto sua falta. Mas ainda estou magoado pelo segredo que ela guarda consigo. Contudo, a curiosidade me vence e decido atender.

— *Filho!* — diz.

— Mãe.

— *Gui, podemos conversar hoje?* — pergunta com a voz baixa.

Gabi se mexe ao meu lado e decido ir até a sala para não acordá-la.

— Finalmente resolveu me contar a verdade?

Ouçoo um suspiro e, em seguida, ela responde:

— *Sim.*

Desligamos assim que marcamos de nos encontrar em um restaurante em Botafogo.

Volto para o quarto e me deito ao lado de Gabriela, puxo seu corpo de encontro ao meu e ela desperta, me fitando com seus olhos azuis.

— Bom dia!

— Dia — ela murmura e volta a fechar os olhos.

Deixo-a dormindo mais um pouco e tomo um banho demorado. Inúmeras suposições se passam pela minha cabeça. Qual seria o grande segredo que minha mãe estava guardando? Por que só agora ela revolveu me contar? Eu estava prestes a descobrir...



Estaciono o carro em frente ao restaurante bem elegante, e avisto minha mãe sentada em uma mesa na área externa. Como estávamos na orla da praia, a maioria das preferem se acomodar do lado de fora.

— Filho! — ela diz sem se aproximar de mim. — Gabriela.

Gabriela parece um pouco desconfortável ao meu lado. Mas isso era um assunto que interessava a nós dois e, assim como eu, ela também merecia ouvir a verdade da boca da minha mãe.

Um garçom anota nossos pedidos e ficamos em um silêncio desconfortável.

— Filho... quero te pedir desculpas, por não ter contado antes. — Ela agora direciona o olhar para Gabriela. — Gabi... — noto que minha mãe a chama pelo apelido de infância. — Me perdoa... — Vejo suas lágrimas descenderem e sinto um aperto no peito com medo do que ela vá nos contar. — Eu... fui embora porque... — Odeio ver as mulheres da minha vida chorarem, eu estou chateado com ela, mas não sou de ferro. Seguro sua mão que estava sobre a mesa para que ela saiba que eu estou aqui com ela.

Ela sorri. O garçom chega com os nossos pedidos interrompendo nosso momento. Olho para minha mãe, que está à minha frente, com os olhos fixos na rua. Sua boca se abre e fecha algumas vezes e a vejo ficar pálida. Me levanto para ajudá-la.

— Mãe, o que houve? — Ela retira sua mão da minha e aperta seus olhos com força. Olho para Gabriela e ela parece não entender o que está acontecendo assim como eu. — Mãe — eu a chamo mais uma vez e ela finalmente parece sair do transe.

— O que ele está fazendo aqui? — Gabi pergunta.

— Quem? — pergunto.

Olho para ela e vejo seus lábios tremerem. Seus olhos estão fixos em um ponto do outro lado da rua, corro os olhos por ela à procura de algo que tenha a deixado nesse estado e então avisto o pai de Gabi com as mãos no bolso olhando para a nossa mesa.

— Ele... está... vi-vivo? — Minha mãe estremece em meus braços.

— Mãe — chamo tentando fazê-la olhar para mim, mas ela não olha. — Mãe, o que foi?

Ela finalmente me olha e se levanta da mesa, ajustando a bolsa em seu ombro. Olho para rua, mas não o vejo, ele havia ido embora. A raiva começa a dominar meu corpo quando me lembro de tudo que ele causou a minha menina. Será que ele estava nos vigiando? Como ele sabia que estávamos aqui?

Nem tenho tempo de perguntar a minha mãe o motivo da sua reação porque ela corre até o seu carro e sai cantando pneus.

— Meu Deus! — Gabi diz espantada com tudo que acabou de acontecer. — O que houve? — pergunta.

— Eu não sei, Gabi, mas algo me diz que descobriremos em breve.

Gabriela

— Droga! — Guilherme diz nervoso. Já faz alguns minutos que ele tenta falar com Júlia, mas não consegue. Como ela ia até a casa da sua mãe estávamos esperando sua ligação para sabermos como Fernanda está. Ela saiu tão atordoada do restaurante que nos deixou preocupados, e para piorar ela não atendia nenhuma ligação, nem respondia as mensagens de Guilherme.

Algo não se encaixa nessa história, ela poderia estar assustada ao ver um homem que supostamente estava morto. Mas reagir daquela maneira? Sinto que há algo mais nessa história.

— Você acha que pode ter acontecido algo entre eles? — me pergunta assim que nos sentamos no sofá.

— Parece que sim. Acho que eu reagiria da mesma forma que ela se visse alguém que estava morto há, pelo menos, dez anos.

O telefone dele toca assustando a nós dois.

— Ju, só um minuto, vou colocar no viva-voz — diz tirando o celular do ouvido, me aproximo ainda mais dele para ouvir o que Júlia tem a dizer.

— *Gui, eu fui à casa da mamãe, ela parecia estar bem, estava atendendo um cliente.*

— Cliente? Em casa? — Guilherme pergunta parecendo um pouco desconfiado.

— *Sim, o nome dele é Rogério.*

— Ratinha, ela te contou algo?

Alguns segundos se passam até que ela responda novamente.

— *Não, Gui, você sabe como a mamãe é quando não quer contar algo...*

Guilherme fecha os olhos como se sentisse dor, toco seu rosto e suas pálpebras se abrem lentamente revelando os seus olhos; vejo confusão, mágoa e preocupação.

— *Eu, hum... preciso ir, mais tarde te ligo.*

— Se cuida, Ratinha. — Ele desliga e aperta o celular em suas mãos. A tensão sobre ele está bem evidente. Passo as mãos em seus ombros os massageando-os, sinto seus músculos tensos enquanto faço círculos com meus dedos, até que eles relaxam e Guilherme solta um suspiro.

Solto minhas mãos e ficamos em silêncio por alguns minutos.

— Algo não se encaixa nessa história, Gabi, ela parecia que realmente ia nos contar a verdade. A forma como ela fugiu ao vê-lo... não sei, algo está errado. Acho que é ainda pior do que imaginamos. — Ele segura minha mão como se quisesse me confortar, mas eu estou bem, só estou curiosa com tudo que aconteceu e muito preocupada com ele. Guilherme já havia cuidado demais de mim. Agora era ele que precisava que alguém cuidasse dele. E eu deixaria toda minha dor e angústia em segundo plano para estar ao seu lado, cuidando e o amando. — Nossos pais se conheciam, isso é bem evidente. Eu só quero saber o que aconteceu entre eles.

Olho para Guilherme, que agora está olhando um ponto fixo na parede e inúmeras perguntas começam a rondar minha mente. Será que nossos pais realmente se conheciam? Será que nossos pais se envolveram?

Não! Logo descarto esse pensamento... eu e Guilherme não poderíamos ter o mesmo sangue. Fernanda não seria tão cruel, a ponto de deixar que nos envolvessemos — pelo menos eu

achava que não. Mas então por que ela fugiu? O que ela tanto temia?

Abraço Guilherme e coloco a sua cabeça em meu colo, tentando acalmá-lo. Mas como posso ajudá-lo se eu mesma não consigo me acalmar?

Até quando deveremos suportar o peso do nosso passado sobre os nossos ombros? Até quando os segredos nos assombrariam?

21

Fernanda



Horas antes...

Abro a porta da minha casa com as mãos trêmulas, e a tranco assim que entro.

Não, não! Isso não pode estar acontecendo!

Márcio está vivo?

Ando de um lado para o outro tentando me acalmar.

Céus!

Eu estava disposta a contar a verdade! Mesmo sabendo que meu filho me odiaria. E agora... tudo está perdido.

E então me dou conta de que tudo que eu sabia sobre ele era o que me contaram naquela época. Maria Rita deve ter feito alguma coisa, ela sempre nutriu uma paixão doentia por ele. Não me admira nada se ela tivesse o escondido durante todos esses anos.

Pego meu celular e busco o seu nome no Google. Há apenas duas matérias, a internet não era tão evoluída há dez anos como é hoje, então não encontro quase nada.

Eu as leio e tudo que eu vejo é sobre o que aconteceu com Gabriela, mas não havia nada falando sobre o seu pai, ou a sua “morte”, meu estômago começa a embrulhar e corro para o banheiro, vomito tudo agarrada ao vaso sanitário. Meu Deus! Meu filho e minha filha nunca irão me perdoar... nunca! O que eu fiz é irreversível.

Os soluços me sufocam, tento me levantar, mas não tenho forças... tudo que eu queria era acordar desse pesadelo.



O som da campainha me desperta e eu levanto do sofá, acabei pegando no sono após ter chorado por horas a fio. A campainha toca e finalmente saio do meu estado de torpor.

Abro a porta e me arrependo no mesmo instante quando vejo o fantasma do homem que me atormentou durante anos. Fecho-a rapidamente como se isso pudesse fazer com que ele vá embora.

— Fernanda! Abra a porta! — grita.

Não, não! O que eu vou fazer agora, meu Deus? Como ele conseguiu meu endereço? Será que ele havia me seguido?

— Eu sei que você está aí. — Ele deve ter me seguido. — Eu só quero conversar!

Dou um passo até a porta pensando no que vou fazer. Decido abri-la, pois sei que ele não irá embora até conversar comigo. Olho para ele e vejo como mudou; seus cabelos estão com muitos fios grisalhos e em seu rosto há marcas de expressões. Márcio parece ter envelhecido muito mais do que vinte anos. Ele sorri para mim e sinto outra onda de enjoo dominar o meu corpo novamente.

— Fernanda! — Márcio se aproxima de mim, dou um passo para trás. Ele entra na casa e olha para mim como se eu fosse a presa e ele o caçador. Sempre foi dessa forma, só que dessa vez eu estou aterrorizada. — Quanto tempo! Senti a sua falta, Fê.

Uma gota de suor escorre das minhas costas com a sua proximidade.

— Márcio — consigo dizer.

— Vejo que não esqueceu de mim... Sentiu a minha falta? — pergunta.

Não tenho tempo de responder.

— Mãe. — Júlia surge atrás dele com um semblante preocupado. As coisas estavam indo ladeira abaixo. Ela tinha que aparecer logo agora?

— Júlia — digo com a voz trêmula.

— Olá! — Júlia sorri inocentemente sem saber que por atrás da máscara de um bom homem existe um monstro.

— Você é a Júlia? — ele pergunta.

— Sim, prazer. Você é? — Ela estende a mão para ele.

— O que você está fazendo aqui, Júlia? — minha voz sai como um murmúrio, não dando tempo dele responder.

— O Gui me disse o que aconteceu hoje. Eu fiquei preocupada. — Júlia é a minha menininha, sei que não fui muito presente na sua vida. Mas nesses últimos meses, depois de tudo que aconteceu com ela, estávamos mais próximas do que nunca.

— Quem é o seu amigo, mãe? — ela pergunta.

— Rogério, ele é meu cliente — digo o primeiro nome e a desculpa que me vem à mente e ele não nega. Mas a olha com tanta intensidade que faz todos os pelos do meu corpo se arrepiar.

— Eu preciso ir. Até mais, Fernanda. — Ele se aproxima de mim e segura meu braço me impedindo de recuar seus lábios tocam minha bochecha, e ele sussurra em meu ouvido: — Em breve nos encontraremos de novo. — Um arrepio cruza todo o meu corpo e tento não demonstrar isso para Júlia.

Ele sai porta afora e invento uma desculpa para Júlia ir embora, e ela não questiona, eu só

quero ficar sozinha.

Dessa vez o meu passado bateu a minha porta trazendo consigo uma carga enorme de lembranças indesejadas. Olhar para ele me faz lembrar da pessoa horrível que fui no passado.

Abro uma garrafa de vinho e deixo que o álcool entorpeça os meus sentimentos... nesse momento, eu só queria esquecer.



22

Gabriela

Uma semana depois...

Mexo o açúcar na xícara de café entediada. Já faz quase meia hora que estou esperando Júlia e Milena dentro do *Starbucks*. Combinamos de nos encontrarmos aqui para irmos ao shopping. O aniversário de Guilherme estava se aproximando e eu não fazia ideia do que dar para ele de presente.

Estou uma pilha de nervos essa semana, assim como Guilherme. Toda história com a mãe dele estava nos afetando mais do que gostaríamos, pois inúmeras perguntas rondam a nossa mente. Nós não nos distanciamos. Muito pelo contrário, os problemas têm nos unido ainda mais.

Acho que essa é a grande chave da felicidade, não? Encontrar alguém que nos acalme... que nos afaste dos nossos problemas. Apesar de todo segredo que nos ronda, estamos enfrentando isso juntos. Unidos. Somos como um encaixe perfeito. Nos completávamos, simples assim.

Olho para a minha aliança e sorrio.

Que sorte a minha! Estou com meu melhor amigo e namorado.

Meu telefone toca e vejo o número de Milena na tela.

— *Chuchu!*

— Oi, Mi. Onde você está? — pergunto bebericando meu café, que já está um pouco frio.

— *Eu não vou conseguir chegar agora... estou meio ocupada...* — diz soltando um risinho.

— O que houve, Mi? — pergunto preocupada. Mesmo que ela esteja rindo, não quer dizer que esteja bem. Milena tem o costume de rir até quando está nervosa.

— *Nada. Encontro vocês mais tarde, beijo.*

— Mi... — Droga! Não tenho tempo de falar nada pois ela logo encerra a ligação.

Bufo irritada e olho novamente para a porta de entrada esperando por Júlia. Só falta ela me deixar na mão também!

Escrevo uma mensagem para ela, mas assim que aperto o botão de enviar, ouço o sino da porta de entrada tocar, levanto meus olhos e vejo Júlia entrando.

Ela está com um vestido justo listrado que vai até a altura dos seus joelhos, e um tênis branco que a faz parecer, pelo menos, três anos mais nova.

Ela se aproxima da mesa e se senta à minha frente.

— Desculpa a demora, acabei me enrolando com um trabalho da faculdade — diz enrolando uma mecha do seu cabelo no polegar. Um gesto que ela sempre faz quando está nervosa.

— Está tudo bem? — pergunto. Ela tem se afastado de todos, até mesmo do seu irmão. Tentei evitar que o assunto viesse à tona, pois sei bem como é querer que as coisas fiquem no passado, mas Júlia é como uma irmã para mim.

— Sim — responde sem me olhar. Puxo sua mão que está em cima da mesa e a seguro. Ela olha para mim e a vejo engolindo em seco.

— Você sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe?

— Sim. Mas está tudo bem, Gabi.

Balanço a cabeça, concordando, e assim que ela termina sua bebida caminhamos até o shopping.

— Já decidiu o que dar de presente para o meu irmão? — pergunta.

— Ainda não! Estava contando com a sua ajuda.

— Que tal um relógio? — pergunta.

— Sério? — pergunto. — Guilherme até usa relógios, mas é tão comum, queria dar algo diferente para ele.

— Claro que não! Céus! Você é uma negação mesmo. Vou te levar a um lugar. Mas promete que não vai surtar — diz assim que colocamos os pés na escada rolante indo direto para o segundo andar do shopping.

— Se está pensando em sex shop, nem pensar! Seu irmão já tem imaginação demais.

— Eca! Eu não precisava saber disso.

Caminhamos pelo segundo andar e logo Júlia caminha até a outra escada rolante que nos leva ao terceiro andar.

— Para onde estamos indo? — pergunto curiosa. Nesse andar não há nenhuma loja para comprar presentes; há um salão de beleza, uma loja de cosméticos, uma seguradora, uma companhia de viagens e um estúdio de tatuagem, que noto assim que Júlia caminha até ele e abre a porta.

— Ah, não! Nem pensar! — digo balançando a cabeça.

Uma tatuagem! Como se Guilherme fosse gostar de algo assim.

— Ah vamos, Gabi, ele vai gostar! Te garanto. — Olho para ela meio incerta de entrar ou não, e ela segura meu braço me puxando para dentro, sem me dar escolha.

O ambiente está com um rock clássico tocando bem baixinho, diferente do que achei — normalmente eu associava esses ambientes a lugares cheios de roqueiros e música alta. Mas era apenas um estereótipo que a sociedade moldava e eu apenas me deixei levar por isso.

— E aí, Ju! — um homem que aparenta ter a nossa idade sorri para ela com os dentes perfeitamente alinhados; ele tem um alargador em sua orelha direita e um braço coberto por tatuagens abstratas, seus olhos são negros como a noite e o rosto bem simétrico, ele é bem bonito.

Na verdade, bem sexy, uma beleza daquelas que gritam PERIGO.

— Marcos!

— Quanto tempo, bonequinha! Veio fazer outra tattoo?

Olho para Júlia com os olhos arregalados e ela apenas sorri. Como assim, ela tem uma tatuagem e eu nunca vi?

Júlia mal usa maquiagem, quem dirá ter uma tatuagem!

— Na verdade não, é para ela. — Ela balança a cabeça na minha direção.

Tento sorrir, mas não consigo. Estou nervosa! Céus! Em matéria de tatuagem, eu sou virgem.

— E-eu não sei... se vou fazer — gaguejo.

Ele olha para mim com os olhos avaliadores, mas não é de um jeito que me deixa desconfortável. É mais como se ele quisesse me avaliar.

— Qual o motivo da tatuagem? — pergunta.

— Ela queria dar algo de presente para o meu irmão... — Júlia responde por mim.

Ele coça a cabeça e solta um suspiro fazendo uma mecha do seu cabelo voar.

— Você sabe que eu odeio tatuar nome de namorado, bonequinha — diz parecendo entediado.

Júlia solta uma gargalhada e apoia a mão no ombro dele.

— Eu não estava pensando nisso, poderia ser algo que simbolizasse o relacionamento deles. Mas pensando melhor... acho que a Gabi não teria coragem de qualquer forma. Foi bom te ver, Marcos. Vamos, Gabi. — Ela caminha em minha direção e segura meu braço me puxando para fora do estúdio.

Estaco na porta, penso melhor na ideia... acho que não seria tão mal. Desconfortável? Talvez. Mas acho que Guilherme realmente iria gostar. Nunca senti vontade de fazer nenhuma tatuagem. Mas para tudo existe uma primeira vez.

— Eu vou fazer — digo soltando meu braço do dela.

Ela olha para mim, sorrindo, como se soubesse que eu iria ceder de qualquer forma.

— Será um prazer ter você na minha cadeira, bonequinha — Marcos diz. Júlia bate em seu braço e ele sorri. E fico me perguntando como eles haviam se conhecido. Será que eles se relacionaram? É por isso que ela esqueceu do Lucas tão facilmente?

— Ela não é para o teu bico, idiota! — Júlia diz me desviando dos pensamentos. Analiso um pouco seu olhar e não vejo nada de mais, não o conheço, mas seus olhos não brilham ao vê-la.

— Não custava nada tentar. — Ele sorri.

— Posso ver o seu portfólio? — pergunto.

Ele balança a cabeça concordando e vai até uma estante no canto do estúdio e pega uma pasta grossa.

— Nesse álbum tem os meus melhores trabalhos... sempre que alguém vem aqui pedindo para tatuar o nome da esposa, namorada, ou vice-versa, eu aconselho a algo menos radical... o que mais vemos aqui são pessoas voltando para tentar cobrir alguma tatuagem com o nome de alguém que era amado, e hoje não é mais. Tatuagem é uma coisa séria, bonequinha. Você tem que ter certeza absoluta.

Ele passa o álbum para minhas mãos e me sento em um sofá de couro negro. Abro o álbum e fico completamente emocionada com as imagens.

Vejo um sol que parece estar tatuado nas costelas com a seguinte frase: “Meu raio de sol nos dias mais cinzentos”. Sorrio me lembrando de quando ouvi Júlia me dizendo a mesma frase que Guilherme havia lhe dito.

Passo a página e vejo agora uma tatuagem nos bíceps: é uma rosa vermelha; o seu lado esquerdo está com as pétalas negras e secas, como se tivessem mortas, mas no lado direito está com lindas pétalas em um vermelho reluzente, há um regador sobre ela, e a seguinte frase: “Rega-me com teu amor, me faça florescer. Toma-me, pois eu sou teu”. Meus olhos se enchem de lágrimas e pisco diversas vezes tentando impedi-las de cair. Essa imagem resumia o meu amor por Guilherme... ele é a minha água e eu preciso dela para florescer.

— Essa é linda! — sussurro e levanto meus olhos para olhar para eles.

Vejo os olhos negros de Marcos ficarem sombrios e ele me dá um sorriso que não chega aos seus olhos.

— Ela não pode fazê-lo florescer — o ouço sussurrar, e tenho certeza de que apenas eu o escutei, pois Júlia estava entretida em seu celular. Ele parece sair de transe e me dá um sorriso triste.

Eu conheço aqueles olhos... pois eles refletiam a mesma dor que os meus refletiam antes de reencontrar Guilherme.

Fecho o álbum, e tenho uma ideia.

— Eu sei o que quero fazer — digo a ele sorrindo.

— Bonequinha, se for o nome do cuzão do Guilherme eu me recuso a fazer! — diz se jogando no sofá a minha frente.

Rio, pois ele não fazia ideia do que eu tinha em mente.

— Aliás, como você e Guilherme se conheceram? — pergunto curiosa.

— No dia do aniversário dele. Eu tatuei aquela flor-de-lis em seu peito — diz parecendo bem orgulhoso. — Ele parecia tão... triste — *“Sabia que, provavelmente, você estava com raiva de mim, por isso não te procurei, Gabi, por medo. Eu fui um covarde”*. As palavras dele ecoam na minha cabeça... Guilherme nunca me esqueceu, ele só tinha medo. — Era você, não era?

— O quê?

— A garota que ele havia perdido? — pergunta inclinando a cabeça para me olhar.

— Sim, eu o encontrei — respondo.

— Acho que foi ele quem te encontrou, bonequinha, ele estava perdido sem você — diz parecendo um pouco emocionado, e vejo que por de trás daquela beleza perigosa, há um coração semelhante ao meu. Meus olhos se enchem de lágrimas e viro o rosto para o lado tentando disfarçar a emoção que me toma nesse momento. Reformulo, são duas frases da mesma pessoa.

— Você tem um papel e um lápis para me emprestar? — pergunto a ele assim que me recomponho. Ele sorri e me entrega o que eu havia pedido.

Não sou boa em desenhar — na verdade sou péssima! Mas o que eu queria não era tão difícil, rabiscos algumas linhas e depois de alguns minutos consigo deixar o desenho um pouco apresentável e lhe entrego.

— Caralho, bonequinha, é perfeito! — é tudo que ele diz. Sorrio e me sento em sua cadeira.



Quatro horas depois, ele envolve minha costela com um plástico e me passa as

recomendações. Visto minha blusa e saio da sua sala.

— Guilherme é um cara de sorte, espero que ele saiba disso — diz assim que volto para a sala de espera do estúdio.

Sorrio, concordando com as suas palavras, mas o que ele não sabe é que quem tem sorte sou eu, por ter alguém que tire toda a escuridão que habita em mim, alguém que aqueça minha alma.

— Então, não foi tão ruim assim, foi? — Júlia me pergunta assim que saímos do estúdio.

— Não, mas confesso que se não fosse por sua iniciativa eu nunca teria feito algo assim — respondo.

— Como diria Milena: “Eu sei, Chuchu!”. — Gargalhamos juntas. Milena teria adorado, ela acabou me enviando uma mensagem enquanto eu estava no estúdio dizendo que não poderia vir.

Depois disso, almoçamos na praça de alimentação, e caminhamos para fora do shopping. Um arrepio cruza minha espinha quando vejo em um relance meu pai, pisco tentando focar sua imagem, mas não consigo vê-lo.

— Gabi, o que houve? — Júlia me pergunta. Seus olhos me fitam e sinto sua mão segurar o meu braço.

— Acho que e... ele es-está aqui — gaguejo, meus olhos varrem o ambiente, mas não o encontro.

Desde o dia em que estávamos almoçando com a mãe de Guilherme tenho suspeitado de que ele tem me vigiado. Meu estômago se contrai e ponho as mãos na minha barriga tentando controlar a ânsia de vômito que domina o meu corpo.

— Seu pai? — Júlia pergunta olhando o ambiente a sua volta.

— Sim — murmuro.

— Vamos para casa, e lá conversaremos sobre isso, Gabi. Até quando você vai continuar vivendo com medo? Está na hora de você denunciá-lo.

— Ju... — ela não me deixa terminar, ela pousa suas mãos em meus ombros e me olha profundamente.

— Chega, Gabi, sei que é a sua vida, e a decisão é sua. Mas não fazemos ideia do que se passa na cabeça dele, já pensou que ele pode ter voltado em busca de vingança?

— Mas nada aconteceu até agora, ele não me procurou mais.

— Isso não muda o fato de que ele pode estar te seguindo, entende? Se algo acontecer com você, meu irmão não irá suportar, muito menos eu.

— Eu... não quero passar por tudo aqui novamente, e do que adianta denunciá-lo? Se todos esses anos, ele estava em uma clínica por conta da sua doença? Ele teve alta, ninguém irá prendê-lo.

— Eu não sei, Gabi, mas acho que, no mínimo, você conseguiria uma ordem de restrição. Se ele está mesmo seguindo você é sinal de que quer algo, e isso pode ser muito perigoso.

— Tudo bem — concordo para deixá-la um pouco tranquila.

Mas não temos tempo para isso, porque assim que caminhamos até a sorveteria, na esquina do shopping, um carro preto com vidros escuros para ao nosso lado.

— Entra! — um homem com uma touca no rosto grita para nós, apontando um revólver em nossa direção. Fico estática em meu lugar, é como se tudo estivesse em câmera lenta. Sinto as mãos geladas de Júlia segurando meu braço, fazendo com que eu saia do meu transe, olho para o homem a nossa frente e consigo ver apenas os seus olhos; eles são negros e inexpressivos. Mas não consigo reconhecê-los. — Entra logo, porra! Vocês estão surdas?

Não há quase ninguém ao nosso lado, não consigo me mover, céus! Se isso for um pesadelo só quero acordar.

— Gabi — ouço a voz de Júlia me chamando, mas não consigo sair do lugar, então deixo que ela me conduza até o carro. O homem tranca as duas portas e se vira para trás. Ouço os gritos de Júlia bem distantes e não consigo respirar, algo me impede, mas nada mais importa, pois estou caindo em um sono profundo e não existe homem mal algum nele.



23

Guilherme

Ando de um lado para o outro preocupado, já liguei para Gabriela inúmeras vezes, e ela não atende, tentei falar com minha irmã, mas também não consigo. O pânico começa a me dominar e então sento no sofá tentando não pensar no pior. Já se passavam das onze da noite e elas não haviam retornado para casa. Não havia nenhuma ligação dela, nem mesmo uma mensagem. Seguro meu celular em minhas mãos e disco o número de Milena, minha única esperança.

— *Guilherme* — ela atende no segundo toque.

Suspiro assim que ouço sua voz.

— Milena, pelo amor de Deus me diga que minha irmã e Gabi estão com você — peço.

— O que houve? — pergunta assustada.

— Elas ainda não voltaram do shopping, você não está com elas?

— *Eu não pude ir* — responde.

— Porra! — Acabo esquecendo que Milena está na linha e grito.

— *Guilherme, você está me assustando, o que houve?*

— Elas ainda não voltaram Milena, estou morrendo de preocupação! — Olho para o meu relógio e vejo os minutos se passando, eles zombam de mim.

— *Talvez elas tenham ido a outro lugar.*

— Não sei, Milena, se até meia-noite eu não conseguir falar com nenhuma delas, vou até a delegacia. Se aquele monstro tem algo a ver com isso, ele pode se considerar um cara morto!

— *Estou indo até aí* — diz e, então, desliga o telefone.

Abro a geladeira à procura de algo que possa me acalmar e só vejo uma cerveja e um refrigerante. Opto pelo refrigerante, quero estar bem caso eu precise dirigir.



Quarenta e oito horas. Nesse tempo inteiro morri um pouco a cada segundo sem saber o que aconteceu com as duas mulheres que mais importam na minha vida.

— Guilherme, você precisa comer alguma coisa. — Milena, que também está com a aparência bem cansada, me oferece um prato com macarrão.

— Não, obrigado — recuso, assim como fiz em todas as outras vezes. Eu só queria minha menina e a minha irmã de volta, porra! Tentei ser forte, mas não consigo. A quem estou tentando enganar? Meu mundo inteiro ruiu.

Lucas acabou ligando para minha mãe e lhe contando o que havia acontecido, ela está há alguns minutos sentada no sofá pálida e chorosa. Olho para ela e não consigo me conter, um soluço me escapa, meus ombros balançam conforme a dor do meu peito é liberada através de lágrimas e então sinto seus braços me envolverem. Nesse momento esqueço toda mágoa que tenho dela e deixo que me ampare, mesmo sabendo que ela está tão mal quanto eu.

Fomos até a delegacia no início da manhã relatar o desaparecimento de Júlia e de Gabi, deixei que meus amigos respondessem todas as perguntas, pois eu não tinha condições de dizer uma palavra sem desmoronar.

A todo momento eles estão comigo, ninguém voltou para casa, e eu sou grato por isso. É nos momentos mais difíceis que vemos quem são os nossos verdadeiros amigos, nunca conhecemos a fundo uma pessoa até que você precise dela, e não tenha nada para oferecer em troca. É nesse momento que você vê que os verdadeiros permanecem ao seu lado, mesmo que o seu mundo está caindo aos pedaços.

— Ei, cara, vai ficar tudo bem — Rafael diz colocando um braço em meu ombro assim que minha mãe se levanta voltando para o seu lugar.

Balanço a cabeça me agarrando a isso, Lucas se senta ao meu lado e vejo seus olhos inchados indicando que, assim como eu, ele também havia chorado. Meu coração se parte ainda mais ao vê-lo assim. Coloco a mão em seu ombro e seus olhos se encontram com os meus, e então ele chora, um rugido alto escapa da sua garganta e eu o abraço, pois nesse momento compartilhamos da mesma dor, do mesmo sofrimento e da mesma esperança.

Era tudo o que restava... Esperança.



24

Gabriela

Tento mover minhas pernas, mas não consigo, sinto todo meu corpo queimar como brasa viva quando tento me mover.

Por que as minhas pernas e meus braços estão presos? Há quanto tempo estou aqui?

Já perdi a noção do tempo. Minha garganta está seca, estou com sede.

Fecho os olhos tentando acordar desse pesadelo, mas tudo permanece igual, está tudo escuro, não sei onde estou, nem há quanto tempo fiquei desacordada.

As cenas da noite passada voltam com força total à minha mente e então me desespero, começo a me mexer tentando me soltar e então a cadeira no qual estou amarrada tomba para o lado e fico deitada no chão ainda presa a ela.

— Júlia! — grito. Mas não ouço o som da sua voz. Apenas um zunido causado pelo silêncio. Eu a chamo, uma, duas, três vezes, até que ouço um gemido.

— Gabi! — Sua voz rouca me faz girar a cabeça em direção a sua voz, mas está tudo escuro, não consigo vê-la.

— Você está bem? — pergunto ainda sem saber onde ela está.

— Eu estou amarrada, Gabi! Meu Deus! O que fizeram com a gente? — O desespero é nítido em sua voz.

— Eu não sei, Júlia! — As lágrimas molham o meu rosto.

Meu estômago se contrai e luto contra a ânsia de vômito que insiste em dominar meu corpo. Os soluços me escapam, choro por horas, minutos, talvez sejam apenas segundos até que meu corpo cansado e com fome adormeça.



Minhas pálpebras se abrem e pisco algumas vezes até minha visão se normalizar, dessa vez não estou mais encolhida no chão, minha cadeira está em pé novamente, mas ainda estou amarrada. Movo meu pescoço à procura de Júlia e, dessa vez, consigo vê-la, pois está de dia, constato isso, por causa de uma janela bem alta que ilumina todo ambiente.

— Ai meu Deus! — sussurro. Minha boca está seca e passo a língua pelos lábios para umedecê-los.

Alguma parte de mim quando adormeceu teve a esperança de que tudo isso fosse apenas um pesadelo. Mas não era, essa é a minha realidade.

Tento me soltar mais uma vez, mas é inútil, minhas mãos e meus pés estão amarrados.

— Júlia! — grito. — Júlia! — Tento mais uma vez. — Por Deus, Júlia!

Ouçoo seus gemidos e vejo sua cabeça pender para trás. Ouçoo o barulho de chaves e meus olhos voam até a porta do quarto e a vejo ser aberta.

Consigo reconhecer o homem que a abre, apesar de ainda estar com o rosto coberto por uma máscara: é o mesmo que havia nos trazido para cá.

A proximidade dele e seus olhos furiosos fazem um arrepio percorrer todo meu corpo.

— Que gritaria é essa? — grita enfurecido e eu me encolho na cadeira com medo, quando ele se aproxima de mim. — Sua putinha, fique quietinha!

Ele aponta o dedo para o meu rosto, e meu corpo treme com medo do que ele possa fazer comigo.

— Gabi! — Ouçoo a voz de Júlia me chamando, ele se vira para ela e caminha em sua direção.

— Quero as duas de boca fechada, estão me entendendo?

Concordo com a cabeça, mas Júlia não, ela olha para ele com raiva e diz:

— Por que estamos aqui? — pergunta como se só agora se desse conta disso.

O homem solta uma gargalhada e Júlia continua o fitando como se o estivesse desafiando.

— Vocês irão descobrir isso em breve, agora caladas!

Me encolho ainda mais na cadeira e Júlia apenas desvia o olhar para os seus pés e então ele se aproxima de mim.

— Agora eu entendo essa obsessão que ele tem por você! — Sua mão toca o meu rosto e eu tento rapidamente virá-lo para o lado. — Putinha linda! Se eu tivesse uma filha assim... — Meu estômago se revira ao sentir o toque áspero da sua mão em minha bochecha, as lágrimas caem livremente pelo meu rosto. Aperto os lábios um no outro tentando inutilmente não deixar os soluços tomarem conta de mim.

— Deixe ela em paz! — Júlia grita.

Ele se vira e, dessa vez, vai até onde ela está. Será que ela não vê que confrontá-lo será ainda pior?

— Quem é você para me dizer o que fazer, hein?! Ainda não sei o que ele quer com você, mas irei descobrir em breve. — Sua mão sobe pelo braço de Júlia e ela apenas o encara.

Ela cospe em seu braço e ele dá um tapa em seu rosto, grito para que ele se afaste dela, mas não o faz, ele bate, uma, duas, três vezes, até que vejo seus lábios tremendo e ela abaixa a

cabeça.

— Sua vadia! — grita. — Faça isso de novo e você morrerá antes do tempo!

Então ele se vira e sai nos deixando sozinhas novamente.

Solto um suspiro de alívio assim que a porta se fecha.

— Ju — sussurro. — Você está bem? — Ela balança a cabeça dizendo que sim, mas vejo um filete de sangue em seus lábios. — Por favor, não o desafie assim — peço, sei que ela é bem mais corajosa que eu, mas não quero que nada pior aconteça com nenhuma de nós.

— Desculpa, Gabi, mas eu quero entender por que estamos aqui... Por que esse homem nos sequestraria?

— Não sei, Ju — respondo. Mas não digo a ela sobre minhas suspeitas. Tenho certeza de que meu pai estava por trás disso. Só não entendo o porquê, ele parecia estar arrependido quando foi ao apartamento.

Algumas horas depois ele entra no quarto com um macarrão instantâneo para comermos, nos desamarrou e ficou nos vigiando enquanto comíamos apressadamente. Apesar do nó em meu estômago, eu estava sentindo muita fome. Assim que terminamos, ele nos amarrou novamente.

O cansaço domina meu corpo novamente e então adormeço.



25

Fernanda

Tenho visto meu filho definhando diante dos meus olhos há três dias, estou morrendo de medo do que possa ter acontecido com a minha filha: minha pequena Júlia. Lutei tanto para protegê-la... mas agora o destino resolveu tirá-la de mim e só Deus sabe onde ela está.

Choro baixinho porque tenho certeza de que minhas suspeitas estão corretas. Márcio havia ido atrás delas. Não há outra explicação. Me aproximo do meu filho e seguro suas mãos. Seus olhos tristes e inchados me fitam e sinto meu coração afundar no peito. Chegou a hora de lhe contar toda verdade, só espero que ele não me odeie no final.

— Filho. — Toco seu ombro e ele olha para mim; seus olhos estão tristes e cansados. A culpa me atinge em cheio e as lágrimas caem livremente. — Eu... preciso lhe contar porque fui embora — digo de uma vez por todas, enquanto me resta coragem.

— Por que isso agora, mãe? — me pergunta visivelmente confuso.

— Só me ouça, tudo bem?

Ele concorda com a cabeça e então lhe conto tudo.

Minha mente volta no tempo...

Pego o teste de farmácia com as minhas mãos trêmulas e vejo o resultado.

Duas listras.

Positivo.

Minha respiração fica entrecortada e preciso me sentar na beirada do vaso sanitário para não desabar.

Céus! Coloco as mãos na cabeça como se isso pudesse fazer com que os meus pensamentos se acalmem.

Respiro.

Inspiro.

Repito o processo até que eu tenha me acalmado.

Preciso ir a um ginecologista, não faço ideia de quantas semanas estou. Eu não estava preparada para ter outro filho, não estava em meus planos. Guilherme já é um rapaz crescido e eu estava feliz em ter apenas ele, meu menino traz luz a minha vida.

Saio do banheiro, pego o celular e marco um exame de sangue para o dia seguinte.



O exame está em minhas mãos e estou o segurando há alguns minutos. O envelope parece pesar dez quilos e não apenas algumas gramas, tenho certeza de que estou grávida; os enjoos, as mudanças de humor e o mal-estar me indicavam que sim. Mas preciso saber de quanto tempo estou. Rezo para que seja, pelo menos, dez semanas.

André ainda não havia chegado em casa, estávamos apenas eu e Guilherme, mas ele estava na casinha da árvore brincando sozinho com seus Legos, então sou apenas eu, minha consciência e o silêncio ensurdecedor da sala.

Tomo coragem e rasgo o envelope, pego o papel e o desdobro, e então começo a ler.

Eu estava mesmo grávida, mas não era de dez semanas e sim de seis. As lágrimas caem pelo meu rosto e não me importo de enxugá-las, só preciso acordar desse pesadelo.

Passo a mão pelo meu ventre e penso nas minhas palavras; minha filha ou filho, que agora cresce dentro de mim, não é um pesadelo. A minha vida sim.

Conto tudo a Guilherme do início com a esperança de que talvez ele me perdoe.

— E o que aconteceu depois disso, mãe? Por que a senhora estava tão preocupada? — pergunta.

Seus olhos estão sobre mim e me sinto ainda mais envergonhada.

Meu celular apita e vejo uma mensagem dele, André estava viajando e eu ainda não havia lhe contado sobre o bebê que estava esperando, eu sou covarde demais.

“Estou indo até aí.”

É tudo que diz a sua mensagem.

Não! Não! Tudo menos isso. Ele não poderia vir aqui agora. Ele estava se mantendo afastado e eu agradecia aos céus por isso. Desde que nos relacionamos a primeira vez nada mais foi como antes.

Maria Rita, Márcio e eu estudamos juntos quando tínhamos aulas de Direito penal. Nós éramos amigas — na verdade, melhores amigas — e eu a estava traindo. Não fisicamente, mas mentalmente.

Márcio era um dos caras mais desejados da faculdade, e era nosso amigo, e agora namorado dela. Eu invejava o relacionamento deles, mesmo não querendo. Desde que coloquei meus olhos sobre ele, fui pega desprevenida e me apaixonei perdidamente.

Maria Rita e eu o conhecemos no mesmo instante. Ele se sentou em nossa mesa para almoçar, conversamos sobre tudo, discutimos casos dos jornais, e desde então não nos separamos mais.

Eu sempre fui tímida, diferente de Maria Rita que era extrovertida e não tinha problemas para se relacionar com outras pessoas. Eu o amava em silêncio, apenas com os meus olhos, nunca me declarei para ele, e depois que eles começaram a namorar tentei esquecer esse sentimento dentro de

mim, mas foi impossível.

Depois que eles se casaram, nossa amizade nunca mais foi a mesma — eu não era mais a mesma — eu estava sem esperanças, até que André entrou na minha vida. Eu não queria um relacionamento, mas ele era gentil, romântico e gostava de mim. Então, após alguns meses namorando, nos casamos. Os meus sentimentos por Márcio ainda existiam dentro de mim, mas eu tentava evitá-los a qualquer custo.

Contudo, não consegui, e esse foi o meu maior erro.

Quando Maria Rita engravidou, ela começou a mudar e Márcio começou a me procurar. Encantada pela atenção dele, deixei me levar por seus olhos azuis, sua beleza, e a sensação de perigo que esse relacionamento proporcionava.

André viajava muito a trabalho, eu me sentia muito solitária, e meus encontros com Márcio começaram a ficar cada vez mais frequentes. Eu estava encantada! Finalmente estava vivendo meu sonho, e foi aí que conheci quem ele era de verdade.

Márcio começou a se mostrar muito possessivo e estava com ciúmes do meu marido, o que era insano, afinal ele também era casado. O homem que antes me tocava com carinho, agora me deixava com marcas roxas pelo corpo, inventei a desculpa de que estava sendo desastrada para que André não percebesse, mas eu não conseguia me afastar dele, eu o amava!

Quando eu ia lhe contar que estava grávida dele, nós tivemos uma briga feia, que me resultou um tapa em meu rosto pelo seu ciúme incontrolável.

Tentei me afastar, magoada pelo seu comportamento, mas ele não me deixou em paz, até que lhe contei que estava grávida, mas não disse que era dele.

Brigamos feio mais uma vez. Porém, dessa vez, foi diferente, ele me jogou da escada e quase perdi o bebê, então ele nunca soube. Nossos encontros foram se tornando escassos, mas eu estava com medo e aterrorizada. E então Júlia nasceu, minha menininha. Tive um parto complicado e tive medo de perdê-la. Não consegui tê-la normal e fizeram uma cesariana de emergência.

Assim que André a viu pela primeira vez, ele soube: Júlia não era sua filha. Ele também conhecia Márcio e sabia que ele tinha um sinal na sola do pé exatamente como Júlia.

Ele ficou comigo por um tempo, ele era um homem bom e honrado, esperou que eu saísse do resguardo e só então me deixou. Eu chorei, não de saudade, mas de remorso, ele não merecia isso.

Conversei com a minha mãe e lhe contei tudo que havia acontecido. Apesar do seu olhar de reprovação, ela me abraçou e disse que me ajudaria, e então após alguns meses Júlia começou a morar com ela.

Eu tinha medo que Márcio a visse e soubesse que ela era sua filha, passei anos com medo. Se eu fosse embora só iria levantar mais suspeitas, então eu fiquei, mesmo após André ir embora.

Eu abri os olhos para quem Márcio era de verdade, mas já era tarde demais, eu estava presa a sua teia.

Quando Júlia estava perto de completar oito anos, eu a trouxe para casa. Márcio estava viajando, achei que estava segura e que ele não a veria, deixei que ela passasse dois dias comigo, e esse foi o meu erro. Achei que Márcio só chegaria à sexta-feira, mas na segunda-feira, quando acordei, ele estava na janela da sua casa me observando e quando levei a sua filha e Guilherme para a escola, ele veio me ver. Júlia estava dormindo no sofá quando ele a viu, seu pezinho estava nos braços do sofá, ele viu a marca de nascença e exigiu saber se Júlia era filha dele. Tivemos uma briga feia e ele me machucou, e decidi que aquela seria a última vez. Então eu fui embora... eu precisava protegê-la. Eu tinha medo que ele a machucasse, como ele havia me machucado.

Olho para Guilherme envergonhada e vejo seus olhos avermelhados. Ele se levanta e caminha de um lado para o outro, como se estivesse tentando assimilar cada frase que eu havia dito.

— Você está me dizendo que Júlia, a minha irmã, é filha do mesmo homem que abusou de Gabi?! — grita Guilherme, que está com o rosto vermelho e os punhos cerrados ao lado do corpo. Eu nunca o vi assim antes, e isso me aterroriza.

— Filho... — tento, mas ele não me deixa terminar.

— Porra! Isso é uma piada de mau gosto, mãe? Você está falando sério?

Balanço a cabeça e me encolho no assento. A mentira que cultivei durante anos estava cobrando seu preço agora.

— Guilherme. — Rafael segura seu braço tentando acalmá-lo.

— Me larga, porra! — Ele empurra seu amigo com a mão livre e ele o solta.

— Foi por isso que meu pai foi embora, mãe?

Estremeço e deixo as lágrimas caírem. Meu segundo maior arrependimento foi tê-lo feito sofrer, André era um homem honrado e não merecia isso.

— F-foi — gaguejo.

Ele passa as mãos pelos cabelos e suspira.

— Onde ele está? — pergunta e meu coração se comprime. — Onde o meu pai está?

— Ele faleceu um ano depois de ir embora... ele teve um infarto fulminante.

Ele se senta no sofá como se não conseguisse manter-se de pé, e olha para mim com os olhos repletos de mágoa. Abaixo a cabeça envergonhada, pois levo a morte de André nas minhas costas.

— Quero você fora daqui — diz. — Agora!

— Filho... — Me levanto tentando chegar até ele.

— Não! Eu quero você fora daqui! — dessa vez sua voz sai cheia de remorso, e então pego minha bolsa e olho para ele uma última vez.

— Eu... amo vocês, Guilherme. Só fui embora para protegê-los.

Ele olha para mim e segura meu braço me fazendo fitá-lo.

— Você sabia? — pergunta. — Você sabia que ele... abusava de Gabi?

Esse era um dos motivos pelo qual eu não queria lhe contar.

Tento tocar seu braço, mas ele não deixa.

— Eu não fazia ideia, Guilherme, porém sabia que ele era agressivo. Se Márcio fazia aquilo tudo comigo... — soluço, não consigo mais segurar tudo dentro de mim. Meu filho não me conforta, apenas fica me olhando com os olhos frios e inexpressivos. — Eu... sinto muito.

Se eu tivesse o denunciado, se eu tivesse falado com Maria Rita, se eu tivesse resistido, nada disso estaria acontecendo. São tantos “se eu”...

Era culpa minha. E eu sabia disso.

Então aceito minha penitência sem questionar...

Ele levanta os olhos para mim e não vejo ali nenhum resquício de raiva, e sim de mágoa, isso era ainda pior. Ajeito minha bolsa no ombro e saio do seu apartamento.



26

Gabriela

Sinto algo bater em meu rosto e me assusto. Abro os olhos e vejo o pior dos meus pesadelos a minha frente com uma faca em suas mãos. Não, não! Meu Deus, quando isso vai acabar?

— Acorde, sua vadiazinha! — grita.

Vejo seus olhos e sinto todo meu corpo retesar, suas mãos seguram o meu queixo me forçando a olhar para ele. Seus olhos frios causam uma onda de arrepios por todo meu corpo, o ar começa a me faltar e tento normalizar minha respiração... mas é inútil.

Eu sabia que ele estava metido nisso! Ouço as palavras do seu capanga em minha mente: *Se eu tivesse uma filha assim...* Céus! Ele havia contratado alguém para nos sequestrar e agora estávamos nas mãos dele e do seu capanga.

— Por que está fazendo isso? — é tudo que consigo dizer. Engulo em seco tentando desfazer o nó que se forma em minha garganta. — Achei que você... queria se redimir...

Ele sorri. E então vejo que o monstro está de volta. Na verdade, acho que ele nunca havia ido embora.

— Você acreditou mesmo em tudo que eu lhe disse? — Sua voz é fria e cruel, suas mãos vão até o meu queixo me forçando a olhar para ele. — Tsc... tsc... tão tola, minha garotinha! Eu não estou doente, nunca estive. Só que esse era o único jeito que sua mãe encontrou de não me deixar mofando na cadeia, por sua causa, sua vadia! Eu ia me aproximar de você, por bem ou por mal. Mas o que você fez? Só me ignorou. — Ele solta o meu queixo e aponta para as cordas que estão amarrando minhas mãos. — Isso poderia ter sido evitado, se você não fosse tão tolinha. Tudo era mais fácil quando você era criança. — Ele coloca as mãos na cabeça como se estivesse sentindo dor e gargalha. Nunca em toda minha vida presenciei tanta loucura, sua mão atinge em cheio o outro lado do meu rosto e solto um grito de dor, minha face queima e não posso nem

massageá-la para amenizar a dor, pois minhas mãos ainda estão amarradas. Ele se vira para pegar uma cadeira atrás dele e se senta de frente para mim.

— Por que você mentiu? — pergunto sem entender. Por que ele queria se aproximar de mim, fazendo-se de doente? Para me machucar ainda mais?

— Você acha mesmo que eu deixaria você sair impune? Você quase me matou! — ele grita. — Você irá sofrer como eu sofri!

Estremeço.

— Sua puta! Olhe isso! — Ele vira o pescoço e então eu a vejo: uma cicatriz avermelhada bem grande causada pela faca que usei anos atrás contra ele. — Vou lhe contar a parte que você não sabe...

Márcio

Março de 2006

Olho para Maria Rita, que está ao lado da minha cama com os olhos marejados. Ela segura minha mão direita, que está livre dos acessos a minha veia.

— Márcio... meu amor, eu não consegui outra saída para você. Conversei com Lurdes, a psiquiatra de uns dos hospitais penitenciários da cidade. Ela me disse que consegue fazer com que você vá para lá ao invés de ir para a cadeia...

A ira me invade e me sento na cama do hospital olhando para ela.

— Eu não fiz nada!

— Eu sei, meu amor. Gabriela só quer atenção. Mas vamos sair dessa, ela disse que consegue te dar alta em alguns anos...

— Anos?

Não é possível! Aquela vadia! Ela vai pagar muito caro por tudo que fez comigo! Ela comerá o pão que o diabo amassou no dia em que nossos caminhos se cruzarem novamente.

Maria Rita me explica exatamente o que irá fazer. Preciso agir como se tivesse dupla personalidade apenas para encenar para um dos investigadores que viria acompanhar outro — que já sabia de toda armação — ela já havia resolvido praticamente tudo; ocultou uma parte do caso nos jornais, fez com que um dos investigadores acreditasse na amiga psiquiatra dela e pagou propina aos mais resistentes. Em questão de dias, após sair da emergência, fui encaminhado para o tal hospital penitenciário.



E lá eu fiquei durante nove anos, fui tratado como louco, tive que tomar medicações que me deixavam enjoado e com sono. Eu não aguentava mais aquele lugar, nem as vozes na minha cabeça. A única coisa que me mantinha sã era a minha vingança, e eu a teria muito em breve.

Tive muitos anos para prepará-la, esperei o momento certo para fugir, fiz amizade com as pessoas certas e aguardei o meu momento e agora ele havia chegado...

Gabriela

Sinto meu corpo tremer, e meus dentes rangendo. Meu corpo se inclina para frente tentando pôr para fora tudo que havia no meu estômago.

Não consigo olhá-lo. Eu o odeio!

A minha mãe, a mulher que culpou durante todos esses anos, na verdade estava acobertando o marido que estava vivo?

Como uma mãe pode fazer isso com a própria filha?

As lágrimas caem, molhando o meu rosto. Fecho meus olhos quando sinto uma dor dilacerante em meu coração. Eu não consigo acreditar no que estava acontecendo!

— Olhe para mim! — grita. — Você está arruinada!

Será que ele não acha que tudo que ele fez comigo já foi o suficiente?

Tento dizer que já estou, mas não consigo, as palavras não saem da minha boca. Levanto os olhos e então vejo Júlia apagada ainda amarrada a cadeira com a cabeça pendendo para trás.

Um caroço se forma na minha garganta e as lágrimas descem pelo meu rosto.

— E-eu... sei — gaguejo. — Por favor, deixa-a ir, é a mim que você quer! — peço, eu não suportaria se algo acontecer com Júlia por minha causa.

— Deixá-la ir? — ele gargalha. — Você é tão cega quanto sua mãe. Olhe para ela, Gabriela, não consegue perceber?

Olho para ele confusa, ainda sem entender aonde quer chegar.

— Vocês duas arruinaram minha vida! — Ele se levanta da cadeira e a empurra para trás avançando em minha direção, estremeço e ele ri ainda mais, fazendo com que um calafrio passe pelo meu corpo.

— Ela não fez nada! — consigo dizer.

Seus olhos frios me fitam e desvio o olhar.

— Tão tola! Júlia é a sua irmã, Gabriela! Não percebe? Olhe para o formato do seu nariz, a boca e a marca de nascença na sola do seu pé...

— Não, não, não! — Júlia não pode ser minha irmã. Isso quer dizer que Guilherme é o meu irmão? O enjoo se apossa do meu corpo e coloco o pouco que há no meu estômago para fora.

— Não se preocupe, seu amado não é o seu irmão. Aquele bastardo é filho do André. Desde que ela nasceu — ele aponta para Júlia com o rosto coberto de raiva —, Fernanda se afastou de mim. Agora estou tomando o que é meu por direito. Vocês são minhas! — esbraveja.

Sua mão passa pelos meus cabelos e grito, sinto meu braço arder e vejo o sangue escorrendo por ele. Sei que não há salvação para mim, penso em Guilherme e em como o amo, não sei se sairei viva dessa. Mas agradeço a Deus pelo tempo que tive ao seu lado.

Ele gargalha e apoia a faca na cadeira ao seu lado.

— O que é seu está bem guardado, a sua hora chegará, agora vou acordar sua irmã.

Júlia

Não consigo respirar!

Abro meus olhos e levo alguns segundos para descobrir o que está acontecendo. Minha visão está turva, e pisco diversas vezes até que ela volte ao normal. Vejo um homem a minha frente, e percebo que são as suas mãos que estão pressionando o meu pescoço impedindo minha respiração.

— Fernanda fez um bom trabalho — diz me fitando com seus olhos frios.

Meus olhos se enchem de lágrimas e sinto tudo a minha volta girar, ouço gritos de Gabi, mas tudo está incompreensível agora, a única coisa que me lembro antes de cair em um mar profundo repleto de escuridão, é que eu já o havia visto uma vez. Ele era o amigo da minha mãe...

27

Gabriela



— **NÃO!!!** — grito, mas ele não se afasta. — Por favor, deixe-a em paz! — suplico.

Mas suas mãos ainda estão sobre o pescoço dela.

Júlia não merece isso, ela cresceu sem ter que conviver com ele, sem os seus abusos e não merecia passar por isso agora, ela já teve sua cota de sofrimentos, assim como eu.

— Cale a boca! — esbraveja, ainda com as mãos em seu pescoço.

Ouço Júlia gemer e grito ainda mais para que ele pare.

Mas ele não o faz. E só se dá por vencido quando a vê perdendo a consciência.

— Por quê? — grito. — Por que você está fazendo isso conosco? Nunca te fizemos nada! — Não consigo mais conter tudo dentro de mim... ele não estava só me machucando, dessa vez estava direcionando os abusos a sua outra filha... minha irmã! Meu Deus! Como um pai pode ter a coragem de fazer isso com a sua própria filha? Com as suas filhas?

— Não fizeram nada? Vocês nasceram e afastaram Maria Rita e Fernanda de mim! Vocês são minhas por direito! Eu posso tomá-las, e fazer o que bem entender! — diz agora, andando na minha direção, apontando para si.

As lágrimas molham o meu rosto, enquanto fito seus olhos azuis como os meus, mas os dele tem um brilho frio e cruel.

— Isso é apenas o começo. — E então ele sai do quarto me deixando à beira do colapso.

Entro em estado de torpor, deixando apenas que os segundos se passem lentamente enquanto uma parte de mim, morre a cada segundo.

Guilherme

Cinco dias.

120 horas.

7.200 segundos que estou morto.

O ser humano não morre apenas quando a sua vida se esvai. Pude comprovar isso ao sentir cada pedaço da minha alma morrer sem ter notícias de Gabi e da minha irmã.

Acho que é isso que acontece quando amamos tanto alguém.

Eu não sabia mais o que fazer, ninguém tinha notícias delas, não houve pedido de resgate, não houve nada.

E esse nada me assustava mais do que tudo.

Os policiais não conseguiam descobrir onde elas estavam. Minha última salvação era Santana, mas eu não aguentava mais esperar por notícias, que simplesmente não vinham.

Lucas e Rafael não saíram do meu lado. Eu já gritei com eles inúmeras vezes e só falei socar a cara do Rafael quando ele disse que eu precisava de um banho. Eu só queria minha namorada e minha irmã ao meu lado! Será que era tão difícil assim eles entenderem isso?

— Guilherme — Rafael me chama, olho em sua direção e o vejo com o rosto tenso. — Cara, estou aqui me lembrando que você me disse que foi ver a mãe da Gabi, quando vocês descobriram que aquele babaca estava vivo. Ela não sabia? Você não acha que ela pode ajudar nas investigações?

Olho para ele e passo as mãos pelos cabelos tentando organizar meus pensamentos. Nós nem tínhamos certeza de que ele realmente era o culpado por tudo isso. Mas depois de tudo que minha mãe me contou, eu não tinha mais dúvidas: ele era o culpado pelo nosso sofrimento.

— Ela sabia e o acobertou, Rafa, ela não vai querer nos ajudar. Maria Rita odeia Gabriela — respondo.

Lucas levanta a cabeça do encosto do sofá e olha para Rafael.

— Porra! Por que não pensamos nisso antes? — pergunta.

Com tudo que aconteceu agora, todos sabiam do passado de Gabi, Lucas ficou furioso quando lhe contei.

— Não acho que vá dar certo — digo sem esperanças.

— Não estou te reconhecendo, Guilherme! Você não quer Gabriela e Júlia de volta? Porra, é a nossa única chance! — grita.

— Você não sabe de porra nenhuma! Ela não vai nos ajudar! — dessa vez eu grito. Eles não a conhecem, não sabem como ela é, essa mulher ama o marido mais do que a própria filha.

— Fodam-se vocês dois, nós vamos até lá, agora! Tomem a porra de um banho! Nem que tenhamos que arrastá-la até a delegacia, ela vai ter que cooperar! Vou ligar para Milena. Saímos em meia hora — dito isto, ele vai até a cozinha e começa a preparar algo para nós comermos. Tem sido assim desde o primeiro dia que ela desapareceu, ele vem cuidando de nós, e apesar de eu estar irritado, sou grato pela ajuda.

Milena também estava conosco, ela não saiu do nosso lado, a não ser hoje quando precisou ir até a sua casa pegar algumas roupas.



Após trinta minutos saímos em direção ao aeroporto e caminhamos até a área de jatos e aviões particulares.

O voo foi rápido e sem turbulência, em apenas quarenta minutos pousamos em São Paulo. O trânsito estava bem calmo, então não levamos nem vinte minutos para chegar até a casa dela.

Dessa vez, a porta está trancada e preciso tocar a campainha.

O bairro era bem nobre, porém Maria Rita estava acostumada a receber visitas dos seus clientes, então não foi tão difícil entrar.

A porta se abre e me deparo com uma versão bem esquelética da mãe de Gabi.

Seus cabelos estão presos em um coque bagunçado no alto da sua cabeça, ela está com apenas um pijama e uma taça de vinho na mão, seus olhos estão vermelhos e se arregalam assim que me reconhece.

— O que está fazendo aqui? — pergunta com a voz trêmula.

Coloco a mão na porta e a empurro. Ela se afasta apenas um pouco e meus amigos e eu entramos na casa. Tudo aqui está como antes, mas dessa vez está ainda mais bagunçado, se é que isso era possível. O fedor de vômito está impregnado na casa, me causando náuseas.

Engulo em seco e digo sem rodeios:

— Gabriela sumiu.

Seus olhos se arregalam por alguns segundos, mas logo depois sua expressão volta a ser fria habitual.

— E o que eu tenho a ver com isso? — pergunta dando um gole em sua bebida. Pego a taça da sua mão e ela me olha chocada, como se eu tivesse acabado de cometer um crime.

— Porra! O que se passa na sua cabeça? Eu disse que a sua filha sumiu, e você pergunta o que tem a ver com isso?

Lucas toca o meu braço quando dou um passo em sua direção, mas eu não a machucaria, eles sabem disso. Só queria olhar em seus olhos até ela entender o dano que causou na vida de todos ao ficar ao lado do traste do seu marido.

— Quem você pensa que é para falar comigo assim? — Ela ergue o queixo me enfrentando.

Nunca vi tanta frieza em alguém como vejo nela, às vezes fico me perguntando a quem Gabi puxou sua personalidade, porque definitivamente não foi dessa mulher nem do seu pai.

— Eu sou o homem que ama a sua filha! Diferente de você, que só a despreza sem motivos! — grito incapaz de manter todos os sentimentos dentro de mim. Não sou uma pessoa que se exalta com tanta facilidade, mas já estava no meu limite.

Lucas e Rafael se mantêm ao meu lado sem dizer uma palavra.

— Ela só quer chamar atenção, logo ela irá aparecer — diz tranquilamente.

— Sua filha da puta! — Milena fala pela primeira vez desde que entramos na casa. Ela ficou quieta, o que é bem estranho, porque em todo tempo que estou com Gabi nunca vi Milena se calar diante de uma situação, mas agora ela estava colocando tudo para fora. — Isso é culpa sua! Você causou isso quando acobertou aquele monstro! Você é tão ruim quanto ele! — Seguro seus braços quando ela tenta avançar na direção de Maria Rita, Milena se sacode tentando se soltar,

mas continuo a segurando firme.

Lucas me surpreende ao passar do meu lado indo em direção a mãe de Gabi. Seu pescoço e seu rosto estão vermelhos e sei que, assim como eu e todos na sala, ele também chegou ao seu limite.

— Maria Rita, eu não te conheço e não faço ideia do porquê de estar agindo assim. Mas você é uma mãe de merda! Aquele homem levou a sua filha e a minha amiga. O homem que você ama é um louco! Sua filha é uma garota altruísta e amável, ela mudou a vida do meu amigo e tem feito a vida de todos nós mais feliz! O homem que você tanto defende não ama você, ele não ama ninguém além de si mesmo, e nesse momento não faço ideia do que ele possa estar fazendo com elas. Mas nós precisamos da sua ajuda! Isso tudo é culpa sua, e sempre será! Você ficou ao lado dele quando deveria estar ao lado da sua filha, mas você pode se redimir um pouco e nos ajudar a encontrá-la. — Assim que Lucas conclui, ela se joga no sofá com as mãos na cabeça e vejo uma cena que nunca imaginei que estaria vivo para ver.

Maria Rita está soluçando, seus ombros se sacodem e as lágrimas rolam pelo seu rosto, a mulher que atendeu a porta como se dominasse o mundo está desmoronando na minha frente. Eu não sei o que as palavras de Lucas despertaram nela, mas espero que, de alguma forma, ela enxergue finalmente que Márcio é um monstro.

Nesse momento, meu celular toca desviando minha atenção da cena que se desenrola a minha frente.

Vejo o nome de Santana e por um milésimo de segundos me permito sentir esperança.

— Santana — atendo.

— *Guilherme! Finalmente, seu celular só dava desligado.*

— Droga! Eu estava no avião, descobriu alguma coisa?

Ele suspira.

Coloco no viva-voz quando vejo meus amigos me olhando com cara de interrogação.

— *Sim, Márcio se envolveu em um relacionamento amoroso com a psiquiatra que cuidava do caso dele. Não tive confirmação disso, pois foram apenas boatos que rolavam entre as enfermeiras. Quando fui ao hospital para encontrar a minha velha conhecida, ela disse que ninguém sabia o paradeiro da médica, ela não ia ao trabalho há mais de duas semanas. Nem mesmo a família dela sabia onde ela estava. Como ela viajava sempre e, às vezes, nem mandava notícia aos pais eles não suspeitaram de nada, mas algo não me cheirava bem. Conversei com o diretor do hospital e depois de muito insistir ele decidiu chamar a polícia e reportar o desaparecimento. Eles foram até a sua casa e, como a porta estava trancada, eles a arrombaram. Você não vai acreditar no que encontramos lá.*

— O quê?

— *O cadáver dela. Ela estava presa a uma corda no ventilador de teto. Aparentemente parecia uma cena de suicídio, mas ela estava com o corpo todo machucado. Já estão fazendo a autópsia e, em breve, comprovaremos que Márcio a matou, pois para mim não me resta dúvidas.*

— Caralho!

Porra! O cara é um maníaco, ele matou até mesmo a mulher que o ajudou a sair da clínica.

— *Você disse que a mãe da sua namorada estava ao lado dele. Ela não manteve nenhum contato com ele?*

— Só um minuto, Santana.

Nem me preocupo em abafar a minha voz no telefone para que Santana não possa ouvir.

— Maria Rita, como você manteve contato com ele durante todo esse tempo? — pergunto.

Ela corre os olhos pela sala e a vejo se levantar indo até um gaveteiro e pegar um celular

dentro dele.

— Nós nos comunicávamos por esse celular pré-pago, então não tem como rastrear. Faz semanas que não falo com ele. Seu telefone só cai na caixa postal.

Porra! Essa era a única esperança que eu tinha!

— *Guilherme!* — Santana chama minha atenção pelo telefone. — *Não precisa repetir o que ela disse, já escutei. Preciso que você a traga para o Rio imediatamente, precisamos conversar com os policiais. Assim que pousar, me avise.*

Me despeço dele e olho para meus amigos, que parecem bem apreensivos.

Me aproximo dela e organizo as palavras na minha mente antes de me direcionar a ela.

— Maria Rita, acho que o Lucas já disse tudo que precisava ser dito. A única coisa que eu lhe peço, é que, por favor, você venha até o Rio conosco e nos ajude nas investigações. A sua filha merece isso, só Deus sabe o que ela está passando nas mãos daquele monstro. E tem mais, a minha irmã... — As palavras ficam pesas em minha garganta. — Ela também desapareceu. Nesse momento, estou sem as duas mulheres que eu mais amo nesse mundo. Então, por favor, venha conosco — imploro.

Vejo seus lábios tremerem, mas ela não chora. Apenas concorda e se levanta meio cambaleante, subindo as escadas. Meia hora depois, todos nós estamos de volta ao aeroporto. E eu só pedia a Deus para que tudo terminasse bem.



28

Fernanda

Sento no sofá após um dia exaustivo de trabalho. Eu não estou rendendo nada durante esses dias, o medo, a dor, e a perda da minha filha tem me deixado oca. Completamente vazia por dentro.

Nem em todos os meus piores pensamentos cogitei a ideia de Márcio estar vivo e que poderia sequestrar a minha filha. Minha doce Júlia. Ninguém tem certeza de que ele havia, de fato, as levado, mas eu tenho certeza: aqueles olhos... a crueldade e a maldade habitavam dentro dele.

Eu mereço pagar por cada um dos meus pecados. Meu destino provavelmente será pior que a morte, pois sei que mereço isso. Mas não as duas jovens inocentes que estavam em suas mãos. Já orei, pedindo a Deus para que as livre, e que de alguma forma aconteça um milagre e elas possam voltar para casa.

Fecho os olhos tentando não me desesperar, era por isso que eu continuava trabalhando, pois cada vez que eu chegava em casa era consumida por meus pensamentos e desmoronava.

A culpa sempre iria me assombrar.

Meu telefone toca e abro os olhos para procurá-lo, caminho até a bancada e o pego dentro da bolsa.

Número restrito.

Franzo a testa pensando em quem poderia ser, ninguém me liga com o número restrito. Decido atender, afinal pode ser qualquer pessoa, até mesmo minha filha.

Mas não era.

— *Fernanda!* — Um arrepio cruza minha espinha ao ouvir sua voz sempre rouca e

impotente.

— M-Márcio — gaguejo. — Você está com elas?

— *Sempre com pressa, Fernanda. Você não aprendeu ainda? Ela é a inimiga da perfeição.* —

E então ele gargalha; uma risada fria e cruel. Assim como sua alma. — *Estou com saudades, Fernanda. Passaram-se dez anos, você não sentiu a minha falta?*

Céus! Eu não sei como responder, um nó se forma na minha garganta e forço as palavras a saírem da minha boca:

— Sim, eu... senti a sua falta. — *Continue com a farsa, Fernanda!*, digo para mim mesma.

— *Ah, Fernanda, então por que fugiu de mim?* — pergunta.

Respira!

— Eu só... estava assustada. Me desculpa... eu não sabia que você estava vivo, foi um choque para mim — respondo.

— *Você quer ficar comigo, Fê?* — Uma ânsia de vômito toma o meu corpo ao ouvi-lo me chamar pelo apelido de quando eu ainda achava que ele me amava. Como fui tola!

— Quero.

— *Anote um endereço. Venha sozinha, Fernanda. Não faça nada que me prejudique ou eu não hesitarei em matá-las, entendeu?*

Tenho asco de cada palavra que sai da sua boca. Sinto nojo, raiva e, principalmente, arrependimento, de ter me envolvido com um homem sem escrúpulos algum. Eu estava completamente cega.

Consigo anotar o endereço com as mãos trêmulas e ele me pede que o encontre daqui a uma hora perto da orla da praia. Ele escolheu o lugar mais deserto, perto de um quiosque que não é mais usado.

Eu estava aterrorizada. Mas deixei meu medo de lado e comecei a pensar como uma advogada que sou, agora eu tinha a chance de trazê-las de volta mesmo que isso custe a minha vida.

Procuro meu colar na gaveta e o coloco. Pego meu celular e envio uma rápida mensagem para Guilherme. Sei que, provavelmente, ele irá me ignorar e eu não o culpo. Mas preciso tentar. Preciso, pelo menos, me despedir.

Coloco minha bolsa no ombro, pego as chaves do carro e saio de casa. Faço todo caminho até a praia implorando a Deus que, pelo menos, elas sejam salvas das mãos daquele homem.



Em quarenta minutos consigo chegar ao meu destino. Não o vejo em lugar algum, tento ficar calma, mas é impossível. Minhas pernas tremem e o medo me invade, porque nem todas as aulas de Psicologia me preparariam para esse momento. Estou acostumada a lidar com pessoas que cometeram crimes terríveis. Em meu trabalho vejo os dois lados da moeda: a vítima e o culpado. E sempre estou preparada para lidar com tudo da melhor forma. Sempre agi com a cabeça, não com o coração.

Porém, dessa vez, deixo que meu coração de mãe tome à frente e, provavelmente, esse foi o meu maior erro, pois no minuto seguinte, ouço passos atrás de mim. Viro-me e me deparo com o seu sorriso que causa arrepios em todas as células do meu corpo, tudo aconteceu rápido demais;

minha bolsa foi arrancada da minha mão assim como meu celular, e então um pano é colocado no meu rosto e tudo se apaga.



29

Guilherme

Depois de passar por uma intensa turbulência por conta da mudança repentina do tempo, finalmente pousamos no aeroporto de Santos Dumont. Sinto meu celular vibrar no bolso, eu o pego e olho o visor. Vejo o nome da minha mãe e estaco no lugar.

Não sinto mais raiva dela, apenas mágoa. Minha mãe mentiu para todos nós durante todos esses anos, nossa vida foi uma mentira, e foi essa mentira que quase me fez perder a minha menina.

E agora, ao saber que a minha irmã é filha de um homem sem escrúpulos algum, me deixa completamente sem chão. Lidar com o fato do nosso pai ter nos abandonado era mais fácil do que lidar com um homem que é um monstro. Júlia não merecia isso.

Leio sua mensagem e meus olhos quase saltam do meu rosto quando me dou conta do que ela fez.

Filho, não tenho muito tempo. Márcio me ligou e ele realmente está com elas, vou ao seu encontro. Estou tentando salvar as duas. A minha filha e a minha nora. Não sei se sairei dessa, então quero que saiba que eu te amo. Sei que errei e mereço qualquer penitência que a vida me propuser. Você e a sua irmã são o meu mundo. Estarei feliz onde quer que esteja em saber que vocês estão a salvo. Me perdoe. Estou te enviando um link, nele você irá conseguir me rastrear. Não demore! Farei o possível para tentar salvá-las. Mas não sei por quanto tempo conseguirei manter a farsa. Vá até a polícia e venha resgatar suas garotas. Te amo, não se esqueça disso.

Não! Não! Mãe, o que você fez? Não posso perdê-la também!

Minhas pernas fraquejam e meus olhos se enchem de lágrimas, caio no chão do aeroporto e não me importo de parecer fraco diante dos meus amigos e das pessoas que também estavam

desembarcando.

Lucas se ajoelha ao meu lado e pega o telefone da minha mão, Rafael passa o braço nos meus ombros. Eu soluço incapaz de manter meus sentimentos guardados dentro de mim. Meu Deus, quando esse pesadelo irá acabar?

Esse plano da minha mãe nunca dará certo. Márcio não é idiota, ele teve dez anos para preparar sua vingança, o que a minha mãe fez foi suicídio! Nunca a vi agir com tanta imprudência quanto agora.

Explico para os meus amigos o que tinha na mensagem da minha mãe e vejo Maria Rita perder a cor do rosto e ficar completamente pálida. Ela parecia que estava prestes a desmaiar.

— Fernanda? Você é filho de Fernanda Ávila? — pergunta em choque.

— Sim — resmungo.

— Ela foi até ele? — pergunta como se não acreditasse.

— Sim.

— Eu sempre soube que ela era apaixonada por ele...

Deixo-a perdida em pensamentos e ligo para Santana.

— Santana — digo assim que ele atende.

— *Garoto, já está no Rio?*

Fungo e tento manter minha voz serena.

— Sim. Estou saindo do aeroporto agora. A minha mãe... ela foi até onde ele está e estou com o link de rastreio. Eu... não estou bem, então preciso de você para me ajudar a lidar com essa situação.

— *Certo garoto, me encontre em frente ao 12º DP. Iremos buscar as suas garotas, e a sua mãe* — diz e então desliga.

Olho para Lucas e vejo seus olhos brilharem de esperanças, não me permito esse sentimento.

Ainda não.

Olho para o celular e vejo a bolinha se movendo, se eu pudesse ia até elas agora, mas não posso agir com imprudência, então me levanto do chão com a ajuda de Rafael e guardo o celular no bolso.

— Elas vão ficar bem, Guilherme, todas elas. — Milena passa o braço pela minha cintura e me abraça. Assinto com a cabeça querendo fielmente acreditar nisso.

— Vamos, cara, vamos buscar as nossas garotas — Lucas diz tocando meu braço.

E então saímos do aeroporto.

Por elas, eu iria do céu ao inferno, de anjo a demônio, apenas para salvá-las. E era isso que eu estava fazendo agora. Trarei as três mulheres da minha vida para casa, custe o que custar!

30

Gabriela



Há momentos em nossas vidas em que deixamos de ter esperanças. Muitas das vezes nos perguntamos em que ponto deixamos de acreditar naquilo que nos mantinha de pé.

Nem sempre sabemos a resposta.

Mas eu sim.

Deixei de ter esperanças no meu segundo dia nesse lugar, agora não tenho mais noção de quanto tempo estou aqui; ele parece passar ainda mais lentamente. Os dias e as noites são intermináveis, fazendo-me refém dos meus maiores pesadelos.

Eu e Júlia não estamos mais amarradas, nossos pulsos e nossas pernas estão em carne viva, todo nosso corpo está marcado pelas agressões físicas e a forma como eles nos amarraram.

Eu entro em estado de torpor cada vez que o vejo, seus insultos e suas palavras já não surtem mais efeito em mim, pois não há nada para sentir, eu estou oca, vazia.

Houve uma época em que acreditei em príncipes encantados, em reis e rainhas. Cheguei até mesmo a acreditar que meu pai era o meu herói.

Ah! A inocência de uma criança!

Não durou muito, pois minha realidade bateu a minha porta quando eu tinha apenas oito anos quando os abusos começaram.

No começo eu não entendia, ele apenas passava as mãos pelos meus braços e beijava o meu rosto. Eu achei que era porque ele me amava, como eu o amava. Mas não era isso, meses mais tarde ele não se contentava mais com isso. E então pedia para que eu o tocasse.

Ali, deixei de ter sonhos inocentes que toda garotinha de oito anos deve ter. Foi nesse momento em que ele me quebrou da primeira vez. Dessa vez, eu não choro ao ser invadida com as lembranças, sinto apenas raiva. Hoje eu entendo que a culpa não é minha.

Ele é o único culpado!

Minha maior preocupação é a Júlia. Ela estava o enfrentando, e isso poderia ser a sua ruína. Ele odeia que o desafiem, e é exatamente isso que ela faz cada vez que o vê.

Quando ele me contou que ela era minha irmã, Júlia estava desacordada. E quando ela acordou lhe contei tudo que sabia. Esperei sua reação; as lágrimas, a decepção, a dor... mas nada disso veio. Júlia apenas me olhou com os olhos inexpressivos e os fechou.

As horas que eu passava acordada, pedia a Deus por ela, não por mim; eu já conheci o seu pior lado, ela não.

Agora que eu posso abraçá-la, me sinto menos sozinha. Nós nos agarramos uma na outra. E pedíamos a Deus para que ele não abusasse de nós.

— Gabi... — Júlia me chama.

Estamos encostadas na parede em um canto do quarto, nos segurando uma na outra.

Aperto sua mão para indicar que estou escutando.

— Você acha que ele vai... nos matar? — pergunta.

Fecho os olhos tentando não pensar no pior. Eu não fazia ideia do que ele estava preparando para nós, afinal ele não havia feito nada além de nos ofender verbalmente e nos agredir fisicamente.

Não houveram abusos sexuais. Mas eu não deixo de ter medo. Na verdade, eu estou aterrorizada. Seus olhos estão ainda mais sombrios do que eu me lembrava.

Como pode um homem aproximar-se da própria filha dizendo que a ama, que estava doente e ainda implorar por perdão?

É insano!

O ser humano pode ser tão mal assim? A ponto de inventar uma mentira apenas para te machucar ainda mais?

— Eu não sei, Ju. Mas prefiro morrer a sentir o seu toque sobre mim novamente. Eu não suportaria mais isso... — confesso.

— Gabi... meu Deus! Você não merece isso! Nós não merecemos isso! — E então ela chora.

Foram poucas vezes em que a vi chorar desde que estamos aqui, então sei que ela já estava no seu limite, assim como eu. Não resisto ao aperto no meu peito e choro com ela. Hoje ele não veio nos ver. Apenas o seu capanga entrou no quarto para dar nossas refeições, que consistia em apenas um macarrão instantâneo. Nós não nos dirigíamos mais nenhuma palavra, tudo que ouvimos sair da sua boca foram alguns resmungos incompreensíveis.

Nessa noite, eu e Júlia dormimos abraçadas. Ela pegou no sono rapidamente e eu, mais uma vez, fiquei implorando piedade a Deus.

Fernanda

Horas antes...

Ainda sonolenta tento abrir os olhos quando sinto alguém dando pequenos tapas em meu rosto. Tento me levantar de onde estou deitada, mas sinto todo meu corpo doer, gemo em resposta e foco meus olhos no homem a minha frente.

Não demonstre que você está com medo, Fernanda! Salve sua filha e a sua nora!

Os olhos que me assombraram durante anos agora estavam me fitando. A única expressão que consigo captar em seu rosto é orgulho. Ele está feliz por ter o poder de nos ter aqui. E isso me aterroriza.

— Fê... — diz se sentando ao meu lado. Quem o ouve me chamando assim, acha até que ele me ama. Ah, quanta tolice, ele ama apenas a si.

— Por que você... fez isso comigo?

Ele sorri.

— Você acha que eu sou idiota?

— Não...

— Se você não faz ideia de onde está, consequentemente não poderá fugir — diz com um sorriso triunfante.

— Eu não vou fugir... — digo baixinho. Eu não ia mesmo, não enquanto minha filha ainda estiver presa nessa casa.

Ele coloca uma mão em meu braço me puxando na sua direção, tremo de medo e peço a Deus para que ele não perceba meu nervosismo com a sua proximidade.

— Você já fugiu uma vez, Fê. Não posso correr o risco. — Agora seus lábios estão próximos aos meus e uma ânsia de vômito ameaça me dominar. — Senti tanto sua falta!

Suas mãos agora estão sobre mim, me apertando e me apalpando. Tudo que eu sinto é nojo. Quero arrancar suas mãos de mim, quero gritar para que ele não me toque. Mas preciso ganhar tempo até Guilherme conseguir resgatar as meninas.

Então eu suporto por alguns minutos, rezando, orando, suplicando a Deus que me dê forças. Mas então ele abaixa as calças e eu me dou conta do que está prestes a acontecer.

Recuo me afastando dele, e Márcio me puxa pelo braço novamente, meu corpo colide com o seu e sou dominada pelo pavor. Já revivi essa mesma cena várias vezes, quando eu tentava afastá-lo, anos atrás quando ele começou a se mostrar agressivo e possessivo.

Ele me fez deitar no sofá duro que estávamos sentados e se inclina para me beijar. Viro o rosto para o lado e ele puxa o meu queixo me fazendo olhar para seus olhos frios.

— Não... — murmuro.

— Não o quê, Fernanda? Você não me quer? — pergunta ainda segurando meu queixo, ele aperta me fazendo sentir dor.

— Q-queró — gaguejo.

Eu não o quero. Não quero que ele toque em mim, nem que me tome. Eu não queria estar aqui, mas foi necessário, e só quero salvar duas meninas inocentes que, provavelmente, estão em algum lugar dessa casa nojenta.

— Eu... só quero ver minha filha antes.

— Nossa filha! — Todo meu corpo estremece ao ouvir isso. — Você quer que ela participe da nossa brincadeira?

Céus! Como não enxerguei isso quando me apaixonei por ele ainda adolescente? Como não vi que ele é um monstro? Como me permiti ter alguma relação com ele?

As lágrimas escorrem pelo meu rosto. Quando me dou conta de que não tenho escolha alguma. Ele me tomaria novamente e eu deixaria, apenas para que ele não faça isso com a minha filha — com a nossa filha.

— Não, eu quero você... só você!

— Não. Você não quer vê-la? Nós vamos vê-la — diz friamente, e o pior, rindo.

— Márcio... — tento chamar sua atenção quando ele caminha até um corredor. — Fica

comigo! — grito desesperada. — Eu só quero você! — Ele estaca no lugar e volta para onde estou sentada.

— NÃO! — grita fazendo todo meu corpo estremecer.

Seu rosto está completamente vermelho e consigo ver as veias do seu pescoço sobressaltadas. Eu preciso fazê-lo acreditar que eu o quero, sem envolver as meninas nisso.

— Você vai me trair? — tento.

— Fê, eu quero vocês, as três... vocês são minhas! Eu esperei anos para tê-las ao meu lado! — diz passando as mãos calejadas em meu rosto. Viro o rosto e ele segura meu queixo me fazendo olhar para ele. — Eu mereço, passei anos naquele inferno! Por culpa de vocês! Vocês serão minhas!

— NUNCA! — grito.

— Veremos!

Cuspo em seu rosto quando ele se aproxima de mim tentando me beijar. Ele sorri passando as costas das mãos na bochecha. Márcio está furioso, esse sorriso... sempre me aterrorizou, e pela primeira vez desde que pus meus pés nessa casa imunda, sinto o medo me invadir.

Ele se levanta e caminha pelo corredor, ouço o barulho de correntes batendo umas nas outras, ele volta para onde estou e seus braços me puxam até um quarto e, então, o verdadeiro pesadelo começa.

31

Júlia



A primeira coisa que escutamos pela manhã foram gritos, meu corpo estaca no lugar assim que os reconheço. O quarto está escuro e, provavelmente, ainda é de madrugada.

— Fica comigo! — Ouço a voz da minha mãe gritando parecendo completamente desesperada.

O que ela está fazendo aqui? Como ela chegou até onde estamos? E o mais importante, por que minha mãe estava com *ele*?

A porta do quarto se abre abruptamente e ele a segura pelo braço fazendo com que ela se aproxime de nós. Vejo seus olhos molhados e os lábios em uma linha fina como se não quisesse demonstrar para ele que estava praticamente desmoronando.

— Você não disse que ia ficar comigo? Vai ter que conviver com elas também! Todas vocês são minhas! — grita e gargalha.

Olho para minha mãe tentando entender o que isso significava.

— Mãe... — tento. Por que ela estava aqui? Ela balança a cabeça fazendo com que eu me cale, e então me dou conta; ela está tentando nos salvar. Mas a que custo? Dando sua vida em troca da nossa? Eu não quero isso.

— Ela é tão bonita! Olhe, Fernanda, nossa filha, só nossa! Bem que você merece um castigo, fiquei anos afastado dela. DA MINHA FILHA. SÓ MINHA.

Acho que nunca senti tanto medo na minha vida como agora. Esse homem... é a loucura em pessoa. Seus olhos cintilam crueldade e perigo.

Eu estava magoada com a minha mãe por todas as mentiras que ela nos fez viver. Mas nesse momento eu entendo seus motivos. Esse homem, que é sangue do meu sangue — porque é apenas isso que ele é, pois me recuso a chamá-lo de pai —, provavelmente teria me estuprado na primeira oportunidade. Então, mesmo sem ela pedir, eu a perdoo. Como posso culpá-la por querer

me proteger desse monstro?

Fico tão perdida em meus pensamentos que me assusto ao vê-la enfurecida como nunca vi antes.

— Não! Você não vai tocá-la! — grita avançando para cima dele; seus punhos batem contra o peito dele e ele tenta afastá-la.

Seus olhos agora estão completamente molhados, e lágrimas escorrem pelo seu rosto. Tento chegar até ela, mas ele me impede segurando meus braços.

— VOCÊ MENTIU PARA MIM DE NOVO! — grita virando-se para olhá-la. — Eu achei que você me amasse, Fernanda.

Ele solta os meus braços, se aproxima da minha mãe novamente e a prende contra a parede. Tento chegar até eles e, mais uma vez, sou impedida. Porém, dessa vez, ele não precisa fazer muito para me afastar, pois todo meu corpo trava quando ele coloca as mãos na calça jeans e retira dela uma arma apontando para mim.

— Pare, por favor, Márcio! Vamos ficar juntos! Eu... te amo! — minha mãe diz inconsolável. Fico observando a cena se desenrolar a minha frente sem poder fazer nada para ajudá-la. Sei que ela está fingindo, pois minha mãe jamais fugiria dele anos atrás, para se jogar em seus braços agora. Recuso-me a acreditar nisso.

— AMA PORRA NENHUMA! VOCÊ NÃO VAI ME ENGANAR DE NOVO, SUA PUTA!

Sua arma agora aponta para ela e, dessa vez, é Gabi quem grita:

— Por favor... deixe-as em paz!

— CALEM A BOCA! Todas vocês! — Ele coloca uma das mãos na cabeça como se sentisse dor.

— Márcio... — minha mãe tenta.

— EU DISSE PARA CALAR A BOCA, PORRA! — grita apontando a arma em sua direção.

E então o som ensurdecador do disparo quase me faz desmaiar, não sei como cheguei até onde ela estava nem como minhas pernas conseguiram se mover. Tudo que eu sei é que o meu coração parou de bater ao ver o corpo da minha mãe caído no meio do quarto.

32

Guilherme



Alugamos um táxi e rapidamente chegamos até a delegacia.

Eu estava sendo consumido pela preocupação e pelo medo de perder as três mulheres da minha vida.

Eu não suportaria isso.

Então deixo que Santana conduza toda situação, lhe entrego meu celular e ele se encarrega de rastrear a casa onde elas estão.

Minha mãe sempre foi uma mulher prevenida devido a sua profissão. Havia muitas pessoas que podiam machucá-la, apenas por estar fazendo seu trabalho. Eu sabia que ela tinha um cordão com GPS para sua segurança, mas jamais imaginei que ela o usaria para isso. É surreal. Ela correu direto para o perigo.

Os investigadores que estão cuidando do caso conversam com Santana e, após quase uma hora planejando o resgate, eles entram em um acordo e vão até onde elas estão. Rafael, Milena e a mãe de Gabi ficaram na delegacia aguardando notícias. Eu, Lucas e Santana seguimos em outra viatura que, segundo eles, ficaria mais afastada para a nossa segurança.

Eu estou pouco me fodendo para minha segurança. Eu só quero resgatá-las.

— Vai ficar tudo bem, garoto — Santana diz batendo em meu ombro.

— Eu espero que sim. — Olho para o meu celular, acendo a tela e visualizo o papel de parede, vejo a foto do nosso primeiro passeio como namorados, estávamos no Pão de Açúcar conversando embaixo de uma árvore perto do guarda corpo, ela foi tirada por Milena e só a vimos quando ela nos mostrou. Eu amo essa foto, estávamos de frente um para o outro, ela estava sorrindo, seus cabelos estavam soltos e um pouco bagunçados por conta do vento, mas ela estava linda. Ah, minha menina! Como sinto sua falta.

Tapo o rosto com as mãos para que ninguém me veja desmoronar. Lucas não diz nada, mas

não precisa, ele apenas coloca a mão no meu joelho. Sei que essa é à sua maneira de me confortar.

O carro estaciona e olho a casa que parecia estar abandonada por anos; os telhados estão quebrados, a pintura completamente desgastada e a grama do que já foi um jardim há alguns anos está na altura do meu joelho. Saímos do carro e Santana nos mantém ao lado dele, enquanto os policiais se preparam para entrar na casa. Sinto meu coração querendo sair pela boca tamanho o meu nervosismo.

Em questão de segundos, eles a cercam e um grupo entra pela porta da frente.

Nunca senti tanto medo quanto estou sentindo nesse momento, o pavor domina meu corpo de tal forma que me vejo fora de mim. Os sons de gritos agoniados fazem uma onda de pânico dominar o meu corpo.

Tiros.

É nesse momento que o meu coração se acelera. Eu não posso perdê-las! Meu corpo treme, minhas pernas enfraquecem e com muita dificuldade consigo me manter de pé.

Mais tiros e mais gritos.

E então veio o silêncio, avanço em direção a casa contra os protestos dos policiais, um deles tenta me segurar pelo braço, mas sou mais rápido que ele, entro na casa e me deparo com uma cena que faz o meu coração parar de vez.

33

Gabriela



Olho para o meu pai com ódio por tudo que ele causou; anos de abusos, sofrimento, repreenda e dominação vem à tona, como uma torrente de água sem que eu possa evitar. Como ele pôde? Como teve coragem de atirar contra ela?

Júlia está sobre o corpo da sua mãe conversando com ela, tentando acalmá-la. Fernanda chora agoniada e a cena parte meu coração.

Apesar dos segredos e das mentiras, Júlia ama sua mãe. Como não amar alguém que só quer protegê-la, que só queria mantê-la longe desse monstro?

Não sei de onde vem tanta coragem, talvez seja o pavor, ou o horror que vivenciei, que fizeram com que uma força inimaginável crescesse dentro de mim. A garotinha assustada que estava no canto do quarto chorando no primeiro dia, implorando a Deus por piedade, não existe mais. Tudo que sinto nesse momento é raiva, cada célula do meu corpo deseja vê-lo morto.

— COMO VOCÊ PÔDE? — grito com ele.

Suas mãos estão em sua cabeça e assim que ouve minha voz ele aponta a arma para mim.

— Ande, me mate logo, acabe com isso, você já destruiu nossas vidas o suficiente.

— Eu vou te matar quando EU quiser! Por enquanto te quero aqui!

— Eu prefiro morrer do que ficar aqui, com você!

Ele avança até onde estou com passos largos e coloca a arma no meu queixo, sinto o metal frio sobre minha pele, e então fecho os olhos e aguardo o momento em que tudo irá acabar de uma vez por todas.

Meu único lamento é não ter vivido todos meus sonhos com Guilherme; ter construído uma família, para amar e proteger.

— Sua puta! Quanta coragem! Sinto saudades de quando você era criança e ficava quietinha. — Sua mão toca o meu rosto e cuspo em sua face.

Ele dá um passo para trás, limpando o rosto com as costas das mãos. E então avança sobre mim e dá um tapa em meu rosto, luto contra ele; me desespero e o empurro, mas é em vão. Ouço Júlia gritando, mas a vejo ficar dividida entre mim e sua mãe. Não me importo com mais nada, tudo que eu desejo é que ele morra — apesar de merecer um destino ainda pior que a morte.

Ele avança sobre mim e eu reajo dando um passo para trás, mas não sou rápida o suficiente, pois logo seu punho acerta o meu queixo. Cuspo quando sinto o gosto de sangue e tento acertá-lo, contudo é inútil. Ele tem o dobro do meu tamanho. Tento chutá-lo, mas ele segura minha perna me fazendo perder o equilíbrio. Meu corpo bate no chão, ele chuta minha costela e a dor que sinto não me permite levantar. Cada célula do meu corpo dói. Desisto de lutar quando percebo que ele não irá parar de me bater, mas, de repente, a porta é aberta num baque e Márcio recua e pega sua arma do chão que havia sido deixada de lado no meio da briga. Ouvimos um tiro vindo do lado de fora.

A expressão no rosto dele é de pura descrença, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo, os policiais o cercam e ele me puxa para próximo dele, grito, e me debato tentando me soltar, mas a sua arma agora está contra minha costela, o metal gelado sobre a minha pele faz todo meu corpo fraquejar.

— Solte a arma! — Um dos policiais grita para ele.

— NÃO!

— Solte-a a arma, liberte a garota e podemos negociar!

— Você acha eu sou burro? — Sinto o aperto em meu braço aumentar. — Ela é minha! Eu não vou soltá-la.

Vejo um policial no canto esquerdo fazendo um gesto com a mão, que demoro um pouco para entender, finalmente percebo que é para que eu chegue um pouco para o lado. Seus olhos estão concentrados, e seu rosto está sereno como se houvesse feito isso milhares de vezes.

É a minha única chance.

Ele segura sua arma na altura do rosto apontando para nós. Márcio grita com outro policial e aproveito esse momento para tentar me soltar dele, e então ouço o barulho da arma e sinto a lateral do meu corpo queimar.

Vejo Márcio caído atrás de mim, ainda vivo, e aperto minha costela tentando conter a dor latejante, mas sinto minhas mãos molhadas, olho para elas e vejo sangue. Os policiais rapidamente chegam até ele e os ouço gritando dando algumas instruções. Um deles passa os braços ao meu redor, a minha visão escurece e então desmaio.

Guilherme

Nada nesse mundo poderia me preparar para a cena que se desenrola na minha frente. É como se eu estivesse preso a um filme de terror e não tivesse para onde fugir.

Gabriela está desacordada ao lado de um policial assim como minha mãe nos braços de Júlia, eu não sabia para onde ir nem a quem socorrer, permaneci estático em meu lugar. Até que uma equipe de resgate pediu para que eu saísse do caminho para que eles pudessem socorrê-las, havia muito sangue — sangue demais.

Meu estômago se embrulha e me apoio na parede para não cair quando tudo começa a

rodar.

Tento chegar até Gabriela, mas sou impedido por um policial. Olho para minha menina, deitada já na maca, e um soluço me escapa, eu não posso perdê-la!

Sinto alguém tocar o meu braço, olho para o lado e vejo Rafael com um sorriso solidário.

— Elas vão ficar bem, cara. Acabou.

Concordo com a cabeça e olho para minha irmã.

Ela corre em minha direção e esconde seu rosto em meu peito. Beijo seus cabelos e sinto meu coração batendo forte. Ela está bem, minha irmã está bem. Seu corpo estremece em meus braços e eu a abraço mais forte.

— Acabou, Ratinha, você está segura.

Aos poucos o tremor em seu corpo cessa e ela olha para mim com os olhos repletos de lágrimas.

— Gui... eu... achei... — Ela não consegue dizer mais nada, minha irmã chora e soluça bem alto e sinto como se estivessem me perfurando com facas.

— Shhh... vai ficar tudo bem, eu estou aqui com você, Ratinha — digo querendo acreditar em cada palavra que sai da minha boca.

Lucas se aproxima de nós em passos largos e a pega em seus braços. Eu não sei o que havia acontecido entre eles para que minha irmã o afastasse quando obviamente estava nítido para todos que ele a ama.

Se antes eu tinha algum resquício de dúvida com relação aos sentimentos de Lucas pela irmã, depois de todo inferno que enfrentamos não me resta mais nenhuma, não quando meu amigo desmorona bem na minha frente agarrando a mulher que ama pela cintura e soluçando alto.

Afasto-me deles para lhes dar privacidade e caminho até os paramédicos. Eles imobilizam minha menina e a minha mãe em uma maca e a levam para fora da casa, bem longe de todo horror.



Minha mãe e Gabi foram em ambulâncias separadas, e eu e Júlia fomos em outra.

Assim que chegamos ao hospital já havia uma equipe esperando para nos receber. Um deles levou Júlia para uma sala para dar início a uma bateria de exames.

E eu fiquei na sala de espera com Lucas, Rafael, Milena e Maria Rita, que parecia devastada. Olho para ela e tudo que sinto é pena; ela havia jogado fora anos que poderiam ter sido aproveitados ao lado da sua filha, para ficar com o marido: um homem sem escrúpulo algum e que agora estava à beira da vida e da morte em algum lugar desse hospital. Dele sinto raiva; ele teve o mundo em suas mãos e o machucou, roubou a inocência da sua filha, sangue do seu sangue. Ele deveria tê-la protegido, ter enxugado suas lágrimas, estado ao seu lado em todos os momentos. Ele devia tê-la amado...

— Bom dia! — um médico de meia-idade surge na sala de espera. — Há algum parente da senhora Fernanda Ávila?

Meu coração acelera com medo do que ele possa falar.

— Eu sou Guilherme, o filho dela — consigo dizer.

Ele ajeita o crachá perto do peito e se aproxima de nós.

— Em outras circunstâncias, eu levaria vocês para minha sala e conversaríamos, mas não temos tempo a perder. O estado da sua mãe é grave, Guilherme, a bala está alojada e precisamos fazer uma cirurgia, mas Fernanda perdeu muito sangue. Ela precisa de sangue AB negativo. O que temos aqui no banco de sangue é pouco, por isso preciso que alguém que tenha o mesmo tipo sanguíneo já se prepare para doar.

Sento-me na cadeira e passo as mãos pelos cabelos. Meu Deus! Minha mãe em estado grave... As lágrimas temem querer cair, porém respiro fundo e a seguro; elas precisavam de mim agora. Preciso me acalmar!

— A minha irmã... ela é a única que poderia doar, mas está em observação — digo com pesar.

— Eu... posso doar — Maria Rita diz se levantando do sofá.

Olho para ela surpreso. Sei que Maria Rita e minha mãe já foram amigas, mas agora elas não tinham uma boa relação. Então lhe agradeço pela gentileza.

— Obrigado, Maria Rita.

O médico passa algumas instruções para ela e a leva até uma sala.

Ando de um lado para o outro impaciente temendo pela vida das mulheres que eu tanto amo.

— Cara, será que Maria Rita está arrependida? — Lucas pergunta apertando a ponta do nariz.

— Eu não sei... espero que sim. Mas não sei se Gabi conseguirá perdoá-la. Maria Rita a magoou demais, Lucas. O que ela fez com a sua própria filha se assemelha ao que aquele monstro fez com ela.

— Que merda, cara! — Lucas diz.

Ficamos alguns minutos em silêncio tentando assimilar o que havia acontecido nessas últimas horas. Rafael murmura baixinho e o vejo falando com Milena, ele está sentado no sofá com ela apoiada em seu colo. Parece que ela está fazendo meu amigo de porto seguro, e ele não parecia se importar muito com isso. Na verdade, estava estranhamente quieto.

Tudo isso nos abalou de uma forma diferente.

Ficamos alguns minutos na sala de espera até uma médica nos informar que poderíamos ver Júlia, mas que só poderia entrar duas pessoas por vez. Olho para Lucas, que logo dá um pulo do sofá me acompanhando sem que eu precise dizer uma palavra, sei o quanto Júlia significa para ele.

Passamos por um corredor e pegamos um elevador que nos leva até o andar onde ela está, entramos no quarto e vejo minha irmã dormindo serenamente. Nos aproximamos dela e seguro a sua mão, Lucas se inclina e beija sua testa, mas ela não desperta.

— Você a ama de verdade, não é? — pergunto baixinho quando ele se afasta. Lucas me olha dando um meio sorriso, porém nem precisa dizer nada; seus olhos estão cobertos de lágrimas e eles transparecem amor, devoção, cuidado e paixão.

— Com toda minha alma, Gui — diz segurando sua mão livre. Ficamos assim alguns minutos, olhando Júlia dormindo; ela está magra e parece tão frágil deitada, seus lábios estão rachados e sua pele completamente pálida. Uma enfermeira entra para trocar o medicamento da sua veia e nos cumprimenta.

— Por que ela não acorda? — Lucas pergunta para ela antes que eu possa dizer qualquer coisa.

— A doutora Fátima receitou um remédio para ela descansar. Acredito que ela vá dormir

durante todo o dia.

— Quando ela terá alta? — pergunto a ela.

— Assim que o resultado dos exames saírem e soubermos o estado de saúde da sua irmã, a doutora irá conversar com você. No momento ela só precisa descansar.

— Obrigado — agradeço a ela, que logo sai da sala quando ouve um bipe em seu aparelho.

— Lucas, você pode ficar com ela? — pergunto. — Eu preciso saber como Gabi e minha mãe estão.

— Claro! — responde arrastando uma cadeira até a maca, ele se senta nela e volta a segurar a mão da minha irmã.

— Obrigado. — Me aproximo de Júlia, beijo seus cabelos e saio do quarto.

Gabriela

Desperto com um leve roçar nos meus lábios, abro meus olhos e me deparo com os de Guilherme cheios de lágrimas, enquanto está debruçado sobre mim. Inalo seu perfume e com um pouco de dificuldade levo minha mão esquerda até o seu rosto.

— Gabi... — E então ele chora. Nunca vi Guilherme tão devastado quanto nesse momento. Seus ombros balançam e ele apoia a cabeça no meu peito chorando baixinho.

— Gui.

Ele distribui beijos por todo meu rosto.

— Achei que fosse te perder... meu Deus, eu não suportaria.

Tento me sentar na cama, mas não consigo e acabo soltando um gemido.

— O que aconteceu comigo? — Minha mente é uma confusão de imagens aleatórias de tudo que passei naquele cativeiro. Só me lembro de ouvir alguém gritar, os barulhos de tiros e a dor nas minhas costelas.

— Você quase tomou um tiro, a bala não entrou, mas causou um ferimento. O médico fez todos os exames para saber como você e Júlia estão. Ele vai vir conversar conosco.

— Como Júlia está?

— Bem... mas ela está muito desidratada e precisa ficar em observação. Eu a deixei com Lucas, a médica dela deu algum remédio, que a fará dormir o dia inteiro.

— Eu sinto muito... — um soluço rompe na minha garganta. — Se eu não estivesse na sua vida, nada disso estaria acontecendo, Júlia, a sua mãe... Meu Deus! Guilherme, como está sua mãe? — As imagens da cena do meu pai atirando em Fernanda vem em minha mente com força total. Sinto-me faltar o ar, tento levantar na cama, mas não consigo.

— Gabi, meu amor, olhe para mim. — Ele segura minha mão, que estava livre dos acessos e a segura na altura do meu peito. — Nada disso é culpa sua! Você não tem culpa do monstro que ele é! Não quero que você diga e nem pense isso, nunca mais. Você é o meu mundo, minha vida nunca estaria melhor sem você. Você traz luz a ela!

Ele beija minhas mãos e não consigo conter as lágrimas.

— É você quem traz luz a minha vida, Guilherme Ávila.

Ele sorri. O sorriso que eu tanto amo, acompanhado das suas covinhas.

Mas nem isso me traz paz nesse momento.

— Guilherme... a sua mãe...

— Ela está na UTI, Gabi. Mamãe vai passar por uma cirurgia daqui a alguns minutos. Mas ela vai ficar bem. Eu sei que sim. — Sua voz está trêmula e sei que ele está fazendo um enorme esforço para não desmoronar na minha frente novamente. Mas seus olhos transpareciam tudo que ele queria esconder: dor, mágoa, preocupação, esperanças e alívio.

— Gui... Júlia... ela é...

Ele não me deixa terminar.

— É a sua irmã. Eu sei, Gabi, minha mãe me contou pouco antes de ir até o seu pai — diz com pesar.

— E Márcio? Ele está morto? — enfim pergunto.

— Não... mas ele está em estado grave na UTI e é bem provável que não saia dessa, Gabi. Eu não quero que você se preocupe com isso. Dessa vez, a justiça será feita. Mesmo que Márcio consiga sobreviver, ele pagará por tudo que fez.

E então ele me conta tudo que havia acontecido nos dias em que eu estive no cativeiro; o detetive, o segredo da sua mãe, as buscas, a ação impensada de Fernanda e a fuga do meu pai.

Conversamos por quase uma hora até que meus olhos começaram a pesar e acabei pegando no sono com Guilherme segurando minhas mãos.



34

Guilherme

Duas semanas se passaram desde que tudo aconteceu, minha mãe passou dois dias desacordada e uma semana no hospital se recuperando, eu estava dividindo meu tempo entre o hospital e meu apartamento, mas agora ela está em casa e bem.

Apesar de toda mágoa e ressentimento sinto um imenso alívio por vê-la bem.

Com muita dificuldade consegui convencer Júlia a ficar no apartamento comigo e Gabriela, ela está quieta demais e parecia bem abatida. Sua pele ainda estava cheia de manchas roxas como um lembrete de tudo que aquele monstro fez com elas.

Lucas, Rafael e Milena passam o dia inteiro na minha casa fazendo companhia a elas e tentando distraí-las enquanto eu ficava no hospital com minha mãe.

Mas eu estava quase enlouquecendo de preocupação. Gabriela, diferente de Júlia, parecia estar em estado de torpor e isso me assustava mais do que qualquer coisa.

Elas receberam alta no terceiro dia. Ele não havia abusado delas, e eu chorei de alívio ao receber essa notícia. Elas não mereciam passar por isso — ninguém merecia.

Márcio foi incriminado pelo sequestro, pelo assassinato da médica, que o ajudou sair do hospital e pelos abusos que havia praticado no passado. Ele ainda estava em estado grave no hospital, pelo que eu soube não havia muitas possibilidades de ele sair vivo dessa, e se saísse iria direto para a cadeia, um lugar onde ele deveria ter ido desde o início. E agora Maria Rita está sofrendo as consequências dos seus atos; ela se entregou a polícia, mas não está presa, pois é réu primário, com bons antecedentes e residência fixa, então prestará serviços sociais para pagar pelos seus atos.

Gabi havia conversado com sua mãe antes dela confessar os seus crimes, mas não me contou o que conversaram. E eu estava lhe dando um pouco de espaço para que se sentisse confortável e me contasse.

Sento no sofá e puxo Gabi para o meu colo. Júlia não está aqui hoje, ela havia ficado com mamãe, que já havia recebido alta. Então estávamos apenas eu e minha menina.

— Gabi. — Toco seu queixo fazendo-a me olhar. Seus olhos estão molhados e, pela primeira vez desde que voltamos para casa, eu a vejo chorar. — O que houve?

Seus soluços altos ecoam por todo cômodo e eu aperto-a em meu peito, meu coração acelera e passo as mãos em seus cabelos tentando acalmá-la.

— Por que, Gui? Por que eu? O que eu fiz para merecer isso?

Eu nunca a vi desse jeito, ela parecia... quebrada. Seus olhos perderam o brilho habitual e seu olhar é de alguém que havia perdido todas as esperanças.

— Ah, Gabi! Eu não sei, minha menina, mas se eu pudesse tiraria toda essa dor do seu peito e a passaria para mim. Você merece o mundo. Eu estou aqui. Sempre. Você me tem por completo.

Seus soluços começam a diminuir e sua respiração se normaliza. Quando acho que ela adormeceu, ela me fita com seus olhos ainda um pouco úmidos e diz exatamente o que aconteceu no seu quarto pouco antes da sua mãe se confessar.

Gabriela

Uma semana antes...

Desperto sentindo todas as células do meu corpo doerem, tento sentar, mas a dor latejante em minha costela não me permite, então apoio novamente a cabeça no travesseiro soltando pequenos gemidos.

Passo os olhos no quarto à procura de Guilherme e não o encontro, avisto uma cabeleira loira no sofá e acabo soltando um grito de surpresa.

Minha mãe está sentada apoiando o queixo nas mãos olhando diretamente para mim.

Tento falar, mas minha língua parece estar colada no céu da boca. Tudo que sai dela são apenas resmungos. Ela se levanta num pulo e vai até uma mesa que está no canto do quarto, enche um copo com água e caminha em minha direção me entregando o copo.

Bebo o líquido e lhe entrego o copo novamente.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

Minha mãe, a mulher que passou anos da sua vida me ignorando e me culpando pela morte do seu marido, está diferente, ela parece... destruída. Seu rosto está pálido, seus cabelos bagunçados e sua roupa completamente amassada. Eu não faço ideia do que ela está fazendo no meu quarto, quando deveria estar ao lado do seu marido, como sempre esteve.

Ela se encolhe com a minha pergunta e brinca com as mãos parecendo estar desconfortável.

— Eu quero conversar com você... — responde com a voz trêmula.

Onde está a mulher imponente que dominava o ambiente a sua volta com apenas um olhar? A raiva começa a dominar e não consigo me conter. Há tantas coisas que eu gostaria de dizer a ela...

— Não temos nada para conversar! — digo com raiva. Se ela não tivesse o acobertado e subordinado os policiais, nada disso estaria acontecendo. Parte de tudo que aconteceu é culpa dela.

— Eu não te culpo por agir assim...

— Não me culpa? É claro que não! Nem deve. Foi tudo culpa sua, mamãe — cuspo a última palavra. — Você tem noção de quantas vezes eu ansiei pelo seu amor que nunca chegou? Às vezes em que eu aceitava o que fazia comigo porque ele ameaçava você? Ou quando eu fazia de tudo para ter a sua aprovação? Tem noção de quantas vezes quis ouvir você dizer que me amava...? — digo todas as palavras que estavam presas na minha garganta. — Eu só tinha você! E o que você fez? Rejeitou a mim e ficou ao lado do homem que te agredia e abusava da sua própria filha! Então não, mãe, não temos nada para conversar!

As lágrimas escorrem livremente pelo meu rosto, toda dor e mágoa que guardei durante anos estão me sufocando nesse momento. Respiro fundo tentando me acalmar.

Olho para ela, que estava quieta, e a vejo desabar bem na minha frente. Ela se joga ao lado da cama e toca minhas mãos, eu as afasto e ela soluça mais alto ainda.

— Me perdoa... — sussurra baixinho.

Balanço a cabeça negativamente. Eu não conseguiria perdoá-la. Não depois de tudo que ela fez comigo.

— Não! — Reúno toda minha coragem para afastá-la.

Seus olhos estão vidrados em mim como se estivessem me suplicando. Eu nunca a vi dessa forma. Nunca. Mas não irei ceder. O que ela fez não tem perdão.

— Olhe para mim! Eu estou aqui nessa cama e uma bala quase atravessou o meu corpo por sua causa. O que você fez pode não se igualar ao que ele fez, mas é semelhante. Você me abandonou, ficou ao lado dele mesmo após ver com os próprios olhos os exames daquela noite. Naquele dia, eu só precisava que você me pegasse no colo e me protegesse do monstro que ele é, eu só queria o seu amor. — Choro sem conseguir me conter, eu odiava que ela visse minha fraqueza, porque, apesar de tudo que ela fez comigo, eu ainda queria que ela me amasse. — O seu egoísmo quase matou a mim, Fernanda e Júlia. Tudo isso é culpa sua! TUDO! — grito.

Ela se levanta do chão e mantém uma distância de apenas alguns centímetros da minha cama.

— Eu estou tão arrependida...

— Por que só agora? — pergunto sem entender o porquê disso, ela não ficou do meu lado nem naquela noite.

— Eu estava cega, Gabriela... e-eu achei que ele me amava... — diz com pesar.

— Ele não ama ninguém além dele mesmo!

— Eu sei... eu vou confessar os meus crimes, sei que devo pagar pelos meus erros. Eu espero que algum dia me perdoe, Gabriela, sei que, provavelmente, é tarde demais para isso... mas espero que você consiga. — Ela se afasta de mim indo em direção à porta.

— Olhe para mim! — digo a ela, que logo estaca na porta. Ela se vira e faz o que peço. Vejo seus olhos repletos de esperança. Engulo em seco e continuo: — Guarde na memória essa imagem, porque é a última vez que você me verá! Quero que você se lembre disso cada vez que fechar os olhos, tudo isso é culpa sua! Eu não quero te ver nunca mais!

Ela parece paralisada em seu lugar. Não reconheço as palavras que saem da minha boca... sempre imaginei como seria o momento em que eu finalmente iria confrontá-la; eu achei que ficaria bem após desabafar e colocar para fora toda minha dor. Mas por que me sinto tão... vazia?

Eu não imaginava que ela estaria tão... devastada. Minha mãe pisca algumas vezes como se estivesse saindo do transe e sai do quarto me deixando sozinha com os meus pensamentos.

Eu só queria ser amada... por você, mãe, eu queria que o seu amor por mim fosse maior do que o seu amor por ele...



Me agarro em Guilherme como se ele fosse meu bote salva-vidas e eu estivesse prestes a me afogar. Todo horror que vivenciei naquele lugar tem me sufocado dia após dia, cada vez que fecho meus olhos e o vejo, sinto o ar faltar em meus pulmões.

Como se não bastasse, não consigo me esquecer da minha mãe, eu gostaria que ela tivesse caído em si antes de tudo acontecer, gostaria que a nossa situação fosse outra. Eu só queria uma vida normal.

Eu fiquei em estado de torpor durante toda semana, minha vida estava uma bagunça completa. Sinto raiva, mágoa e tristeza tudo na mesma medida. Eu não conseguia acreditar em tudo que aconteceu.

Até onde ia a crueldade do ser humano? A ambição? A luxúria? A que ponto uma pessoa chega para tentar tirar a vida de alguém, destruir, esfaquear, magoar?

— Ninguém mais irá te machucar, minha menina. Ninguém! — Guilherme me aperta em seu peito e ouço as batidas do seu coração descompassadas. Saber que ele está comigo, e que me ama me conforta. Eu não fazia ideia como enfrentaria tudo isso sem ele.

Eu vim para o Rio em busca de um recomeço, mas não esperava que fosse receber todo esse apoio de Guilherme, Lucas, Rafael, Júlia e Milena. Todos eles estavam ao meu lado, até mesmo quando eu não queria. Nunca imaginei que pudesse ser tão amada assim. Saber disso me traz um pouco de paz.

Seco minhas lágrimas e Guilherme puxa meu rosto em direção ao seu segurando meu queixo.

— Obrigada — sussurro para ele.

Guilherme me dá um meio sorriso e roça os lábios nos meus. Suspiro quando sua língua invade minha boca; o beijo é calmo, lento, como uma brisa fresca em um dia ensolarado. Ele não tem pressa, me toca como se eu pudesse quebrar. Suas mãos sobem do meu pescoço até alcançar os meus cabelos. Nossos lábios se separam e ele encosta a testa na minha olhando dentro dos meus olhos.

— Não precisa agradecer, minha menina. — Sorrio. — Juro pela minha vida que te farei sorrir todos os dias. Você terá uma família, Gabriela, a família que você merece. Eu te amarei com todas as minhas forças para sempre, os nossos filhos te amarão e daremos a eles todo amor do mundo! Todas as lembranças ruins serão substituídas pelo futuro que construiremos juntos.

Coloco a mão na boca para que um soluço não me escape. Isso era tudo que eu mais ansiava na vida... ter uma família. Mas não estou preparada para isso. Não depois de tudo que passei...

— Gui... — tento dizer, mas ele não me permite.

— Não hoje, nem agora, eu só quero que você saiba disso. Um dia, você se chamará Gabriela Rosenberg Ávila, será a minha esposa e mãe dos meus filhos.

— Eu amo você, Guilherme Ávila!

Ele sorri e me abraça, encosto a cabeça em seu peito e fico ouvindo as batidas do seu coração, permanecemos assim por um bom tempo. Eu o amava, ele me amava e eu encontraria forças para recomeçar... mais uma vez.

35

Maria Rita



Eu merecia cada palavra que saiu da sua boca... eu merecia a morte. Você já está morta!, minha mente rebate.

Como cheguei a esse ponto?

Como fui tão cega?

Como permiti que ele tocasse nela?

Eu sou uma mãe de merda!

O amigo de Gabriela tinha toda razão.

Passei anos dedicando minha vida a minha carreira, dedicando cada segundo para construir o meu império. Mas a que custo?

A vida da minha filha...

O amor me destruiu.

Deixou-me cega.

Eu o amei tão intensamente que não enxerguei quem ele realmente era. Afastei-me das minhas amigas Fernanda e Lara. Odiei cada pessoa que queria me afastar dele.

“Esse comportamento não é normal, Ritinha”, lembro-me das palavras de Lara. Na época, ela estava no quinto período de Psicologia e passava boa parte do tempo analisando as pessoas, tentando desvendar cada segredo por trás dos olhos de cada pessoa. Até que decidi dar um fim a nossa amizade, nosso tratamento passou a ser apenas profissional e nada além disso.

Eu sempre soube que Fernanda era apaixonada por Márcio, o seu olhar para ele era de puro desejo. Mas Márcio só tinha olhos para mim... pelo menos era o que eu achava.

Eles me traíram bem debaixo do meu nariz e eu não percebi, estava tão envolvida com o trabalho, atolada de casos e mais casos para serem solucionados, que eu não vi o que estava diante dos meus olhos.

Márcio não gostava que eu trabalhasse. Ele tinha dinheiro o suficiente para nos manter, mas eu queria mais, sempre mais. Abri meu escritório com mérito próprio, trabalhei dias e dias, para conseguir este feito.

Dediquei todo meu tempo a minha carreira, eu amava o que fazia. Mas Márcio não aceitava isso de forma alguma. Ele chegou a tal ponto de me tirar à força do meu escritório na frente de um cliente por puro ciúme. Estávamos em um caso complicado, o meu cliente tinha uma filha e queria a guarda dela, mas a mãe não abria mão, passei horas conversando com ele e não percebi o tempo passar.

Márcio abriu a porta do meu escritório num estrondo e me levou para casa. O seu ciúme fazia com que eu me sentisse poderosa. As agressões não importavam, porque ele me amava.

Mas tudo não passava de uma mentira. Ele nunca me amou.

Eu estava vendada. Não enxerguei o que estava bem a minha frente. E agora que a ficha caiu, eu só desejo morrer.

A minha filha... minha única filha quase morreu pelas mãos de Márcio. Ele a... Céus! Não consigo nem pronunciar essa palavra.

A culpa nesse momento me consome de tal maneira que não consigo respirar, sinto o ar me faltar. Apoio na parede fora do quarto da Gabriela e tento respirar.

Cada palavra que saiu da sua boca foi como uma flecha lançada em meu coração. Ela estava certa, a imagem dela deitada na cama de um hospital machucada e coberta de hematomas me assombrarão para sempre.

Tudo. Absolutamente tudo é culpa minha.

E agora eu pagaria dia após dia pelos meus atos. Nem toda eternidade seria o suficiente.

Caminho até o policial que está ao lado de fora no corredor e conto tudo a ele. Ele pede para que eu o acompanhe até a delegacia para me levar até o seu superior... Suspiro sabendo que, pela primeira vez na minha vida, fiz a coisa certa.

36

Guilherme



Uma semana depois...

Fecho o notebook e guardo os projetos no qual estou trabalhando há algumas semanas. Meu telefone toca e vejo o número da minha mãe na tela.

Fico dividido entre atender ou não, mas então me lembro da minha irmã. Júlia havia perdoado ela apesar de todas as mentiras. Ela tem insistido para que eu converse com minha mãe há algum tempo, e talvez esteja na hora.

Atendo a ligação e marcamos de nos encontrarmos perto do meu trabalho. Ligo para Gabi e aviso a ela que chegarei tarde. Como Milena e Júlia estavam na minha casa fico mais tranquilo. Sei que Gabi não é uma criança, mas depois de tudo que ela passou eu não queria deixá-la sozinha.



Encontro minha mãe sentada no café que ficava a alguns quarteirões do trabalho. Ela está com sua roupa habitual de trabalho e seus olhos brilham ao me ver.

— Filho! — Ela se levanta da cadeira e me abraça.

Me sento na cadeira a sua frente e ficamos alguns segundos em silêncio. Um garçom bem jovem vem nos atender, anota nossos pedidos e se afasta da mesa.

— Como a senhora está? — pergunto.

— Bem... — ela faz uma pausa. — Filho, eu sei que, apesar de ter ficado ao meu lado no

hospital, que você ainda está chateado comigo. Não há nada que eu possa fazer para me redimir, pois sei que errei e te peço perdão por isso. Nada do que eu vá falar irá amenizar os meus erros, e nem quero isso. Eu só quero que saiba que me arrependo muito de ter mentido para você e a sua irmã e por ter te afastado da Gabriela. Acredite, eu sofri todos os dias da minha vida cada vez que eu te via triste ou solitário por causa dela. E saber que eu era culpada por isso me destruiu por dentro. Saber o que ele fez com ela... me matou todos os dias...

Olho em seus olhos e vejo o quanto ela está sendo sincera. Minha mãe cometeu muitos erros, mas ela não era culpada pelo que aconteceu com Gabi, ela não sabia o que aquele monstro fazia com a própria filha.

Nós já passamos por inúmeras coisas! Eu poderia levantar e ir embora sem olhar para trás. Mas decido não fazer isso. Minha mãe, assim como todos nós, merece um recomeço.

— Eu te perdoo, mãe — digo.

Ela suspira e as lágrimas tomam todo seu rosto.

A felicidade em seu rosto é visível e isso parece tirar um enorme peso das suas costas. Mas logo o brilho de felicidade em seus olhos é substituído pela dor.

— O seu pai, Gui... ele te amava, ele não nos abandonou por não nos amar, filho, e sim pelo que eu fiz... — Isso ainda era um assunto que eu precisava processar, passei anos acreditando que meu pai havia nos abandonado. E agora que sei de toda verdade sinto um vazio em meu peito. Toda saudade que eu sentia dele era abafada pela raiva e pelo abandono, e agora... eu não sei como lidar com isso. Pois, de certa forma, ele ainda me abandonou, ele poderia ter me visitado, mas não fez.

— Eu não quero falar sobre isso agora, mãe, por favor — digo e ela balança a cabeça concordando.

O garçom nos pede licença e coloca o nosso pedido à mesa.

Pego minha xícara e tomo meu *cappuccino* enquanto minha mãe revira sua bolsa à procura de algo. Ela resmunga algumas palavras baixinho e, quando acha algo que parece ser uma caixinha, ela sorri e a coloca na mesa.

— Abra! — diz entusiasmada. Apoio minha xícara na mesa e pego a caixinha de veludo, eu a abro e não acredito no que vejo.

— Não acredito! Como isso é possível? — pergunto me referindo ao anel dentro da caixa.

Quando eu tinha onze anos fui a uma joalheria com minha mãe, ela amava usar joias, e eu sempre ia com ela nas compras quando minha babá não podia ficar comigo. Porém, em um determinado dia, entramos em uma diferente, lá haviam alianças e cordões personalizados de todo tipo. Eu avistei uma aliança que tinha uma flor-de-lis na parte de cima, ela era toda de ouro e o desenho parecia ter sido desenhado nela própria, em cima dela havia três pedrinhas brancas. Ela era linda! E eu nunca tinha visto nada igual.

Eu pedi para que minha mãe comprasse para que eu pudesse dar a Gabi e obviamente minha mãe disse que não. Afinal era uma aliança e eu uma criança.

— Essa joalheria era uma das minhas favoritas. Mês retrasado, eu fui até São Paulo visitar um cliente e acabei passando por lá. Eu queria um cordão com o seu nome e o nome da sua irmã, mas então me lembrei de quando você foi comigo até essa joalheria, e o quanto você havia ficado encantado com a aliança, procurei na vitrine por ela e não a encontrei, perguntei a um dos vendedores e ele me disse que haviam sido feitos apenas três pares. Mas, como eles personalizam quaisquer coisas, desenhei a aliança em uma folha de papel e entreguei ao atendente. Ele disse que faria e me ligaria para buscar quando estivesse pronto. E bom... aqui está.

Olho para ela, incrédulo, e ela franze o cenho.

— Você não gostou? — pergunta parecendo decepcionada.

— Não, mãe... não é isso. Na verdade, é incrível! Nem mesmo eu me lembrava disso.

— Você ficou tão triste naquele dia. Eu morri de pena, mas você era apenas uma criança.

— Eu sei — digo sorrindo.

— Estou muito orgulhosa de você, Guilherme. Você é um homem íntegro, e Gabriela será muito feliz ao seu lado.

— Não sei se ela está pronta para isso, mãe...

— Vocês são apenas um desde que se conheceram, Guilherme. O amor que vocês têm um pelo outro é único e indescritível. Ele não veio de agora, vocês se amam desde sempre. Ela está pronta, só não sabe disso ainda.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer, meu filho, apenas a faça feliz e seja feliz. Para mim isso basta.

Seguro sua mão e ela sorri.

Tínhamos um longo caminho para percorrer, e muitas coisas para superar. Mas aceitar o pedido de perdão da minha mãe não apenas tirou um peso das suas costas, mas também das minhas.

Ver o seu sorriso cheio de esperanças me fez enxergar que tomei a decisão correta. Agora está na hora de começarmos.

37

Gabriela



Algumas semanas depois...

Um mês havia se passado desde que tudo aconteceu... e nada havia mudado. Eu continuava no apartamento de Guilherme e não saía de casa para nada. Não estou preparada para enfrentar o mundo real. A dor em meu peito é um lembrete constante de tudo que aconteceu naqueles dias em que fui refém dele. Guilherme não me pressionava para sair de casa, e eu sou grata por isso.

Duas semanas após minha alta do hospital, recebi a notícia de que meu pai havia falecido. Eu senti... alívio. Ele nunca mais me machucaria. Mas naquela noite, antes de dormir, eu me tranquei no banheiro e chorei.

Chorei porque eu queria que as coisas fossem diferentes. Queria ter um pai amoroso que fosse o meu herói e eu a sua princesa. Queria que nada tivesse mudado entre nós. O homem que brincava comigo e me amava — bom, pelo menos eu achava que sim — eu não sei o que aconteceu para que ele mudasse. Talvez ele tenha sido sempre assim e apenas se reprimia, até que a sua verdadeira personalidade veio à tona.

Guilherme tem sido paciente e cuidadoso comigo. E eu apenas deixo que ele cuide de mim.



Horas depois...

Eu e Guilherme estamos há alguns minutos tentando decidir o que ver na TV.

— Gotham de novo não, Gui! Não aguento mais ver esse seriado!

— O que você quer ver? — pergunta repousando a cabeça no meu colo.

— Reign.

Ele franze a testa.

— Já vimos esse! E já sabemos o que acontece no final. É a história da rainha Elizabeth! — diz como se eu não soubesse.

— Mas eu gosto — digo fazendo bico. Isso sempre funciona.

Ele bufa e se senta de frente para mim.

— Júlia te ensinou bem — diz se referindo ao bico.

Ela já voltou para o alojamento e tem estado melhor a cada dia. Diferente de mim, que só queria me esconder do mundo. Eu não havia ido nem mesmo no consultório da doutora Lara, só nos falávamos por telefone. Isto é, porque ela me ligava e insistia para que conversássemos.

A nossa relação não era apenas uma relação normal entre médico e paciente, nós já havíamos passado dessa fase. Ela se preocupava comigo e eu aprendi a gostar muito dela. Ela, Guilherme e meus amigos são os que me mantêm de pé. Dia após dia.

— Aprendi com a melhor — digo sorrindo.

— Amo ver você sorrindo — diz inclinando seu corpo em direção ao meu. Ele passa a língua nos lábios e quando acho que vai me beijar, sinto suas mãos pelo meu corpo me fazendo cócegas. Gargalho e grito para que ele pare.

— Quero ver você sorrindo assim sempre! — Suas mãos agora estão na minha barriga.

— Para! Por favor — suplico a ele quando sinto meu corpo fraquejar.

Ele recolhe as mãos e fica admirando minha tatuagem que ficou à mostra quando ele fez cócegas na minha barriga.

— Não acredito que você teve coragem de fazer isso! — diz com os olhos vidrados nela.

Ele traça o contorno dos números em romano e vejo seus olhos brilhando, eu havia feito uma linha do tempo com quatro datas: a do seu nascimento, o dia em que conheci meu Inho ainda na infância, o dia em que ele foi embora e o dia em que eu o reencontrei. Embaixo das datas há um casal, o menino que representa Guilherme, ele segura uma flor-de-lis em uma de suas mãos e estende em direção a menina. A menina que me representa está com apenas metade do corpo colorido, seus dedos tocam a flor-de-lis e é a partir desse ponto em que a cor do seu corpo ganha vida.

Todo desenho significava a importância de Guilherme na minha vida. Ele dá luz a ela e me traz paz.

— A princípio fui coagida pela sua irmã!

— E você fez mesmo assim. Por quê?

— Eu queria eternizar o que nós temos — sussurro.

— Não precisava disso, Gabi, o que nós temos já é eterno, não porque está marcado na nossa pele e sim em nosso coração.

— Você não gostou? — pergunto sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— É o melhor presente que eu poderia ganhar, minha menina! — Ele abaixa a cabeça e beija cada pedacinho da minha tatuagem desfazendo todas as minhas dúvidas.

— Eu te amo tanto, Gabi! — diz e logo seus lábios estavam sobre os meus. Nós não havíamos feito nada desde que tudo aconteceu. Não passávamos dos beijos. Não porque eu não queria, mas porque Guilherme estava sendo cauteloso.

Pressiono meus lábios sobre os dele querendo sentir seu corpo sobre o meu, e suas mãos sobre mim.

Invado sua boca com a minha língua e ele geme contra ela. O beijo começa lento e calmo, até que estamos ofegantes e ele se afasta de mim.

Eu estava morrendo de saudades.

Seus olhos brilham de puro desejo, ele enrola uma mecha do meu cabelo em seu dedo e fica brincando com ele.

— Eu preciso de você — digo.

— Você me tem, minha menina — diz me olhando.

— Eu preciso sentir você!

Ele me dá um sorriso largo e puxa meu corpo de encontro com o dele.

— Tem certeza? — pergunta.

Balanço a cabeça concordando e ele volta a me beijar.

Dessa vez com urgência, suas mãos passeiam pelo meu corpo e ele beija cada centímetro dele. Guilherme me adora de todas as formas, suas mãos me veneram e os seus olhos me amam a cada segundo.

Ele tira minha regata deixando meus seios livres e roça as mãos na lateral do meu corpo. Seus lábios passeiam do meu pescoço até alcançar o meu seio, sua boca o alcança e ele chupa e mordisca me fazendo gemer.

— Gui...

— Tão linda! — Ele tira meu short me deixando apenas com uma calcinha rendada.

Seguro a barra da sua camisa e ele levanta os braços me ajudando a tirá-la.

Olho a sua tatuagem e pisco rápido para que as lágrimas não caiam. Coloco a mão em cima dela e sinto seu coração acelerado contra a palma da minha mão.

Fidélité.

— Eu te amo! — digo sem conter a emoção. Guilherme tem sido meu porto seguro, minha âncora... meu tudo, meu início, meio e fim. Ele acredita mais na minha força do que eu mesma. Cada vez que ele me olha... me sinto amada. Amada de uma forma como nunca fui antes.

— Minha menina! Não chore. — Ele beija uma lágrima que cai em meu rosto. — Eu amo você. Hoje, e para sempre.

Seus lábios roçam nos meus e novamente estamos nos beijando, dessa vez com urgência. Porém, nosso beijo é interrompido quando ouvimos a campainha tocar.

Olho para ele confusa.

— Está esperando alguém? — pergunto.

— Sim. — Ele passa as mãos pelos cabelos, um gesto que faz sempre que está nervoso.

— Guilherme...

Ele me olha e me dá um sorriso forçado.

— A doutora Lara pediu nosso endereço...

— Nosso endereço? Para quê?

— Ela queria te ver.

A campainha toca novamente e ele vai até a porta encerrando nossa conversa. Brinco com uma mecha do meu cabelo, nervosa.

Por que ela quis vir até aqui?

A doutora Lara entra na sala com Guilherme atrás dela. Ela sussurra algo para ele e se aproxima de mim.

— Gabriela. — Me surpreendo quando ela se senta ao meu lado no sofá e me abraça. — Me desculpe... eu estava tão preocupada...

Seus olhos estão cobertos de lágrimas e eu não consigo me conter. Ela veio até aqui porque estava preocupada comigo? Sei que a nossa relação mudou... mas ela vir me visitar e me abraçar? Nem em sonhos eu poderia imaginar isso.

— Vou deixar vocês duas a sós — Guilherme nos avisa e vai até o nosso quarto.

— Não brigue com ele, eu que insisti para ver você — diz segurando uma de minhas mãos. — Guilherme te ama muito, Gabriela, ele está preocupado com você.

— Eu sei — digo baixinho.

Ela não pergunta como estou e sou grata por isso. Ela me conhece, talvez melhor do que eu mesma.

— Tem ido a faculdade? — pergunta casualmente.

— Não.

— Você tem saído de casa?

— Não...

— Eu vim aqui como amiga, não como psicóloga. Aprendi a gostar muito de você, Gabriela. Sei que a sua vida não tem sido fácil, e agora é difícil de enxergar, mas você é forte. Muitas pessoas em seu lugar teriam sucumbido... o que eu quero dizer é que toda dor que você está sentindo nesse momento, por maior que possa parecer, não é maior do que a sua força. Entende? Ela não irá desaparecer de uma hora para a outra... mas um dia ela será apenas uma lembrança.

Ela faz uma pausa e continua sem me dar tempo para dizer qualquer coisa:

— Olhe quanta coisa você conquistou... — diz para mim. — A Gabriela que entrou no meu consultório pela primeira vez, apesar de ansiar viver e recomeçar, não se permitia ter um relacionamento, nem ter amigos. Eu estou orgulhosa de você, porque você conquistou isso e muito mais. Todo seu passado não te impediu de viver esse momento, Gabriela. E não será agora que você irá sucumbir, eu não permitirei. Digo isso como amiga. Porque eu amo você!

— Eu... — Pisco tentando afastar as lágrimas dos meus olhos. Ela me dá um sorriso e aperta minha mão.

— Não precisa dizer nada, Gabriela.

— Obrigada. — Ela se aproxima novamente de mim e não consigo conter toda a dor que tenho guardada em meu peito.

— Eu conheci você, Gabriela, quando ainda era apenas um bebezinho, te peguei em meus braços uma única vez e fiquei te admirando. — Ela faz uma pausa. — Eu e a sua mãe fomos amigas há muito tempo. Estudávamos na mesma universidade. Mas nos afastamos porque... eu sempre a alertei sobre Márcio. Porém, ela estava tão cega... — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Antes de eu me mudar com a minha família para o Rio, eu fui visitá-la para me despedir, você estava nos braços dela. Ela te olhava com tanto amor... Maria Rita nem sempre foi essa mulher que vimos nos últimos anos. Eu tenho a visitado em sua casa quase toda semana, ela está fazendo terapia e sempre pergunta por você...

— Agora é tarde... — digo ainda magoada com tudo que ela me fez.

— Gabriela...

— Podemos não falar sobre isso? — peço a ela. Não estou preparada para lidar com tudo isso de uma vez.

— Claro. Um dia de cada vez.

Sorrio e ela também.

Pela primeira vez nessa semana me sinto... leve. Uma centelha de esperança arde em meu peito. Como uma pequena chama na escuridão. Eu passei por tudo aquilo... e ainda assim consegui me manter de pé.

— Obrigada... por tudo.

Ela pisca diversas vezes e vejo suas bochechas corarem.

— Não precisa agradecer... agora me conta. Como você e Guilherme estão?

Conto a ela sobre como ele tem estado ao meu lado e tem sido paciente comigo dia após dia. Conto a ela sobre a tatuagem e ela fica completamente surpresa e encantada.

Guilherme a convida para almoçar conosco e ela aceita. Conversamos sobre coisas aleatórias; sobre o clima, a faculdade, e até mesmo sobre a sua vida pessoal. Descobri que ela tem uma filha de apenas seis anos. Iara é viúva e seu marido faleceu há apenas um ano. Apesar dos seus olhos se encherem de lágrimas ao falar sobre ele, vejo felicidade. Ela teve o seu amor épico... o amor que Nina sempre falou. Sorrio e lhe pergunto sobre o que sua filha gosta.

— Ela gosta de tocar piano... na verdade é só isso que ela faz o dia inteiro. — Ela sorri com um evidente orgulho e me olha, sinto seus olhos me avaliando e então ela continua: — Ela participará de um concerto da escola de música. Eu adoraria que você e Guilherme fossem.

Assim que ia balançar a cabeça recusando o convite, ela tira um papel da bolsa e me entrega.

— Apenas pense no convite. Elena é especial, ela não tem muitos amigos. E sei que ela iria adorar te conhecer.

Balanço a cabeça sem ter muito o que fazer, ela ajeita a bolsa em seu colo e se levanta.

— Eu preciso ir — diz olhando para o relógio.

Nos despedimos e ela vai embora.

Me jogo no sofá com o papel na mão como se ele pesasse dez quilos.

— Você vai? — Guilherme pergunta roçando as pontas dos dedos na minha bochecha.

— Eu não sei, Gui... faz anos que não vou a um concerto. Eu só ia com meus... você sabe.

Ele balança a cabeça, sabendo exatamente do que eu estava falando.

Eu só ia aos concertos com meus pais, foi aí que nasceu o meu amor pela música.

— Gabi, a criança que eu conheci era apaixonada pelo seu piano. Amava tocar e aprender coisas novas. Sei que essa criança ainda está aí. Se existe mesmo que seja uma centelha de vontade de ir, vá. Eu irei com você. Você não pode permitir que ele tire algo mais da sua vida.

Seus olhos demonstram tanto amor que eu me jogo em seus braços. A força que ele transmitia para mim com apenas um olhar é algo que nunca imaginei sentir. É puro, simples e verdadeiro.

“Brilhe mesmo que haja escuridão”, as palavras de Milena me vem à mente novamente. A escuridão que estava assombrando os meus dias me fazendo esmorecer nunca havia sido tão intensa quanto nesses dias. A dor no meu peito parecia que não ia sarar, senti tudo; a dor de não ser amada, a desilusão e a angústia. Mas saber de que certa forma eu era amada fazia uma pequena chama de esperança arder em meu coração.

Minha vida nunca foi fácil, mas ela não pode ser marcada pelas coisas ruins que haviam acontecido. Eu tive bons momentos ao lado dos meus amigos, das pessoas que me amam sem pedir nada em troca. E é esse amor que tem me sustentado. Ele é o brilho que arde em mim, mesmo em meio à escuridão.

38

Guilherme



Passo as mãos pelos cabelos de Gabi e ela aninha seu corpo ao meu. Estávamos vendo um documentário na TV, fazíamos isso todos os dias desde que ela recebeu alta, hoje seu rosto está corado e os hematomas já não estão mais tão evidentes.

Minha menina parecia estar vencendo um dia após o outro. Quando a doutora Lara me pediu o endereço para vir visitá-la eu sabia que lhe faria bem. Tudo que Gabi precisava nesse momento era se sentir amada. E eu daria a minha vida para que ela tivesse isso. A relação delas mudou muito. E eu podia ver nos olhos de Lara que ela amava Gabi.

Meus amigos e eu temos estado ao seu lado sempre. Nunca a deixando sozinha. Ela não havia saído de casa para nada. E estava na hora de mudar isso. Meu telefone toca, eu me levanto e caminho até a sacada para atender.

— Ratinha.

— Oi, Gui.

— Tudo certo para hoje à noite? — pergunto.

Júlia já havia voltado para o alojamento mesmo sob meus protestos, ela tem estado bastante ocupada por causa das aulas que havia perdido e tem se dedicado inteiramente aos estudos. Mas tive que lhe pedir ajuda para organizar tudo para hoje à noite.

Eu queria que tudo fosse perfeito para minha menina.

— Sim... Milena me ajudou. Você acha que ela vai querer sair de casa? — pergunta preocupada.

— Sim. Tenho meus meios... — digo e então ouço sua risada.

Essa seria a primeira vez que Gabi sairia de casa após a alta no hospital e eu queria que fosse especial.

— Eu tenho que ir, Gui... a gente se vê à noite. Te amo.

— Te amo, Ratinha. — E então ela desliga.

Guardo o celular no bolso e volto a me sentar no sofá ao seu lado. Gabi está entretida vendo um documentário sobre construções de pontes. Sorrio, pois, mesmo que sejamos tão diferentes, nossos gostos se completam em alguns momentos.

— Quem era? — pergunta mordendo o polegar.

— Júlia. Ela nos chamou para sair... — deixo o convite no ar.

Ela faz uma careta e eu beijo seus lábios.

— Gui... — ela murmura contra os meus lábios.

— Minha menina, vamos, por favor, você precisa voltar a viver. — Ela me olha com intensidade e parece travar uma batalha consigo mesma. — Você é uma vítima...

— Mas não preciso agir como uma... eu sei, Gui — ela completa minha frase.

— Então? — pergunto brincando com a sua mão.

— Tudo bem. — Ela solta um suspiro e eu a abraço bem forte e a beijo, roço minha barba no seu pescoço e ela solta gargalhadas que fazem meu coração se encher de felicidade.

O que começou com uma brincadeira acabou ficando sensual... minhas mãos estavam sobre o seu corpo acariciando e amando. Suas pálpebras se fecham e ela geme baixinho.

Meu corpo reage aos seus gemidos e eu me sinto enrijecer.

— Gabi — murmuro quando sinto suas mãos no cóis da minha bermuda.

— Eu quero você! — sussurra para mim com os olhos brilhando.

Eu a puxo pela mão e a levo para o nosso quarto.

Ela vira de frente para mim assim que passamos pela porta e desliza uma alça da sua blusa e a outra lentamente. Aproximo-me para lhe tocar, mas ela balança a cabeça sorrindo.

Ela tira a blusa lentamente e... puta que pariu! Eu sou um sortudo filho da puta!

Gabriela é a personificação da perfeição para mim. Seu corpo magro e curvilíneo me faz enlouquecer, seus seios estão rígidos e sinto uma imensa vontade de chupá-los. Passo a língua pelos lábios e ela acompanha fazendo o mesmo gesto que eu. Sem me conter avanço até ela e tomo sua boca. Seguro sua cintura e a guio até a cama ainda com a boca colada na sua.

— Tão minha... — Seus olhos brilham e ela sorri.

— Sua... — sussurra com a voz carregada de desejo.

Deslizo minhas mãos pela sua coxa e tiro o seu short. Meus olhos quase saltam do meu rosto quando vejo que ela está sem calcinha, pronta para mim.

— Porra, você quer me matar?

Ela solta uma risadinha e puxa meu corpo em direção ao dela. Gabi morde meus lábios e inclina o quadril em direção ao meu, me deixando ainda mais duro. Ela para de me beijar e me olha com os olhos intensos e carregados de desejo; seus lábios estão inchados e vermelhos. Ela respira pesadamente e eu tiro meu short sem conseguir esperar para estar dentro dela.

Gabi está deitada no meio da cama completamente exposta para mim. Meu coração se enche de emoção. Minha menina é tão forte, ela precisou lutar contra os seus monstros e seus medos para conseguir ter um momento de intimidade comigo. E olhar para ela deitada na minha cama com os cabelos desgrehados, a respiração entrecortada e os lábios inchados e saber que tudo que ela sentiu foi apenas desejo, me deixa orgulhoso.

Eu a puxo pela mão e a levanto da cama, ela me olha confusa, mas não questiona. Paro em frente ao espelho e a faço olhar para si mesma, envolvo meus braços em sua cintura e apoio meu queixo em seu ombro olhando para o espelho.

— Olhe para você, minha menina — sussurro em seu ouvido. — Veja quantas coisas

conquistamos... Cada passo que você percorreu até aqui faz parte da sua história, da nossa história. Você é forte, mesmo que não sinta isso neste momento, eu vejo... — Faço uma pausa para conter a emoção que toma o meu peito e a viro de frente para mim. — Eu vejo força e coragem, vejo uma mulher que percorreu o inferno, andou em brasas para sobreviver, dia após dia. Essa mulher é a minha menina, minha sobrevivente. Eu te amo, Gabi — digo e, dessa vez, deixo que as lágrimas deslizem pelo meu rosto.

Seu rosto também está coberto por elas e ela não se preocupa em enxugar, Gabi se joga em meus braços e diz diversas vezes que me ama. Beijo seus cabelos e a levo de volta para a cama. Nossos corpos se unem e nossas almas se conectam como nunca se conectaram antes.

Ela é minha e eu sou dela. E juntos enfrentaremos qualquer coisa.

39

Gabriela



— **Para onde estamos** indo? — pergunto a Guilherme pela terceira vez.

Ele havia me dito que Júlia havia nos convidado para sairmos juntos, mas não me disse para onde, ele apenas me deu o capacete e disse para eu subir na garupa da moto.

Sentir o vento no meu rosto e o meu corpo colado ao seu me levou de volta a primeira vez em que eu estivesse nesse mesmo lugar. Tanto coisa mudou desde então. Sorrio, pois Guilherme tinha razão, eu sou forte! Quando decidi que queria recomeçar e experimentar coisas novas, não imaginei que realmente conseguiria.

E aqui estou eu, na garupa da moto do meu namorado, do menino que a vida me trouxe de volta.

Aperto meu braço em torno da sua cintura e deixo que ele me leve para onde quiser, pois sei que onde ele estiver, eu estarei bem.



Paramos em frente à praia de Copacabana e olho para Guilherme confusa. O que estamos fazendo parados às oito horas da noite na praia?

— Por que paramos aqui? — pergunto.

Ele estaciona a moto na orla da praia e me dá aquele sorriso que faz meu coração saltar dentro do peito.

— Você verá! — diz me puxando pela mão.

Assim que chegamos à areia, ele tira os sapatos e ergue sua calça até a altura do

calcanhar, faço o mesmo que ele e logo depois voltamos a caminhar.

De longe avisto o que parece ser uma tenda com uma pequena mesa e luzes vindo dela. Forço os olhos e vejo que há algumas pessoas em pé. Provavelmente estavam fazendo um luau.

Quando penso que Guilherme irá parar em qualquer lugar longe da tenda, para termos privacidade, ele continua caminhando em direção a ela.

— Por que estamos indo para lá? — pergunto apontando para a tenda.

— Deixa de ser curiosa! — ele diz sorrindo.

Quando chegamos até o local, os meus olhos se enchem de lágrimas. Todos os nossos amigos estavam ali: Júlia, Lucas, Rafael, Milena e até mesmo a mãe de Guilherme. Cada um deles está segurando uma flor-de-lis nas mãos.

Ver a mãe de Guilherme no meio dos nossos amigos me deixa confusa, sei que Guilherme a perdoou, mas não consigo imaginar o que ela possa estar fazendo aqui.

O ambiente está todo decorado com velas e flor-de-lis. Olho para a mesa e a vejo decorada com frutas, petiscos e vários porta-retratos com fotos minha, de Guilherme e dos nossos amigos. A primeira que vejo é a que estava em minha carteira, a que ele me deu a primeira flor-de-lis. A segunda é a que tiramos pouco antes de saltarmos de asa-delta, a terceira é de quando fomos a Jurerê, estávamos no deck vendo o pôr do sol, a foto foi tirada de trás, provavelmente por algum dos nossos amigos. Há outras com fotos dos nossos amigos, há uma minha com Júlia, no quarto pouco antes da primeira vez que saí com Guilherme como sua namorada. Há uma minha com Milena quando éramos crianças, uma com Rafael, e outra com Lucas. E até mesmo uma minha com Nina... dessa vez, as lágrimas vem sem que eu possa impedir. Seguro o porta-retratos contra o meu peito e olho para os meus amigos; todos eles estão com os olhos marejados.

A primeira pessoa a se aproximar de mim é o Rafa, ele está com uma regata branca e uma bermuda na mesma cor, ele para a minha frente e me entrega a flor que estava nas suas mãos e se afasta. Cheiro a flor e agradeço a ele com um aceno.

A segunda pessoa a se aproximar é o Lucas, seus olhos brilham, ele fica de frente para mim, e se inclina para beijar minha testa, me entrega a flor e se afasta.

Olho para Guilherme tentando entender o motivo de tudo isso... de tanto amor e carinho da parte dos nossos amigos. Mas ele apenas dá de ombros e sorri.

Fernanda se aproxima de mim também com uma flor-de-lis nas mãos, ela me entrega e eu sorrio. Não tenho raiva dela, nem mágoa, ela fez o que qualquer mãe faria em seu lugar. Ela me abraça e sussurra no meu ouvido:

— Perdão, Gabi... por tudo. — Ela dá um passo para trás se afastando com o rosto molhado por lágrimas. — Tudo que você irá vivenciar hoje é apenas o início de tudo.

Balanço a cabeça sem entender a última frase e ela apenas sorri.

Júlia e Milena se aproximam juntas, elas me abraçam e me entregam a flor. Júlia se afasta e Milena continua a minha frente, ela ergue as mãos e me entrega um papel dobrado.

— Só abra quando estiver em casa, tudo bem?

Concordo com a cabeça e ela finalmente se afasta. Olho para o lado à procura de Guilherme e ele sorri abertamente para mim, segurando também uma flor-de-lis. Ele sai do meu lado e fica de frente para mim.

— Gabi... sei que você deve estar confusa com tanta demonstração de afeto e carinho. Mas nós queremos mostrar o quanto você é importante nas nossas vidas.

Olho para eles ainda com lágrimas nos olhos e agradeço baixinho.

— E eu... — Ele limpa a garganta, se ajoelha à minha frente, e meu coração dá um

solavanco. — Eu estou aqui, porque eu quero que você, Gabriela Rosenberg, seja minha outra metade. Quero que você seja meu primeiro e último amor. Quero que você seja a mãe dos meus filhos e minha mulher pelo resto de nossas vidas. Somos jovens, ainda temos muita coisa para construir, mas eu quero construir cada uma dessas coisas ao seu lado. — Ele tira uma caixinha do seu bolso e a abre. Não consigo descrever a emoção que sinto nesse momento. O amor que emana em seus olhos é indescritível. — Você quer se casar comigo, Gabriela?

Fico um tempo o olhando e me perguntando o que eu havia feito para merecer tanto amor. Se ele tivesse feito esse pedido meses atrás, talvez eu não aceitasse, não por não querer, mas por não estar pronta. Contudo, tanta coisa mudou desde então...

— Diz que sim, sua vaca, senão eu vou até aí dar na sua cara! — Ouço Milena gritar.

Rio em meio às lágrimas e me ajoelho a sua frente. Eu estava mais do que pronta para viver o que o destino havia reservado para mim.

— Sim! — consigo dizer.

Ele ergue a mão e me puxa para os seus braços, nossos lábios se encontram selando esse momento. Nos soltamos um do outro e continuamos ajoelhados. Ele pega minha mão e tira a nossa aliança de compromisso e a guarda em seu bolso.

Guilherme tira outro anel da caixa e se eu já não estivesse chorando provavelmente estaria agora, a aliança é toda de ouro com o desenho da flor-de-lis bem pequena e em cima dela há três pedrinhas brancas, ele a ergue para que eu possa vê-la melhor.

— Dentro dela há cinco datas: as quatro primeiras são as que estão na sua tatuagem e a quinta é o dia de hoje, o dia em que você escolheu ser minha... para sempre.

Eu o beijo e ele retribui calmamente, e eu gostaria de eternizar esse momento, me sinto... completa.

— Os pombinhos já terminaram? Quero abraçar minha amiga, e matá-la porque ela conseguiu amarrar um boy primeiro que eu! — Milena diz fazendo todos nós cair na gargalhada e, em seguida, ela me puxa pelo braço e me abraça. — Ninha estaria muito orgulhosa de você nesse momento, sabe disso, né?

— Sim — digo me afastando dela.

— Eu te disse que não ia demorar para que ele fizesse o pedido... — Júlia diz se aproximando de mim. Sorrio e a abraço.

Rafael, Lucas e Fernanda vem nos desejar felicidade, logo depois comemos de tudo um pouco. Sentamo-nos em uma canga enorme que está bem próxima à mesa.

— Você é inacreditável! — Cutuco Guilherme.

Tudo ainda parece um sonho. Na verdade, nem em sonhos eu teria imaginado que esse momento seria tão especial.

— Eu sei... — diz convencido. — Mas as alianças foram presentes da minha mãe. — Ele me conta a história das alianças e, assim como ele, eu não consigo acreditar que ela se lembrava disso após tantos anos terem se passado.

Uma voz chama nossa atenção e vejo a doutora Lara segurando a mão de uma menina que é a cópia dela.

— Desculpem o atraso. — Ela olha para nossas mãos. — Eu perdi o pedido! Mas tenho certeza de que foi especial! — diz se aproximando de mim.

A menina se agarra na barra da saia dela enquanto ela me abraça e me deseja felicidades.

— Você é a famosa Elena? — Ela é loira como a mãe e tem grandes olhos verdes, suas

bochechas são levemente rosadas deixando-a com um rostinho de boneca. Ela balança a cabeça confirmando minha pergunta.

Tento me aproximar para beijá-la, mas ela se esconde atrás da mãe. Olho para Lara e ela dá de ombros.

— Desculpa por isso. Elena é muito tímida.

— Tudo bem.

— Estou orgulhosa de você!

Sorrio e nos sentamos na canga novamente. Olho para os meus amigos e continuo sorrindo sem conseguir evitar.

Depois de tanto tempo... eu estou feliz. Eu estou recomeçando... de novo, e dessa vez da melhor maneira possível.

40

Gabriela



— **Vou encher a** banheira para tomarmos um banho — Guilherme me avisa assim que entramos em casa.

Assinto e ele vai até o banheiro. Tiro os sapatos, me jogo no sofá e pego o papel que está no bolso da minha calça. Eu sei que é uma carta da Ninha, e isso só faz minha ansiedade aumentar ainda mais, pois elas me permitiam estar mais perto dela.

Nessa está escrito “noivado”. Desdobro o papel e começo a ler.

Gabi, a vida nem sempre foi fácil para você. O destino tem um jeito estranho de agir, e nem sempre compreendemos o que ele quer.

Mas até mesmo o arco-íris com a sua infinita beleza só aparece após a tempestade, minha filha. Olhe para a aliança em seu dedo, esse é o recomeço que você tanto sonhou! E o caminho que você percorreu para chegar até aqui te faz uma vencedora! Você é o arco-íris!

Eu fiquei pensando enquanto escrevia essa carta em inúmeras coisas para lhe dizer, mas eu só quero que você saiba que estou muito orgulhosa de você! Eu sabia que você conseguiria!

Vá e seja feliz!

Você merece!

Te amo, minha filha.

— Eu te amo, Ninha — sussurro com lágrimas nos olhos e o coração cheio de amor.

Ninha foi uma das pessoas mais importantes da minha vida e eu era grata a ela por todo seu amor e carinho, que me sustentaram dia após dia. Se não fosse por ela, eu não saberia o que seria de mim após tudo acontecer.

— Está tudo bem? — Guilherme me pergunta assim que sai do banheiro.

— Sim... a Mi me entregou uma carta da Nina. — Entrego-lhe o papel e ele começa a ler. Seus lábios se curvam em um meio sorriso e seus olhos brilham ao ler cada palavra.

— Eu gostaria de tê-la conhecido — diz me entregando a carta. Ele passa a mão pela minha face e puxa meu corpo em direção ao dele. Aninho-me em seus braços sentindo o calor do seu corpo me envolver.

— Ela iria adorar você! — Acaricio seu peito e sinto seu coração bater contra a palma da minha mão.

— Como ela era?

— Ela era a pessoa mais gentil e carinhosa que conheci. Nunca sequer briguei com ela, ou ao contrário. Todos os dias, ela me dizia que me amava, até mesmo quando eu não conseguia dizer. Eu devo muito a ela, Gui. Nina me acolheu quando eu não tinha ninguém...

Ele passa os braços na minha cintura e me puxa para ele.

— Só tenho a agradecê-la por cuidar tão bem da minha menina. — E então ele beija minha testa e me carrega no colo até o banheiro. Assim que adentramos o cômodo sinto o aroma dos sais de banho e suspiro. A banheira está praticamente cheia e coberta de espuma.

Guilherme para à minha frente e desliza as alças da minha blusa pelos meus ombros me causando leves arrepios com o contato dos seus dedos na minha pele nua. Seus lábios fazem o mesmo caminho que elas e eu gemo baixinho.

Ele me vira de costas e pega algo na bancada da pia. Suas mãos vão até os meus cabelos e ele os amarra desajeitadamente no topo da minha cabeça, esse gesto me faz sorrir, ele sabia que eu não gostava de dormir com os cabelos molhados e isso me fez ver que ele notava até mesmo as pequenas coisas.

Ele tira sua roupa rapidamente, entra na banheira e estende a mão, eu a seguro e ele me ajuda a entrar na banheira. Sinto a água quente sobre meu corpo e fecho os olhos sentindo todo meu corpo relaxar. Colo minhas costas no peito nu de Guilherme, que me envolve com os braços.

Ele pega a esponja e passa por todo meu corpo e eu apenas o deixo cuidar de mim.

— Gui... — eu o chamo. Eu queria lhe dizer tantas coisas...

Ele para e coloca a mão no meu queixo me fazendo olhar para ele.

— Minha menina.

— Eu me sinto feliz, como há muito tempo não me sentia. Eu quero te agradecer por fazer todos os dias da minha vida especiais, por nunca desistir de mim, por sempre acreditar na minha força até mesmo quando eu estou descrente. — Faço uma pausa e ele continua me olhando intensamente. A cada palavra, meu coração salta dentro do peito. O amor que vejo em seus olhos é algo tão sublime e intenso que não há o que dizer, as frases viram apenas palavras incoerentes. — Obrigada por ser paciente e por me amar tão intensamente...

Ele não me deixa terminar.

— Não precisa agradecer, minha menina... a minha felicidade é ver você feliz. Passei muito tempo longe de você. A vida nos separou, mas nos trouxe de volta. Tudo que estamos vivendo agora é apenas o início de tudo.

— O que eu fiz para merecer tanto amor? — pergunto com o coração carregado de amor e felicidade.

— Apenas existiu — diz depositando pequenos beijos pelo meu ombro. — Eu acredito no destino. Acredito que cada pessoa nasce com um propósito, às vezes nos desviamos e nos perdemos no meio do caminho, mas um dia voltamos para ele. E eu? Eu nasci para te amar...

Dessa vez sou eu quem o beijo. Perco-me em seus braços e em seus lábios.

Esse é o amor sublime que Ninha tanto falava. A força desse amor me faz acreditar que tudo é possível. A dor ainda fazia morada em mim, mas estava sendo sufocada pela força desse sentimento. E um dia essa dor será apenas uma lembrança de todo caminho que percorri para finalmente encontrar o meu recomeço e, pela primeira vez em muito tempo, eu estou bem com isso.

Eu estou exatamente onde gostaria de estar.

41

Guilherme



Abro os olhos ainda sonolento e sinto Gabi enroscada em mim; suas pernas estão sobre as minhas e suas mãos sobre meu peito me mantendo bem perto dela. Ela solta pequenos resmungos e me abraça mais forte. Sorrio, pois, mesmo estando dormindo, ela quer ficar junto a mim.

Fico alguns minutos abraçado a ela sentindo apenas o calor do seu corpo nu contra o meu e fazendo carinho em seus cabelos.

Meu estômago começa a doer de fome e decido levantar para preparar nosso café da manhã. Gabi resmunga um pouco quando tento me afastar, mas acaba virando para o lado e agarra o travesseiro. Ela devia estar exausta. Ontem, após o banho na banheira, nos amamos de todas as formas possíveis.

Saio do quarto sem fazer barulho, sigo até o banheiro, faço minha higiene e vou até a cozinha. Preparo as torradas, ovos mexidos e nosso café. Quando termino de arrumar a mesa e lavo a louça que eu havia sujado, sinto pequenos braços me envolverem por trás enquanto coloco a louça no escorredor. Viro-me e encontro Gabi com uma blusa minha que vai até a metade das suas coxas e o cabelo amarrado em um coque frouxo. Se ela soubesse o quanto fica sexy vestida assim.

Ela me dá o sorriso que eu tanto amo e fica na ponta dos pés para me beijar, eu a pego no colo e a coloco sentada na bancada da cozinha. Subo minhas mãos pela sua cintura embaixo da camisa e ela solta pequenos gemidos.

Beijo seus lábios e ela enrosca suas pernas em minha cintura me aproximando ainda mais dela.

— Bom dia — sussurro contra seus lábios.

— Dia... — Nesse momento sua barriga ronca bem alto e nos afastamos um do outro.

Sorrio e seguro sua mão para ajudá-la descer da bancada.

— Vem, vamos te alimentar.

Sentamo-nos à mesa e ela começa a comer a torrada, ela brinca com as mãos e mantém a testa franzida como se estivesse tentando decidir algo.

— O que foi? — pergunto segurando sua mão sobre a mesa.

— Estou pensando em ir ao concerto da filha de Iara... sei que nossos mundos são diferentes e nada do que aconteceu comigo, aconteceu com ela. Mas eu meio que me vi naquela garotinha, sabe? É difícil de explicar.

— Você já provou a si mesma que venceu seus fantasmas, minha menina, falta apenas única coisa para você seguir em frente de vez. Os nossos sonhos são algo que ninguém jamais deve tirar de nós. Você amava tocar, não por causa dele. Mas porque isso te alegrava. A primeira vez em que te vi tocar, você parecia um anjo. Você estava tão linda naquele vestido branco com os cabelos loiros cobertos por um laço no alto da sua cabeça. — Sorrio sem conseguir evitar, foi a primeira vez que fui a um concerto, eu implorei para que minha mãe me levasse e por fim ela cedeu. — A música fluía através de você, havia uma chama em seu olhar, você sorria abertamente e tocava com toda sua alma. Essa chama ainda existe aí dentro, por mais que você não queira que ela exista. Não deixe que ele tire isso de você. É isso que você viu na filha de Iara, vocês compartilham da mesma paixão.

Vejo-a travar uma batalha consigo mesma. Contorno a mesa e me ajoelho ao seu lado segurando uma de suas mãos.

— Se eu te mostrar algo, promete não ficar brava? — pergunto. Eu havia preparado essa surpresa para ela após a nossa primeira vez... mas tanta coisa aconteceu desde então, que eu não conseguia achar o momento certo para lhe dar.

— Não sei... — Sorrio da sua sinceridade e faço-a levantar da cadeira.

— Vista algo, vamos até a garagem — digo a ela.

— O que você aprontou, hein? — resmungo sumindo dentro do quarto.

Vou atrás dela e coloco minhas roupas, seguro suas mãos e pegamos o elevador, que logo nos leva até o subsolo.

Caminhamos até o depósito e ela estaca no lugar.

— Você comprou uma asa-delta para mim? — pergunta e eu apenas sorrio.

Eu aluguei o depósito, pois não havia espaço no meu apartamento para colocar minha asa-delta. E quando o presente dela havia chegado eu não fazia ideia de como poderia escondê-lo, mas então me lembrei do depósito, ela só ia até ele comigo. Então seria perfeito.

Pego as chaves no meu bolso e o abro. Gabi entra atrás de mim e eu tiro um pano que havia posto para cobri-lo.

Seus olhos se arregalam e ela vira para mim com o rosto cheio de lágrimas e, ao mesmo tempo, confuso.

— Um piano? Guilherme...

— Eu o comprei há alguns meses, quando demos o primeiro passo. Eu não quero que aquele homem tire mais nada de você, Gabi. Sei que não é fácil para você e eu entendo se estiver brava comigo. Mas era o seu sonho. Sei o quanto você ama Engenharia... porém, a música era tudo para você. Não estou pedindo para você sentar e tocar. Eu só quero que você siga os seus sonhos, faça o que seu coração mandar. Estou apenas te dando o caminho, o passo é você quem dá.

— Eu... não sei o que dizer... — diz em meio a soluços.

Eu a abraço e ela chora contra o meu peito.

— Vou pedir para que subam com ele e o coloquem no quarto que era da Júlia.

— Guilherme...

— Só dê uma chance, se você não suportar olhar para ele, eu o desço de volta, tudo bem?

Ela suspira e assente. Fecho o depósito e subo com ela abraçada a mim de volta ao apartamento. Passamos o dia inteiro vendo documentários, dessa vez sobre estruturas metálicas.

Ela pega o celular e fica jogando de uma mão para a outra parecendo estar nervosa.

— O que foi? — pergunto.

Ela morde o lábio inferior e me olha.

— Eu quero ir ao concerto — diz.

— Então eu vou com você — digo orgulhoso.

Ela envia uma mensagem para Lara confirmando nossa presença. Gabi se enrosca em mim e passamos o restante da tarde juntos.



42

Gabriela

Os dias passaram voando e com eles o dia do concerto. Desde que Guilherme trouxe o piano para o apartamento, eu não tenho entrado no quarto que era de Júlia... eu ainda não conseguia.

Voltei a estudar e agora estou correndo atrás de toda matéria que eu havia perdido. Guilherme tem me ajudado e por isso não tenho maiores dificuldades.

Faltavam apenas algumas horas para a apresentação da filha de Iara e eu estava muito nervosa. Muita coisa mudou e sei que não sou mais aquela Gabriela de antes, que vivia com medo e assustada. Mas isso... é diferente. Eu só ia nesses lugares com meus pais, tenho medo de que as lembranças dolorosas me assombrem e eu desmorone.

— Ei, que carinha é essa? — Guilherme pergunta assim que entra em casa. Ele havia saído para pegar seu terno na lavanderia e eu estava sozinha com meus pensamentos.

— Estou com medo... — conto a ele tudo que estou sentindo enquanto ele segura uma das minhas mãos.

— Você irá conseguir sim! Eu acredito em você... e há outra pessoa que te conhecia melhor do que eu mesmo — ele pede para que eu espere e entra no quarto de Júlia.

Ele volta segurando um envelope e me entrega.

— O que é isso? — pergunto.

— Milena sabia de tudo, e ela me entregou isso quando lhe contei o que pretendia. Eu não sabia a hora certa de te entregar, eu não li, mas Milena disse que está relacionado aos seus sonhos.

Tiro o papel do envelope e pego a carta, nessa está escrito: “Siga os seus sonhos”. Meu coração acelera e começo a ler.

Gabi, essa é a penúltima carta que você receberá. Se tudo acontecer na ordem que eu espero... mas se eu te conheço bem, sei que falta apenas isso para você fechar o círculo.

Quando eu te conheci, você já não tocava mais, o que era uma pena, eu adoraria ter visto você tocar. Mas você sempre estava com fones de ouvidos cantarolando quando achava que ninguém estava vendo.

Seus olhinhos brilhavam. Era nesses momentos em que você permitia que a música fluísse através de você que eu te via feliz... e plena.

Sei que os seus sonhos podem ter mudado. Mas não a sua paixão, ela é um sentimento poderoso e continua dentro de nós como uma pequena chama, mesmo que ainda pequena, emana calor. E isso existe dentro de você e sempre existirá.

Nunca deixe que nada, nem ninguém, apague essa chama. Vá em frente. Siga o seu coração e brilhe! Mesmo que haja escuridão!

Eu te amo.

Ninha.

O choro vem sem que possa evitar, a saudade é inevitável, Ninha tornou a minha vida melhor, e se não fosse por ela eu nem sei o que seria de mim.

Guilherme me abraça e deixa que eu chore em seus braços.

Eu não sei se consigo... eu odiava decepcionar Ninha. Mas essa é uma parte da minha vida no qual eu não sabia se conseguia suportar, não sem desmoronar.

Olho para Guilherme e ele passa as mãos pelas minhas bochechas enxugando minhas lágrimas.

— Está quase na hora, tem certeza de que ainda quer ir? — pergunta.

— Sim... eu preciso disso. — Preciso descobrir se sou forte o suficiente.

— Essa é a minha menina, venha, vamos nos arrumar.



Saio do carro, aliso meu vestido bege com as mãos e ajeito os cabelos. O evento iria acontecer no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e apesar de estar morando no Rio há algum tempo eu nunca havia ido até ele.

Saímos do estacionamento de mãos dadas e caminhamos em direção ao teatro.

Ele parece um castelo! As janelas são enormes e vão do chão até o teto assim como as portas, as colunas são redondas típicas de construções antigas, os vitrais e os mosaicos são de tirar o fôlego. O conjunto arquitetônico é fantástico!

— É lindo, não é? — Guilherme me pergunta.

— Sim — respondo ainda olhando para o teatro. Eu estava encantada!

— Ele foi inaugurado em 1909, mas a construção se iniciou em 1905. Foram chamados os mais importantes pintores e escultores da época: Eliseu Visconti, Rodolfo Amoedo e os irmãos Bernardelli.

— Nerd!

Ele ri.

— Você sabe que eu não sou. Eu só gosto de ler histórias sobre as grandes construções.

Vamos entrar, já está na hora — diz enroscando seu braço no meu.

Minhas pernas tremem, mas continuo andando. Guilherme entrega nossos convites a um senhor alto, vestido com um terno impecável, que nos deixa passar. Caminhamos por um corredor largo coberto de quadros até chegarmos de fato aonde aconteceria a apresentação.

Por dentro ele é ainda mais bonito, os estofados são vermelhos, combinando com a cortina do palco. Há também algumas cabines nas laterais, e na parte de cima um enorme lustre.

Passo os olhos no lugar à procura de Lara e a encontro conversando com um senhor de meia-idade. Assim que ela nos vê vem em nossa direção sorrindo. Ela está com um vestido longo assim como o meu, só que o dela é azul-claro combinando com seus olhos.

— Estou tão feliz por vocês terem vindo! — diz nos cumprimentando. — Como você está? — pergunta sutilmente se dirigindo a mim.

— Nervosa — respondo com sinceridade.

Ela segura minha mão e fixa o olhar em mim.

— Você só está a um passo de descobrir o quanto você é forte.

Sorrio querendo acreditar em suas palavras e Guilherme coloca a mão nas minhas costas.

Ela nos guia até os nossos assentos, que ficam próximos ao palco, e aguardamos as apresentações começarem.

As cortinas se abrem e revelam uma moça jovem e sorridente. Ela apresenta o primeiro grupo e então todas as luzes do teatro se apagam. Há apenas uma luz branca sobre um piano revelando a filha de Lara atrás dele. Seus cabelos estão encaracolados e o seu rosto... demonstra uma felicidade sem fim!

Sinto um aperto em meu peito e fecho os olhos tentando ignorar as imagens que se passam em minha mente.

Minha atenção retorna quando ouço o primeiro acorde. Vejo Elena com os olhos concentrados no piano e um enorme sorriso no rosto. A música que está tocando é o clássico *Lago dos Cisnes*. Eu toquei essa mesma música na minha primeira apresentação, mas não tenho muito tempo de pensar nela porque logo outro holofote é ligado revelando ainda no palco uma bailarina que também deveria ter a idade de Elena. Ela dança conforme a música, movimentando os pés e as mãos e dando pequenas piruetas.

E então o último holofote é ligado revelando uma violinista, que aparenta ser um pouco mais velha. Ela toca com os olhos fechados e assim como Elena com um enorme sorriso no rosto.

A cena que se desenrola à minha frente é tão linda que me deixa com lágrimas nos olhos; três garotas, todas com a mesma paixão dando tudo de si no palco, elas tocam e dançam como se não houvesse amanhã. Olho para Elena e a vejo perdida em seu próprio mundo; dessa vez sua cabeça está inclinada para trás e ela sorri abertamente. Sem que eu possa evitar as lembranças vêm.

Estou sentada no meio do palco olhando fixamente para a plateia à procura dos meus pais. Eu queria que eles me vissem! Eu os avisto e eles acenam para mim. Sorrio e a minha professora me diz que posso começar. Minhas mãos tremem por causa do nervosismo, mas consigo fazer o primeiro conjunto de acordes sem errar. Olho para os meus pais e os vejo sorrindo. Sorrio de volta e volto a me concentrar nas minhas mãos, dessa vez o nervosismo já foi embora, então fecho meus olhos e deixo que o som da música preencha meus ouvidos.

Meu corpo se arrepia em cada conjunto de acorde, sorrio ainda de olhos fechados. Eu poderia fazer isso para sempre... amo sentir cada vibração que a música produz, viajo a cada nota sentindo uma imensa felicidade, abro os olhos, mas não olho para a plateia. Continuo tocando até a última

nota. Os aplausos enchem os meus ouvidos e choro emocionada.

Guilherme toca o meu braço desviando minha atenção das lembranças, seu semblante está franzido e sei que ele está preocupado comigo.

— Eu estou bem — sussurro para ele enxugando uma lágrima que havia escorrido sem que eu pudesse evitar.

E eu estou bem, pois, por mais que as lembranças ruins tentem me consumir, eu me lembrei do sentimento que era me sentar em frente ao piano e deixar que a música me transportasse para outro lugar.

Durante toda apresentação, Guilherme segurou a minha mão. Ao final todos se levantam e aplaudem, Elena se levanta, caminha até o centro do palco e faz uma reverência. Meus olhos se enchem de lágrimas. Guilherme tinha razão. Era isso que tínhamos em comum, a mesma paixão. Ela procura por sua mãe no palco e quando a encontra sorri abertamente.

Mais cinco grupos se apresentam, todos de modo diferentes; com dança, violão, uma grande orquestra formada por crianças e houve até mesmo a apresentação de uma peça.

Saímos do teatro e voltamos ao grande corredor. Lara pede para esperarmos enquanto ela vai até Elena.

— Como você está se sentindo? — Guilherme pergunta.

— Não sei... é estranho dizer. Quando eu cheguei aqui, todas as lembranças estavam tentando me consumir. Mas então uma delas eu me permiti sentir. Foi a primeira vez em que me apresentei. Se eu fechasse os olhos, eu podia sentir exatamente o sentimento que me tomava naquele momento. E eu senti falta. Acho que isso tudo... faz parte de mim. Eles podem ter me colocado nesse caminho, mas a paixão é minha.

— Estou orgulhoso de você — diz para mim com os olhos brilhando de emoção.

Sorrio e logo Lara se junta a nós com Elena, que dessa vez não se esconde atrás da mãe. Ela está ao seu lado.

— Vocês gostaram? — pergunta timidamente brincando com as mãos.

— Nós adoramos, querida! — sua mãe responde passando as mãos pelos seus cabelos.

Me abaixo até ficar na altura dela, que olha para mim com os olhos idênticos aos de Lara.

— Foi mágico! — sussurro para ela.

Ela sorri e vejo seus olhinhos brilharem.

Decidimos jantar juntos em um restaurante próximo ao teatro e conversamos por um tempo.

Sinto pequenos dedinhos me cutucarem, olho para o lado e vejo Elena com os olhos em mim.

— Mamãe disse que você também toca, é verdade?

— Isso foi há muito tempo, quando eu tinha a sua idade — consigo dizer, apesar do nó que se forma em minha garganta.

— Então você não toca mais? — pergunta parecendo confusa.

— Não.

Ela assente e volta a comer.

Olho para Lara e Guilherme conversando, mas não consigo prestar muita atenção no que eles estão falando, meus pensamentos estavam em outro lugar, e então novamente sinto Elena me cutucar.

— Você devia voltar a tocar — é tudo que ela diz.

Engulo em seco e tento sorrir, mas não consigo. Vir até o teatro foi um grande passo para mim. Um passo maior do que eu podia imaginar. Se perguntassem para a Gabriela que chegou ao Rio de Janeiro querendo recomeçar, se ela estaria sentada no meio de um teatro vendo uma

garotinha fazendo o mesmo que ela fazia anos atrás, ela não acreditaria. Mas tocar... é um passo gigantesco, eu já havia abandonado esse sonho quando o inferno em minha vida começou.

Conversamos por mais alguns minutos e nos despedimos. Lara me abraça e diz em meu ouvido:

— Estou orgulhosa de você.

Ela solta me solta e Elena vem até mim.

— Você pode ir com a mamãe de novo? No próximo concerto? — ela pergunta. Estranho o convite repentino, mas decido aceitar. Hoje, eu provei para mim mesma que eu consigo. Posso ver apresentações sem desmoronar.

— Claro! — respondo me abaixando para ficar na sua altura. Abro os braços e ela me abraça. Eu a solto e vejo os olhos de Lara brilhando.

Guilherme beija Elena e Lara, nos despedimos e vamos direto para casa.

Abro a porta do apartamento e me jogo no sofá. Apesar da apresentação não ter sido muito longa, eu estava exausta.

— Vou tomar uma ducha — Guilherme avisa entrando no nosso quarto.

Levanto do sofá e caminho até o quarto de Júlia. Olho para o instrumento que me manteve longe desse quarto por dias e me aproximo.

Meu coração bate descontroladamente. Faz anos que não chego perto de um... Passo a mão pela madeira e fecho os olhos tentando encontrar forças dentro de mim para conseguir seguir em frente.

Penso na carta de Nina, na força que Guilherme me transmite, nos meus amigos que estão sempre ao meu lado, e em tudo que passei desde que cheguei ao Rio.

Me sento na cadeira de frente para o piano. Olho para ele e sinto inúmeros sentimentos me invadir: raiva, felicidade, tristeza, esperança e desejo. Tudo me invade como uma avalanche.

Abro a tampa e passo os dedos pelas suas teclas suaves sem pressioná-las. As lembranças ruins começam a me invadir; os gritos, os abusos... tudo. Suspiro e me concentro no agora, em tudo que vivi para chegar até aqui.

Lembro-me da apresentação de Elena e de como tudo aquilo fez o meu coração transbordar. A imagem minha ainda garotinha vem à minha mente e deixo que o sentimento tome conta de mim.

Abro os olhos e levo uma das minhas mãos até as teclas novamente, dessa vez como se não tivessem se passado anos e sinto a mesma familiaridade. A primeira nota é feita e a primeira lágrima é derramada. O som preenche o ambiente e então começo a mover os meus dedos por todo o teclado tocando a primeira música que toquei na vida: *O Lago dos Cisnes*. Eu me sinto... plena. O mesmo sentimento da garotinha sonhadora. Meu rosto está repleto de lágrimas, e sinto que sim. Eu havia fechado o ciclo. Eu consegui...

Ouç o barulho da porta se abrindo e vejo Guilherme na soleira com os olhos arregalados e o rosto coberto de emoção. Continuo tocando olhando diretamente para ele. Para o meu amor. Ele se aproxima de mim e eu me jogo em seus braços assim que termino a música.

— Eu consegui... — repito isso inúmeras vezes contra o seu peito.

— Eu nunca duvidei que conseguiria, minha menina — diz segurando meu queixo aproximando meu rosto do seu. E me dá um beijo lento.

A felicidade que me invade é tão grande que não consigo disfarçar o meu sorriso. Guilherme me solta e vejo seus olhos molhados e um enorme sorriso.

— Então? Posso deixar ele aqui? — pergunta.

— Sim! — respondo o beijando. Ele sorri contra minha boca e coloca a mão no meu rosto me aproximando ainda mais do seu corpo. Enrosco meus braços em seu pescoço e ele continua me beijando intensamente.

— Minha... — diz se afastando de mim e me olhando como se eu fosse a última gota de água no oceano.

— Sua.

Guilherme me pega no colo e eu solto um gritinho de surpresa. Ele caminha comigo até o quarto e me deposita lentamente na cama. Seus olhos brilham e apenas em seu olhar consigo ver o seu amor e devoção. Ele tira a camiseta, o short e fica apenas com uma boxer.

Retiro meu vestido e fico apenas de calcinha. Guilherme engatinha na cama até pairar o corpo sobre o meu. Sinto o cheiro de banho recém-tomado assim que ele abaixa a cabeça e toma os meus lábios. O gosto de menta misturado com o seu sabor me faz flutuar com apenas um beijo; é lento e calmo, como se ele quisesse provar cada pedaço do meu corpo. Seus lábios seguem uma trilha da minha boca até a minha barriga fazendo todos os meus nervos internos tremerem de excitação.

Seu rosto paira sobre a minha barriga e sinto seu hálito quente. Cruzo minhas pernas para tentar aliviar a pressão em meu ventre, mas Guilherme as segura e tira minha calcinha. Sua boca me toma e não consigo controlar meus gemidos.

— Gui...

Sinto todo meu corpo tremer e gozo. Olho para Guilherme e o vejo tirando a cueca e colocando um preservativo. Ele desliza lentamente dentro de mim, me olhando. Seus olhos brilham e refletem amor, o mesmo amor que refletem nos meus. Ele começa a se movimentar e eu cruço os braços no seu pescoço mantendo seu corpo colado ao meu.

Nossos corpos estão conectados assim como nossas almas. O amor transborda dentro de nossos corações e transparece em nossos olhos. Eu era dele, e ele era meu, e eu nunca estive tão feliz em toda minha vida.



Epílogo

Gabriela

Um ano depois...

Olho as pessoas ao meu redor e avisto Júlia e Milena em um canto conversando. Passo as mãos pelo meu vestido branco para conferir se está tudo no lugar.

Levanto os braços e chamo por Júlia, ela anda até onde estou em passos largos e pergunta:

— Está nervosa?

— Um pouco, mas estou pronta.

Ela assente, me abraça e caminha até o cerimonialista. Ela conversa com ele, que balança a cabeça afirmando que já posso começar. Sento de frente para o piano e solto o ar que estava preso em meus pulmões por conta do nervosismo; era a minha primeira vez, depois de anos, na frente de tantas pessoas, que sinto um calafrio passar pela minha espinha.

Hoje é a formatura de Guilherme, Lucas e Rafael. Quando Júlia me disse que estavam procurando alguém para tocar na cerimônia, ela me contou que logo pensou em mim e disse ao organizador que tinha alguém em mente.

Eu relutei no início, mas acabei cedendo. Desde que toquei no quarto de Júlia há um ano, eu reencontrei a minha verdadeira paixão. Não tenho vontade alguma de largar meu curso de engenharia, afinal eu amo a área. Porém, a música... ela arde em meu peito. O sentimento nunca muda, a plenitude que me invade é algo indescritível. Eu finalmente estou completa.

Começo a tocar *Noturno*, de Chopin, e os estudantes começam a entrar. Guilherme não sabia que eu faria a abertura para eles entrarem, porque queria que fosse surpresa. Todas as vezes que ele me via tocando incansavelmente no piano, eu dizia que apenas queria melhorar, pois, após tantos anos sem tocar, eu precisava voltar a treinar.

Continuo tocando, eu queria fechar os meus olhos e sentir a música fluir através do meu corpo sem olhar para as pessoas ao meu redor, como eu sempre fazia, mas, dessa vez, eu queria ver Guilherme entrando. A última turma entra e eu vejo o meu amor... meu noivo, entrando com uma beca e o capelo, ele anda até o palco e se posiciona. Percebo o momento que ele me vê, pois sua boca se abre e fecha diversas vezes e seus olhos quase saltam do seu rosto. O sorriso brota em seu rosto e vejo algumas lágrimas caírem. Eu estou tão orgulhosa dele! Guilherme, Lucas e até mesmo Rafael se formaram com louvor.

Termino de tocar os últimos acordes ainda olhando para Guilherme, e as pessoas aplaudem quando a música acaba. Me levanto, faço uma pequena reverência e vou até onde Júlia e Milena estão.

Os diplomas são entregues e o discurso de encerramento é feito. Os alunos saem do salão em fila assim como entraram. Saio com Júlia e Milena e logo sinto braços fortes me envolverem e me levantarem do chão.

— Não acredito que você fez isso!

— Você gostou? — pergunto.

— Se eu gostei? Porra, você parecia um anjo! Eu amei, minha menina.

Ele toma os lábios em um beijo faminto e eu me afasto envergonhada.

— Ei! Arrumem um quarto! — Ouço Júlia falar atrás de mim. Guilherme afasta o corpo do meu sorrindo.

— Anjo, você estava tão linda! — Rafael surge atrás de Guilherme e me abraça.

— Obrigada — resmungo envergonhada, ele me solta e vejo Guilherme sorrindo para nós.

Sua mãe surge atrás dele e ela o abraça com os olhos vermelhos indicando que ela também havia chorado. Guilherme a abraça e ela sorri.

Lucas se posiciona ao lado deles com a sua mãe, olhando para o relógio.

— Está quase na hora — ele nos informa.

— Para quê? — Milena pergunta.

Rafael, Lucas e Guilherme sorriem entre si e nós olhamos para eles sem entender nada.

O que eles haviam aprontado?

Uma linda limusine estaciona bem na entrada do salão desviando nossa atenção, os meninos se aproximam dela, Guilherme abre a porta dela e eu permaneço no lugar.

— Porra! Vocês não sabem nem brincar! — Milena diz alto o suficiente para que possamos ouvir.

— Sério? Uma limusine? — pergunto dessa vez me aproximando de Guilherme.

Ele balança a cabeça concordando e me dando passagem para entrar.

Entramos e seguimos para o salão onde aconteceria a festa.



O salão de festa está lotado de pessoas. Passo os olhos pelo ambiente e fico admirada, a arrumação está impecável; as mesas são grandes e redondas acompanhadas de, pelo menos, oito cadeiras de madeira, há quatro lustres de vidro pendendo pelo ambiente e um bar enorme que toma toda a lateral do salão. Seguimos para a mesa que reservaram para nós e brindamos. Pela primeira vez vejo a mãe de Lucas, que nada se parece com ele; ela tem a pele bem morena,

cabelos negros e os olhos castanho-escuros. Lucas perdeu o pai quando tinha quinze anos, então era apenas ele e a mãe.

O pai de Rafael estava na entrega dos diplomas, mas não o vi desde que chegamos ao salão. Fernanda estava radiante ao lado de Guilherme. Durante esse ano nós nos aproximamos e até nos tornamos amigas. Eu a compreendi, por mais que ela tenha nos separado eu a entendo. E faria o mesmo em seu lugar.

Conversamos durante alguns minutos, e decidimos ir até a pista de dança. Quando eu e Guilherme voltamos à mesa, Lucas ergue sua taça e diz:

— Às novas conquistas.

Brindamos e eu sorrio. Penso em tudo que aconteceu desde o início da minha vida até agora. E finalmente entendo: cada cicatriz que a vida me deixou é apenas uma certeza de que cada ferida sarou. São as marcas que mostram que eu venci. Elas sempre farão parte de quem eu sou... uma sobrevivente.

Sinto os braços de Guilherme me envolverem e fecho os olhos deixando o calor do seu corpo me aquecer.

— Está tudo bem? — pergunta roçando o nariz no meu pescoço.

— Mais do que bem, eu estou exatamente onde gostaria de estar.

— Eu te amo, minha menina — sussurra em meu ouvido. — E eu também tenho uma surpresa para você.

— Sério?

Ele balança a cabeça concordando.

— Quer fugir para ver a surpresa?

Olho para nossos amigos e vejo todos engatados em uma conversa. Balanço a cabeça afirmando e falo no ouvido de Milena:

— Eu já vou... Guilherme preparou algo para nós.

— Eu sei, bobinha. Desfrute do seu presente — ela solta uma risadinha. Olho para Júlia e a vejo rindo também.

Me despeço de todos e Guilherme me guia até o carro.

— As meninas já sabem?

— Sim!

— Guilherme! Elas são minhas amigas, não suas cúmplices.

Ele sorri mostrando as covinhas e sai com o carro do estacionamento.

— Você não vai me dar nenhuma pista? — pergunto quando vejo que ele permanece calado.

— Não.

Coloco a mão em seu joelho e ele suspira, deslizo as pontas dos meus dedos pela sua coxa interna e o ouço arfar, mas ele segura minha mão me impedindo de avançar.

— Esperta. Mas não! Já estamos chegando.

Guilherme para o carro no portão de um condomínio. O porteiro sai da cabine, olha para Guilherme e volta para dentro. O portão é aberto e Guilherme entra com o carro.

— Viemos visitar alguém?

— Deixa de ser curiosa!

Suspiro e desisto de tentar desvendar esse mistério. Passamos por muitas casas com a arquitetura incrível, e outras ainda em construção. Paramos em frente a uma casa de dois andares com uma sacada que fica bem no meio da casa, de frente para um pequeno jardim. Guilherme

pega um molho de chaves no bolso e abre o portão.

Por que Guilherme tinha a chave dessa casa? Nós nunca viemos aqui!

— Guilherme, quem mora aqui?

— Por enquanto ninguém.

Ele pega o molho de chaves, retira uma e entrega nas minhas mãos. Olho para ela surpresa e ouço a risadinha de Guilherme. A chave é toda prateada, mas na parte de cima há duas iniciais na cor vermelha escrito: G & G.

Levo minhas mãos à boca sem conseguir dizer palavras alguma. Ele estava dizendo que a casa é nossa?

— Vá em frente, abra.

Com as mãos trêmulas, eu a abro e Guilherme vem atrás de mim, a casa está completamente vazia, sem móvel algum, sinto cheiro de tinta fresca e vejo que há algumas latas de tintas espalhadas pela casa.

— Eu projetei essa casa para nós. Comecei assim que você aceitou morar comigo — diz com um enorme sorriso no rosto.

— Nós? — pergunto ainda sem acreditar.

— Sim. Eu, você e nossos filhos.

— Você está me dando um lar?

As lágrimas caem sem que eu possa evitar. Tudo que sempre sonhei foi ter uma família, e agora Guilherme está me dando mais do que isso.

— Um lar para construirmos nossa família. Você pode decorar e mobiliar como quiser. Meu único desejo era poder projetá-la.

— Guilherme... Eu nem sei o que dizer... é o melhor presente que eu poderia receber!

Me jogo em seus braços e ele passa os braços ao redor da minha cintura.

— Diga que sim.

— Mas eu já disse que sim — digo mostrando minha aliança.

— Você aceitou se casar comigo. Agora, quero que aceite construir a nossa família.

Abro e fecho a boca diversas vezes ainda chocada com tantos acontecimentos.

— Sim! Sim! — Beijo seu rosto e ele leva as mãos até o meu pescoço aproximando ainda mais os nossos rostos.

— Podemos começar agora, o que acha? — sussurra em meu ouvido.

Bato em seu braço e ele ri.

— Igual a você não existe, Guilherme Ávila! — E não existe mesmo. Ele tem razão, todos nós nascemos com um propósito, e o dele não era apenas me amar, mas também me fazer feliz pelo resto da minha vida. E eu não poderia estar mais feliz com isso.

— Eu sei — diz convencido.

FIM

A black and white photograph of a man and a woman on a motorcycle, parked in a field. The woman is sitting behind the man, and both are wearing leather jackets and sunglasses. The background is a vast, open field with some trees in the distance.

Agradecimentos

Escrever O que resta de mim: Depois da verdade foi o maior desafio da minha vida. Muitas vezes, eu me via chorando sozinha e com medo de não conseguir finalizar a história do casal G & G, por isso não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que tornaram a finalização desse livro possível.

Bruna Sousa, Tatiana Ramos, Heloísa Esther, Beatriz Andrade, Larissa Cardoso, Thalia Calado, Lari Azevedo e Gerluci Quintans obrigada por estarem comigo desde o início e por sempre me cobrarem mais um capítulo. Vocês são as melhores, amo vocês!

Carla Fernanda, não posso deixar de lhe agradecer por cuidar tão bem dos meus personagens, obrigada por cada conversa e por cada palavra de incentivo.

Renata Margaria, obrigada por acreditar no meu potencial até mesmo quando eu não acredito.

Daisy Yukie, Paula Azevedo, Mariana Ornelas, Renata Homrich, Aparecida Silva Feitoza, Patricia Christmann, Caroline Couto, Stephany Rodrigues Almeida, Suelen Fernandes, Thaís Bueno Serafim, Jô Silva, Aninha Vasconcelos, Beatriz Guimaraes, Josy Borges, Juliana França, Marina Santos e Sara Kerolen, minhas parceiras lindas, obrigada por apoiarem a nossa literatura. Vocês são incríveis!

Ao meu namorado, meu amor, obrigada por ser o meu pilar.

A minha família e aos meus amigos, obrigada por me apoiarem tanto, amo vocês!

E por último, mas não menos importante, agradeço a você leitor que acompanhou a história do casal G & G, vocês tornaram tudo isso possível lendo cada pedacinho do meu sonho. Amo vocês!

Não deixe que nada, nem ninguém, impeça a sua felicidade. Corra, avance, conquiste e lembre-se sempre: “Brilhe, mesmo que haja escuridão”.



Sobre a autora



Thays M. de Lima tem 21 anos e vive no Rio de Janeiro. Geminiana e dramática assumida, é apaixonada por New Adults e clichês.

Estudante de engenharia civil, também é apaixonada pela literatura, motivo pelo qual há dois anos criou seu canal no Youtube.

Com uma rotina bem agitada, divide seu tempo entre a faculdade, trabalho e o blog. Autora de *O que resta de mim*, *Livie & Téo* e da antologia *Blogueiras.com*.

A black and white photograph of a man and a woman on a motorcycle in a field. The woman is sitting on the back of the motorcycle, and the man is sitting on the seat. They are both wearing leather jackets and sunglasses. The motorcycle is parked on a dirt path in a field of tall grass. The background shows a line of trees under a clear sky.

Outras obras



O que resta de mim

Série Flores
Flor-de-lis – VOL. 1

Disponível em e-Book

[Compre aqui!](#)

Com a intenção de superar seus traumas, Gabriela deixou São Paulo para tentar um

recomeço no Rio de Janeiro. Seu objetivo era apenas iniciar seus estudos em uma das maiores universidades da cidade e tocar sua vida de alguma forma.

Guilherme é avesso a compromissos, mas nem sempre foi assim. Aos 12 anos, ele fora tirado da vida que conhecia deixando para trás uma promessa não cumprida.

Enquanto Gabriela quer ficar longe de encrenca, Guilherme é a definição de encrenca.

Contudo, ele é único que consegue enxergar através de seus olhos. E isso a aterroriza, porque ela pensou ter deixado seu passado para trás, mas na verdade ele estava bem à sua frente.

Quando o amor e um passado repleto de feridas andam juntos resta apenas uma escolha...



Livie e Téo

Disponível em e-Book

[**Compre aqui!**](#)

Disponível no formato físico

(Verificar disponibilidade)

[**thaysm.delima@gmail.com**](mailto:thaysm.delima@gmail.com)

Há dois anos, Téo nutre uma paixão platônica por sua melhor amiga Livie, mas ela nem se dá conta disso, pois namora o garoto mais popular da faculdade e o vê apenas como seu amigo inseparável.

Como se não bastasse isso, Téo vem de uma família pobre, mas nunca desanimou diante das dificuldades. Lutou com muita perseverança, coragem e determinação, principalmente para ser alguém na vida. Com muito esforço e dedicação, conseguiu entrar em primeiro lugar numa das maiores faculdades públicas da cidade.

Completamente o oposto de Livie, que é filha do prefeito e tem o mundo aos seus pés. No entanto, a jovem nem imagina que sua vida mudará drasticamente devido a um evento inusitado, que colocará a amizade entre eles à prova.

Será que a amizade — e quem sabe o amor — é capaz de uni-los diante das

adversidades?



Blogueiras.com

Disponível em e-Book

Compre aqui!

Oito histórias. Oito protagonistas. Uma paixão em comum: blogar!

Nas páginas desse livro, você conhecerá oito garotas diferentes com um sonho em comum. Seja falando de livros, música, comportamento ou viagem, tudo o que elas querem é compartilhar interesses e fazer novos amigos. No caminho, contudo, elas descobrirão que a blogosfera tem muito mais a oferecer. Embarque com elas nessa aventura e viva o sonho intensamente. Bárbara, Amanda, Mafalda, Valentina, Lilia, Helena, Aline e Clara vão te surpreender.



Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Grupo no Facebook](#) | [FanPage](#) | [Instagram](#)
[Wattpad](#) | [Skoob](#) | [Blog](#) | [YouTube](#)
thaysm.delima@gmail.com

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

OBS: Avaliando o e-Book você ganha um kit de marcadores autografados e brindes exclusivos. Basta encaminhar para o e-mail (thaysm.delima@gmail.com) o print de sua avaliação junto com seu endereço.

